REVISTA DA SEMANA

N.º 14 ★ 7-4-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL





NO TEXTO: **QUE PENSA DO DIARIO DE HUMBERTO DE CAMPOS?**

COPACABANA A OLHO NÚ -- A DOCE INIMIGA

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

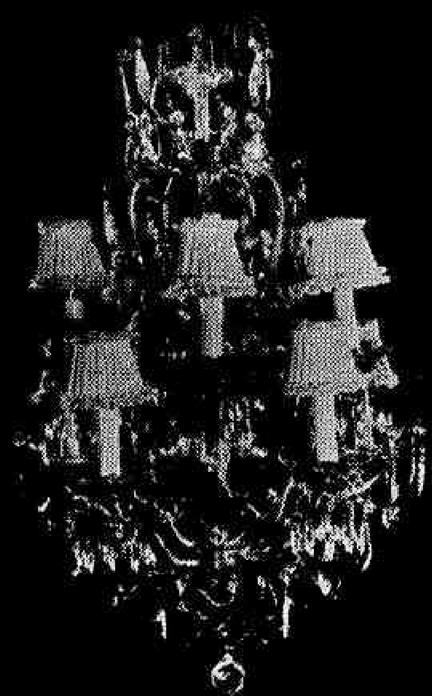
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

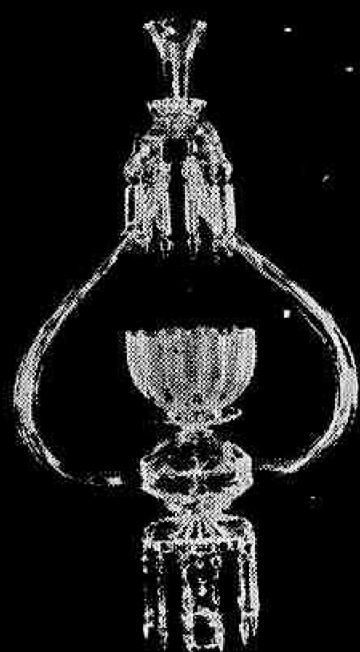
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

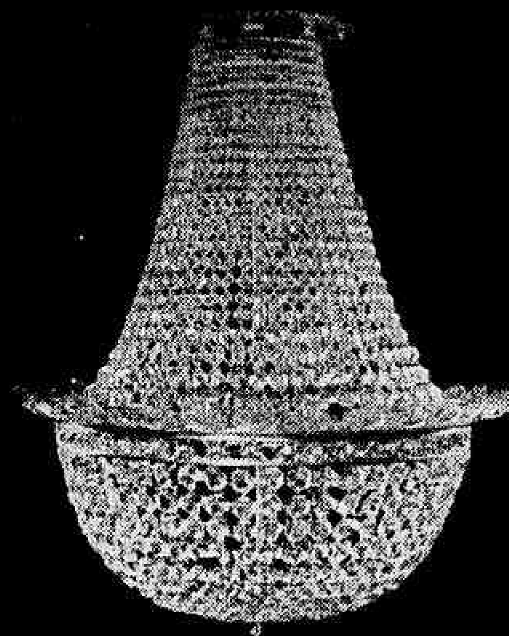
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

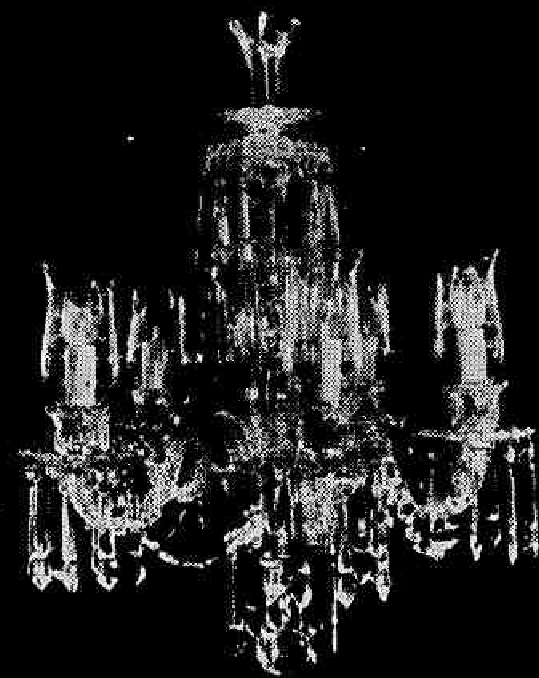
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

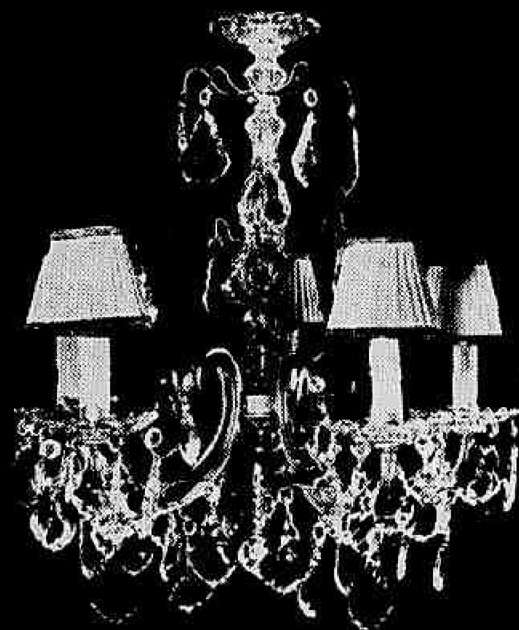

1


2

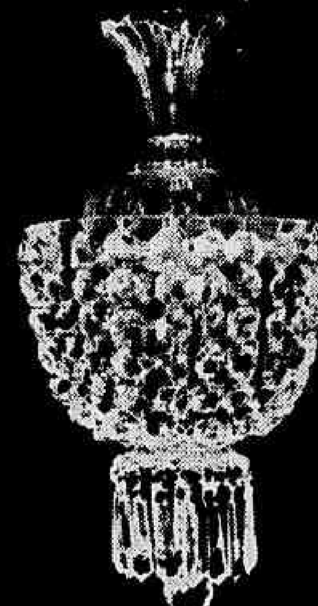

3

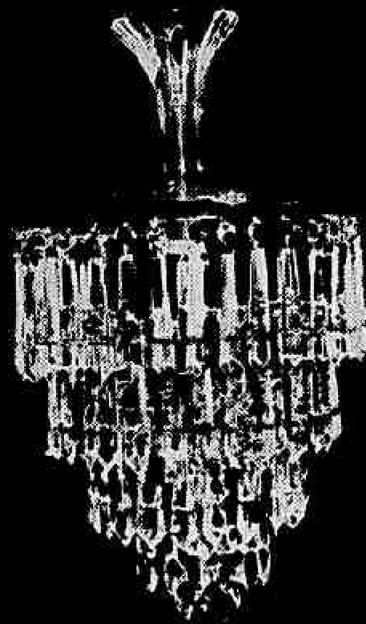

4

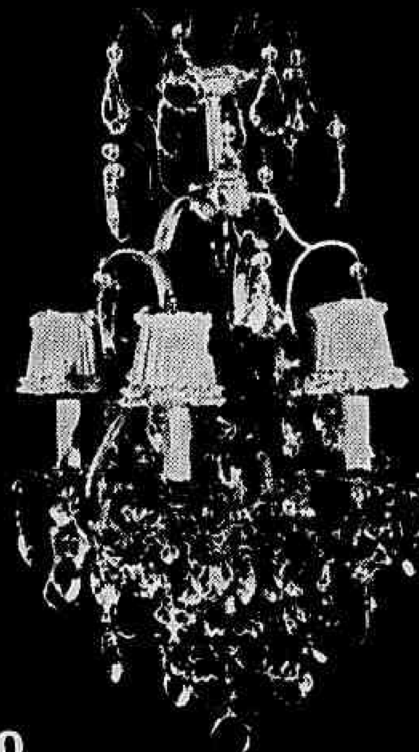

5

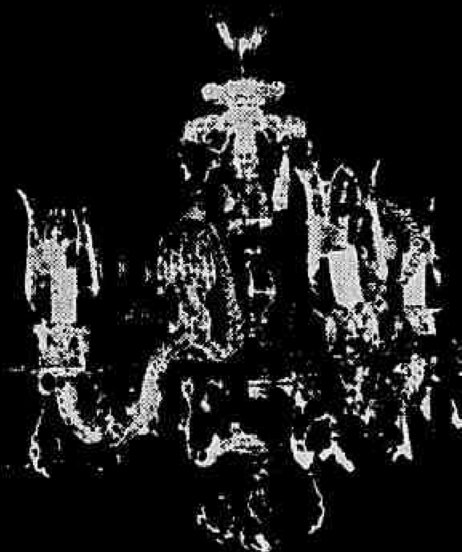

6

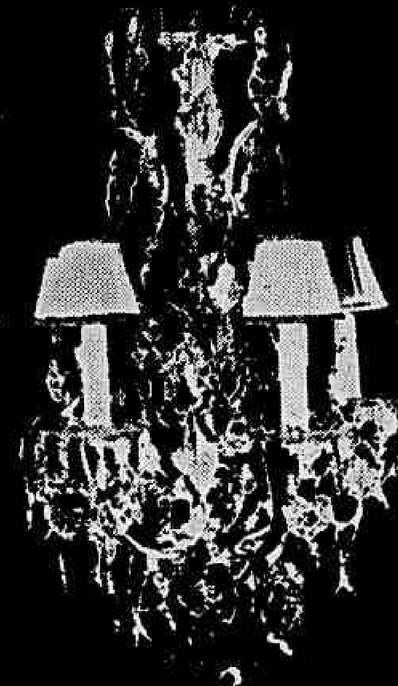

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO

★

REPORTAGENS

Que pensa do Diário de Humberto de Campos? (Jorge Lyra) 4/9
No reduto dos Tijucanos (Sabino Canalini) 18/22
Copacabana a ôlho nu (Daniel Caetano) 31/35
Mário (Cantinflas) Moreno tem a palavra 50

LITERATURA

Precisa-se de professoras (Teresa de Almeida) 3
Uma história de 3 gatos (Rosa Barreto) 13
Semana Literária (Edmundo Lys) . 16/17
O colar de pérolas (Moysés Duck) . 36
Variações sôbre o ciúme (Lyse) .. 37

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro 11
A Semana em Revista 12
Personagem da Semana 12
Palavras-Cruzadas 22
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 47
Tudo isto aconteceu 48/49

FEMININAS

Blusas modernas 37
Tafetá 38
Tarde 39
Week-End na Cozinha 40/41
Em renda 42

TEATRO

A Doce Inimiga 24/28

HUMORISMO

A Paz Soviética (Théo) 10
Este mundo e o outro (Darcy) 30

CURIOSIDADE

Num convento de Bolonha 14/15

FOLHETIM

As irmãs atrapalhavam 45

ILUSTRADORES

Jerônimo Ribeiro — Oswaldo da Cunha — Rafael

FOTOS

Jorge Lyra — Sabino Canalini — — Carlos — Walter Morgado — Nodge — Avulsas

★

NA CAPA

Lucille Ball
(Foto Columbia)

PRECISA-SE DE PROFESSÔRAS



QUEM se candidata? E' a carreira para a qual nasceram as mulheres; a profissão que mais lhes aproveita o instinto de maternidade; o trabalho que ocupa só quatro horas por dia e rende três meses de férias. Quem se candidata?

★

Vem agora o outro lado do assunto.

— Você quer ser professôra? Quantos anos estudou?

— Cinco de Primário, quatro de Ginásio, três de Normal. Doze anos ao todo. Latim, francês, inglês, português, filosofia, pedagogia, psicologia, história da educação, matemática, sociologia... Terei esquecido alguma?

— Bem, então, na melhor das hipóteses, depois de gastar em selos, reconhecimento de firmas, registro de diploma, caminhadas exaustivas (tudo a pêso de dinheiro, sempre, sempre!) você será vacinada, examinada, especulada por dentro e por fora. Depois disso, você aguardará sua nomeação com ansiosa expectativa e será designada para... um fim de mundo, uma vila imunda, onde você poderá morar em casebres, se encher de piolhos e desejar morrer ou, então, de onde você voltará no mesmo dia, se houver condução.

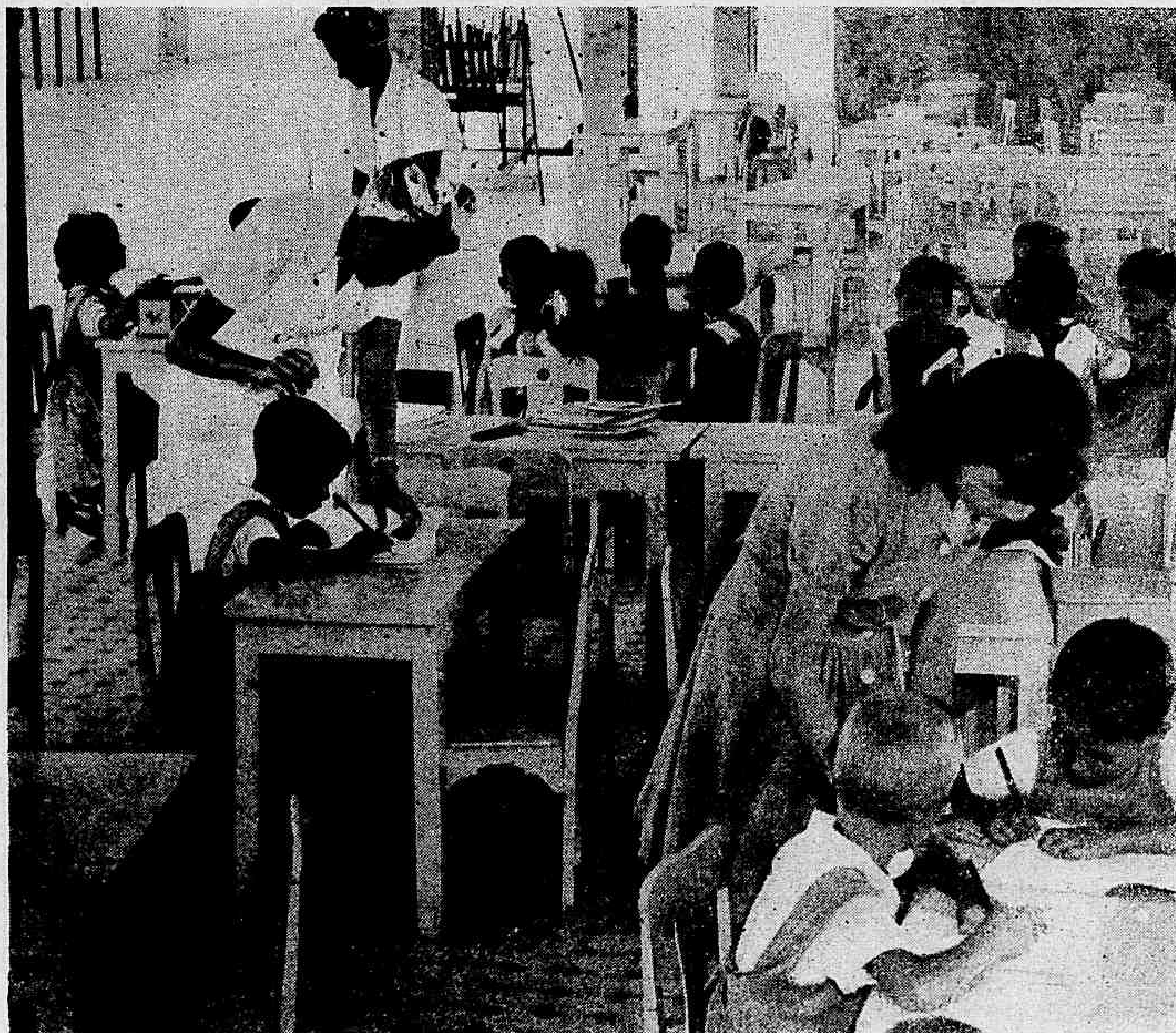
Se você ficar, passará noites sem dormir, com médo dos motoristas de caminhão de carga que param à noite para pousar e que andam pelo corredor do hotel, bêbados, ou fazendo-se de bêbados.

Se você ficar, agüentará desaforos de todo o mundo, porque nas vilas a professôra precisa ouvir e calar, sob pena de se transformar num "caso" a mais no magistério e ser transferida para lugar pior.

Ou as colegas, ou a diretora, ou a delegada implicará com você. Ou porque você é humilde ou porque você é delicada de mais. Se a diretora fôr tremenda, seus requerimentos ficarão trancados em suas mãos; se o bicho-papão fôr a delegada, ficarão meses nas gavetas da delegacia. Se — milagre dos milagres! — seus papéis conseguirem fugir dêsses atoleiros, cairão no círculo vicioso das repartições onde, como o limão das cantigas de roda, andarão "de mão em mão", num brinquedo bôbo de gente grande até que alguém, cansado daquilo, resolva enfurná-los para sempre na pasta que estiver mais próxima. Então os anos terão passado, lentos, desesperadamente lentos. Você fêz o estágio. Quis passar o segundo estágio, mas seus papéis desapareceram no labirinto. Selos e papéis outra vez. E o resultado? Nada, como sempre. Então, você vira catequista da igreja de madeira e se consola; liberta, para que voe pelos ares, o seu velho sonho de ser catedrática em literatura, línguas, filosofia, seja o que fôr, e resolve casar com qualquer um, porque é o que há no lugarejo. Adeus, outra vida! Adeus cidades, faculdades, conferências! E você, amargamente, engorda e abana um adeusinho melancólico à sua mocidade que fugiu tão depressa, sem nem você viver.

Vencimentos? Você ganhará o que tôdas ganham. Se você é pobre, viverá devendo. Se é rica... para que quer você um emprêgo dessa espécie? Largue mão dessa excentricidade, menina! Vá à costureira, faça um vestido bem estravagante como a moda requer, mude de namorado, aprenda chinês ou escreva um livro de viagens. Qualquer coisa será muito melhor do que tentar preencher uma das tantas vagas de professôra que andam por aí.

T H E R E Z A   D E   A L M E I D A



QUE PENSA DO DIÁRIO DE HUMBERTO DE CAMPOS?



HUMBERTO DE CAMPOS

RESPONDEM VELHOS E NOVOS DA LITERATURA ★ BASTOS TIGRE: "AGRESSIVO, IRRITANTE, INJURIANTE" ★ OLEGÁRIO MARIANO: "LEGADO DE LAMA" ★ VIRIATO CORREIA: "ESTAMOS ASSISTINDO À PUTREFAÇÃO DE UMA ALMA" ★ PROCÓPIO: "HUMBERTO NÃO E' CULPADO DE NADA" ★ JOÃO CONDÉ: "ÁGUA PASSADA NA LITERATURA BRASILEIRA" ★ SALDANHA COELHO: "COMO OBRA LITERARIA NÃO TEM EXPRESSÃO" ★ NÉLIO REIS: "NUNCA CONSEGUIU SER NEM POETA NEM ROMANCISTA" ★ A FILHA DO ESCRITOR NEGA-SE A FALAR ★ O RESTO E' SILÊNCIO

Texto de JORGE LYRA ★ Fotos do autor e arquivo

DEPOIS daquela sensacional notícia, segundo a qual Otávio, ex-meia botafoguense, iria enclausurar-se num convento, outra "bomba" caiu sôbre os meios esportivos da cidade — Flávio Costa iria publicar suas "Memórias". Tão logo nos chegou ao conhecimento dita notícia, rumamos para a concentração do Flamengo, no Leblon, e procuramos ouvir, da bôca do principal interessado, a confirmação ou não do que se propalava pela cidade. Em lá chegando, encontramos o técnico na companhia dos seus comandados, dando-lhes instruções. Sem mais aquela, acercamo-nos dêle e perguntamos:

— Que há de verdade em tôrno da publicação de suas "Memórias".

Flávio pediu licença aos jogadores, pegou-nos pelo braço, franziu a testa e nos levou até a uma mesa isolada, onde, por sua vez, fêz-nos uma pergunta:

— Como você descobriu isto?

Explicamos-lhe que a imprensa sabe tudo e dissemos-lhe estar encarregado de entrevistá-lo a propósito dêste singular acontecimento na vida de um desportista. Nas palavras de Flávio, que se seguiram à nossa argumentação, sentimos fracassar a entrevista que pensávamos levar a cabo:

— Realmente, recebi proposta de um editor a fim de escrever minhas "Memórias", mas, infelizmente, por absoluta falta de tempo, não posso encetar, pelo menos agora, meu trabalho.

Estava fracassada a entrevista. Procuramos ainda alimentar a palestra sôbre o mesmo assunto sem lograr êxito, porém. Quando já nos dispúnhamos a voltar à redação e dar contas do que realmente acontecia, chegou-se a nós o Jaime de Almeida e perguntou a Flávio:

— Que pensa do "Diário de Humberto de Campos"?

Essa é a pergunta que mais se faz no Brasil atualmente e, por isso, não nos surpreendemos com ela. Ouvimos Flávio Costa se esquivar de respondê-la, alegando não haver lido, por falta de tempo, o Diário que se publica. Mas, uma surprêsa nos aguardava... Flávio, virando-se para nós, perguntou:

— Por quê você não faz uma "enquête" com os literatos para saber o que êles pensam do Diário?

Estava lançada a sorte. Daquele momento em diante, sentimos nascer dentro de nós um grande desejo de seguir o conselho de Flávio. Mas que diria a isto o secretário da Revista? Compreenderia certamente...

FALA BASTOS TIGRE

Despedimo-nos de Flávio e de seu auxiliar e nos dirigimos à Universidade do Brasil a fim de fazer a mesma pergunta a Bastos Tigre. Encontramo-lo, diretor que é das bibliotecas da Universidade, cercado de um mundo de livros e lançamos sôbre êle a pergunta da atualidade.

— Que pensa do "Diário de Humberto de Campos", dr. Bastos?

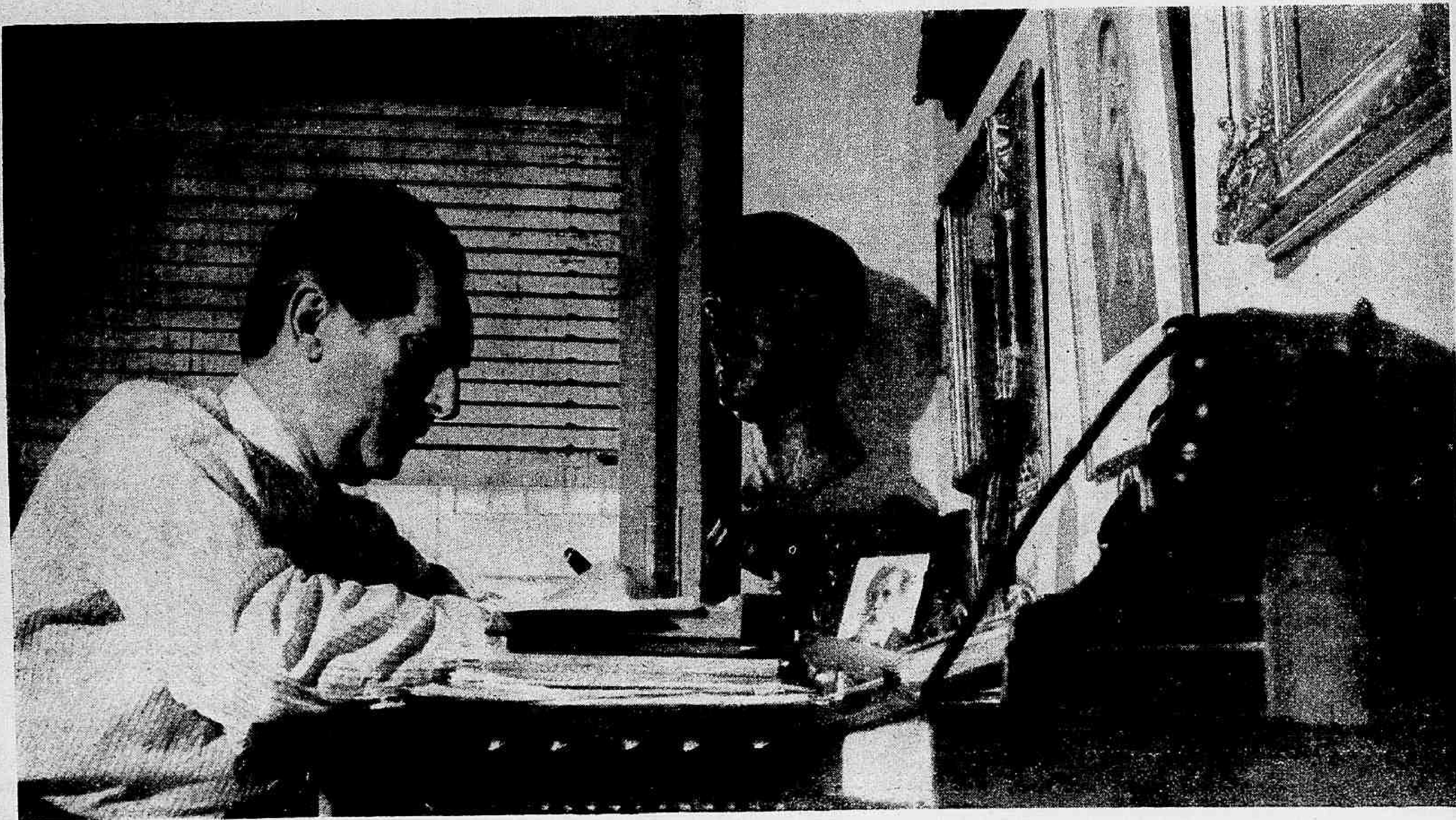
Ante a surprêsa da pergunta, o autor de "Entardecer" e dezenas de outras obras que seria fastidioso citar, colocou os óculos, tomou um gole da água mineral que havia à sua mesa de trabalho e respondeu-nos:

— Preliminarmente, meu jovem confrade, devo dizer-lhe que não gosto de me meter com defuntos. Com as almas dêste mundo eu me entendo muito bem; mas com as do outro, não quero negócios. Se o Humberto de Campos estivesse vivo, eu o xingaria de uma porção de nomes feios pela sujeira que fêz com os seus amigos, ainda os mais generosos. Mas por isto mesmo que o seu Diário é póstumo, desacatá-lo, depois de morto, seria ter o mesmo procedimento dêle, às avessas.

— Mas que acha do efeito dos seus ataques? — perguntamos satisfeitos do novo rumo que nossa reportagem estava tomando.

— Insignificantes — disse Bastos Tigre calmamente. — As pessoas por êle alvejadas são bastante conhecidas dos vivos. Os contemporâneos acompanham-lhes os atos e, por êles, os julgam. São cavalheiros de bem que, malgrado as perfídias póstumas, continuam a gozar do prestígio e da boa fama que merecem. Fato idêntico se dá com os mortos. A sua memória nada sofre com os impropérios do Diário.

— Mas não acha que os ofendidos vivos deviam responder? — arriscamos.



O «príncipe dos poetas brasileiros», o acadêmico Olegário Mariano, em pôse tirada no seu gabinete de trabalho. Interrogado pela nossa reportagem à cêrca do Diário, foi incisivo: «E' um legado de lama que vem salpicando de imundície a sociedade e a literatura brasileiras»

— Absolutamente — disse Bastos Tigre enfaticamente. Depois de sorver outro gole d'água, continuou:

— Responder a quem? A um fantasma? a um esqueleto? A uma sombra? Ou, para os ateus, ao "nada" irresponsável? A meu ver o Olegário Mariano fêz muito mal respondendo. Foi injusto com a gente que o conhece como poeta e como homem, julgando-a capaz de mudar o alto conceito em que o tem.

— Julga o sr. então que o Diário...

Bastos Tigre, sem deixar-nos terminar a frase, prosseguiu:

— Cairá depressa no esquecimento. E êste vai ser o maior castigo do autor, se lá por onde vagueia, "memória desta vida se consente".

— Por quê? — quisemos saber.

— E' simples. Humberto tinha pavor de ser esquecido. Inteligente como era, sentia a efemeridade de sua obra, feita de croniquetas ligeiras e frívolas, de críticas improvisadas à mesa das redações, de contos fesceninos, plagiados de Armand Sylvestre, de Catule Mendes e outros do gênero. Sabia que seus livros morreriam com êle. Isto o apavorava.

— E' essa a sua opinião, dr. Bastos.

—Minha não. Dêle mesmo. Leia êste trecho do seu Diário — disse nosso entrevistado, exibindo-nos um exemplar da revista onde se publica a última obra de Humberto de Campos; lemos:

"A minha paixão pelo trabalho mental, a minha fome de escrever, de produzir, tem, talvez, as suas raizes mais profundas no meu egoismo. Quê pretendo eu, em verdade, ao idear uma obra vasta, uma bibliografia numerosa. Pretendo, apenas, que meu nome me sobreviva, que se fale de mim quando eu já repousar no seio da terra. Eu me mato, pois, para dilatar a vida. Quero enganar a Morte, deixando no mundo o meu rastro, para que os estudiosos de amanhã me procurem, depois que ela me tenha levado".

Depois da leitura que fizemos do trecho acima, Bastos Tigre continuou sua argumentação calma, segura, precisa:

— E foi neste temor de não sobreviver como autor que Humberto idealizou e executou seu Diário. Agressivo, irritante, injuriante, ridicularizando vivos e mortos, o Diário daria, fatalmente, que falar do autor. E a verdade é que está dando mesmo!

— Que pensa o sr. do fato de a família ter permitido a publicação do Diário — insistimos.

— Isto foge à minha apreciação. E' caso meramente comercial. São outras "notas" de um conto de réis.

— Muito obrigado, dr. Bastos, estamos satisfeitos. Tem mais alguma coisa a dizer?

— Tenho. E' a citação de uma outra frase de Humberto no mesmo número e página da revista. Ouça:

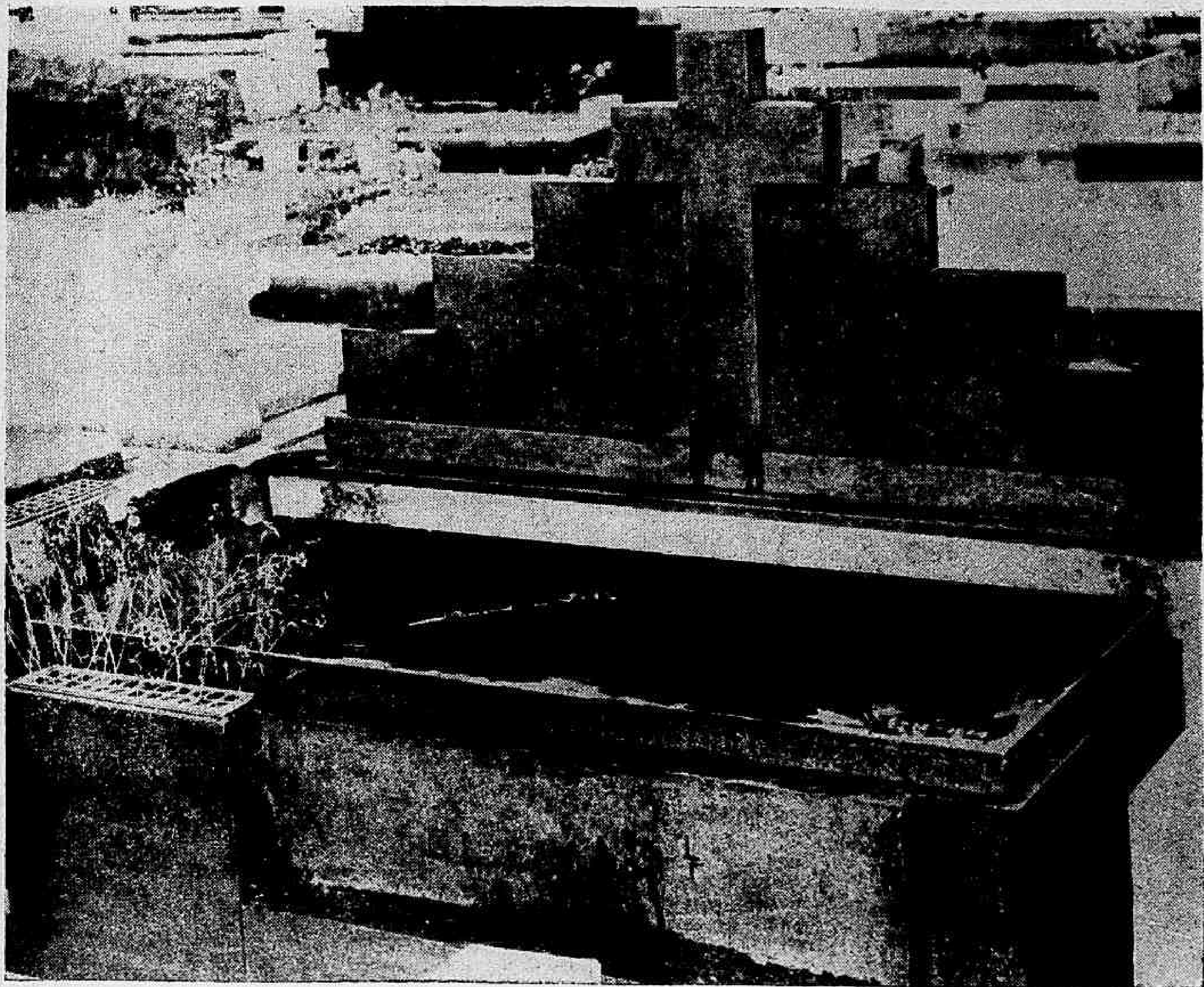
"Com uma coisa, apenas, me preocupo, dando a isso um aspecto religioso: é em evitar que um ato meu faça sofrer meu semelhante".

E, analisando aquêle trecho que acabava de ler, Bastos Tigre, com os olhos fitos no horizonte longínquo, balançando a cabeça vagarosamente, concluiu:

— Como certos homens são incongruentes, ilógicos, contraditórios, em vida e até depois de mortos!...



O médico, dr. Mario Pinotti, atribui à doença que martirizou Humberto de Campos, a obra óra em discussão.



Túmulo de Humberto de Campos, no cemitério São João Batista. De acôrdo com o seu expresso desejo no Diário, está sendo lembrado e discutido pelos expoentes máximo de nossa literatura

OUVINDO OS ACADÊMICOS

Colocadas as coisas neste pé, sentimos que não mais poderíamos retroceder. Teríamos de prosseguir na missão a que nos impuséramos, já agora com verdadeiro caráter de inqüérito literário. E como estava em plena efervescência em nosso cérebro a idéia lançada pelo Flávio Costa, partimos em demanda da residência do acadêmico Viriato Corrêa. Fomos encontrá-lo folheando um exemplar de um dos seus inúmeros livros e perguntamos-lhe:

— Que pensa o sr. do "Diário de Humberto de Campos"?

— Vou repetir, — começou êle, — o que já disse aos jornais — estamos assistindo à putrefação de uma alma. Abriu-se o túmulo e apareceu a podridão!

Abismados pela resposta, protestamos delicadamente:

— Mas, dr. Viriato, Humberto de Campos foi um ídolo.

— Sim — respondeu o autor de "Marquesa de Santos". — Foi ídolo por causa da piedade que os homens lhe devotaram. Além disso foi ingrato, só viu os lados falhos da vida, não respeitou a própria casa do grande Coelho Neto, nem respeitou êsse modêlo de ternura e bondade que era Gaby, não respeitou amigos, senhoras, nem sequer aquêles que lhe fizeram bem, nem os que lhe mitigaram a fome.

Enquanto a governanta arrumava a mesa para o jantar, Viriato Corrêa prosseguia em tom paternal:

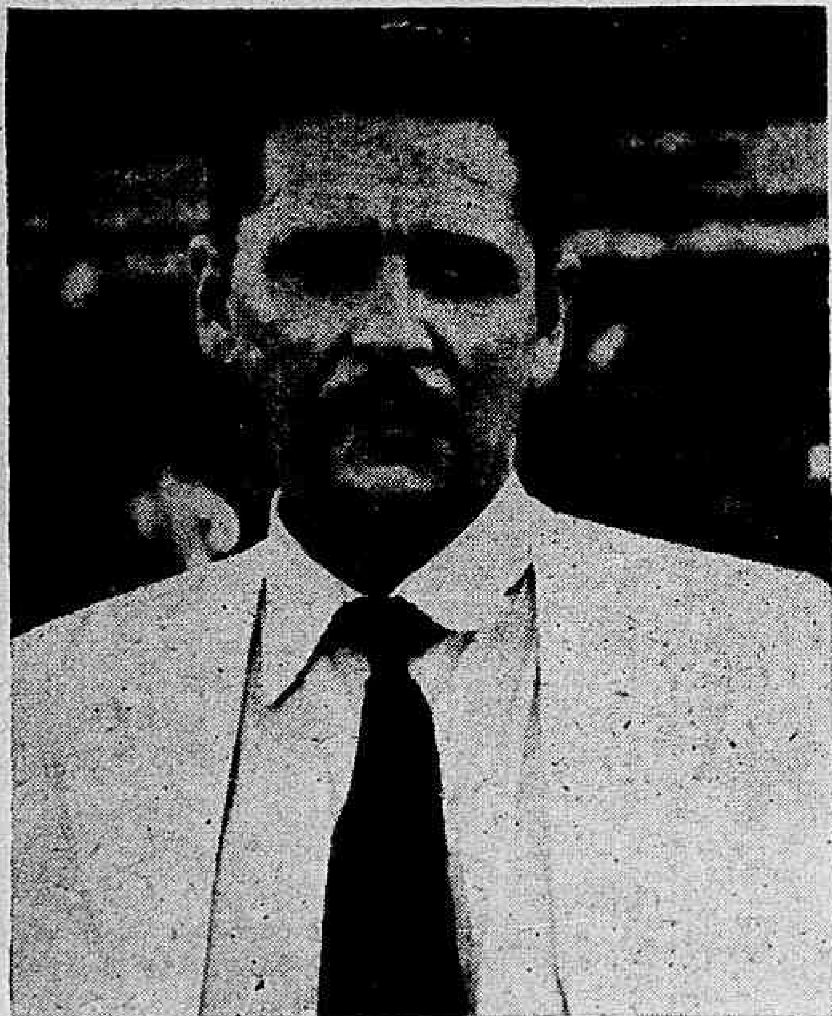
— Meu filho, no Diário ninguém tem cultura, só há para êle um homem culto — êle mesmo. Repare bem o pendor que êle tem para a porcaria, para a sem-vergonhice. O que êle conta da "dor de barriga" de Isadora Duncan é qualquer coisa de abjeto. Veja o sabor com que descreve as cenas imorais. Analise tudo isto e verá o retrato do homem.

Depois do jantar e da entrevista, ainda ficamos por longas horas ouvindo aquêle homem excepcionalmente culto e brilhante. Quando, porém, os ponteiros do relógio grande da sala anunciaram meia-noite, retiramo-nos aborrecidos por deixar um dos grandes expoentes de nossa cultura entregue a seus livros e seus pensamentos.

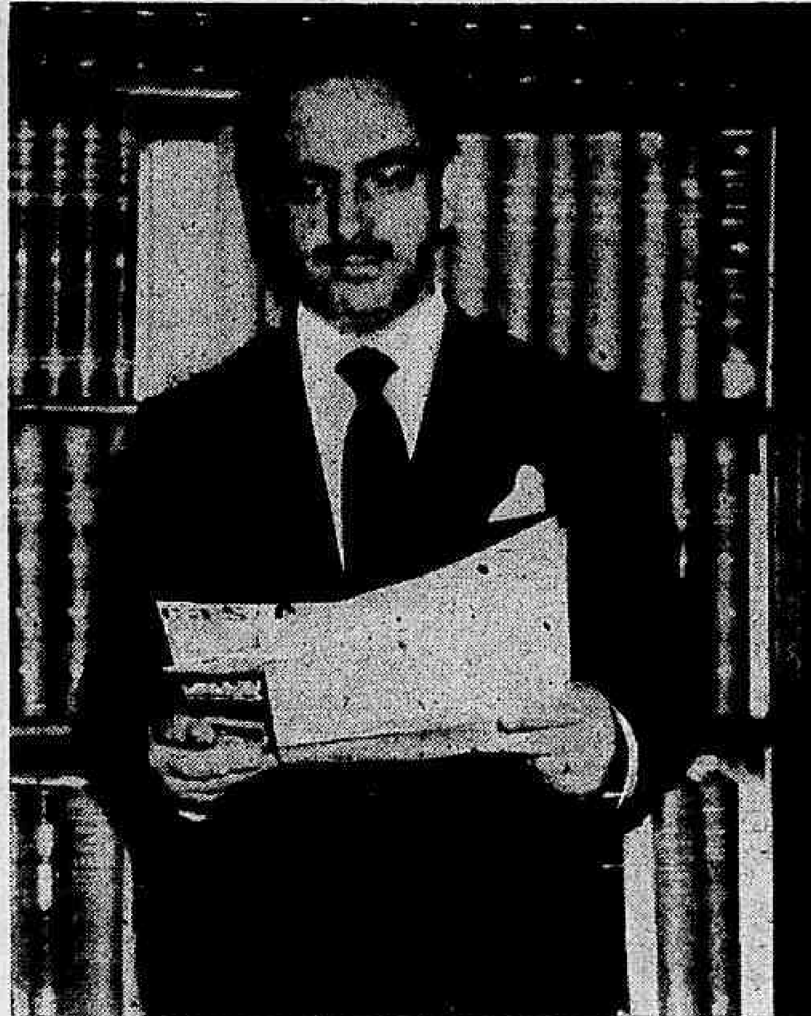
No dia imediato, procuramos outro acadêmico a fim de colhêr suas impressões. Encontramos Olegário Mariano assoberbado por um mundo de processos, no seu cartório



Os irmãos Condé, José e João, lídimos representantes da nova geração de literatos brasileiros, também responderam à momentosa pergunta.



Flávio Costa, alegando muito trabalho, não quis externar sua opinião com referência ao Diário.



O advogado, dr. Nélio Reis, que embargou a publicação do Diário, prestou-nos interessantes esclarecimentos.

e êle não se furtou a responder à pergunta que lhe fizemos:

— O Diário é um legado de lama que Humberto de Campos deixou à família e que por ela foi vendido a uma emprêsa editôra, o qual vem salpicando de imundície a sociedade e a literatura brasileiras. Valerá a pena um homem limpo ocupar-se de semelhante monturo? Não. Que a sargeta continue aberta até que a própria revista de onde extravasa a lama, se compadeça do pobre morto e feche as comportas do canal pestilento...

— Mais alguma coisa, dr. Olegário.

— Não. Você nos pediu a nossa opinião a respeito do Diário — é esta.

Trazendo-nos até à porta de entrada do seu cartório, despediu-se de nós e voltou aos seus afazeres.

Mais tarde, tentamos ouvir a palavra do presidente da Academia Brasileira de Letras, dr. Gustavo Barroso, mas êle se esquivou delicadamente:

— Nada tenho a dizer. Trata-se de um colega morto a quem devo respeitar a memória.

A PALAVRA DA IGREJA

A fim de saber como repercutira no seio da Igreja Católica a publicação do Diário, fomos procurar o padre-literato Álvaro Negromonte, figura por demais conhecida nos meios católicos e literários do país. Perguntado como recebera o Diário, respondeu:

— Nunca tive grandes esperanças a respeito do Diário de Humberto de Campos. Seus escritos não as autorizavam, aliás. Do Conselheiro XX, profissional da pornografia, do autor das Memórias, em que o senso moral é ausente, só ingênuos esperariam boa coisa. Acresce que o expresso desejo de só se publicar êste trabalho tantos anos depois de sua morte vem com evidente recheio de



Sr. Georges Coelho Neto e senhora, filho e nora do mais fértil escritor brasileiro, até agora, dizem, não têm motivos para ser contrários a Humberto.

sensacionalismo, pouco digno de um escritor que se prezasse. Li apenas alguns trechos do Diário e logo vi que nada tinha a aproveitar de seu conteúdo de indignidade, pequenas misérias, indiscrições e maledicências. Creio que êste foi o comum sentir do clero, em cujo seio foi muito desagradável a repercussão do infeliz Diário. Não posso deixar de lastimar que uma publicação de tantos leitores, não aproveite seu espaço para melhor agasalho.

FALAM O ARTISTA E O COLUNISTA

Sabendo da amizade que prendia Humberto de Campos a Procópio Ferreira, fomos ouvir a palavra do João Gangorra. Entre uma representação e outra, Procópio assim se expressou sôbre o homem e o Diário:

— Sempre julguei Humberto um homem bom e muito estimado. Não falo em admiração porque seria querer provar um axioma. Quando apareceu seu Diário, senti a indignação de muita gente. Muita gente que, sendo humana, não compreende a condição humana. Humberto não é culpado de nada! O que hoje se publica com sua assinatura gloriosa, outros já o fizeram como Oliveira Lima e Balzac. Quantos não estarão nesta hora mesma pensando em publicar um Diário, tendo na mão esquerda uma pedra para Huberto e na direita uma pena para nos agredir também? Pelo fato de sermos bons para uns, não quer dizer que não sejamos maus para outros embora inconscientemente, na melhor das hipoteses...

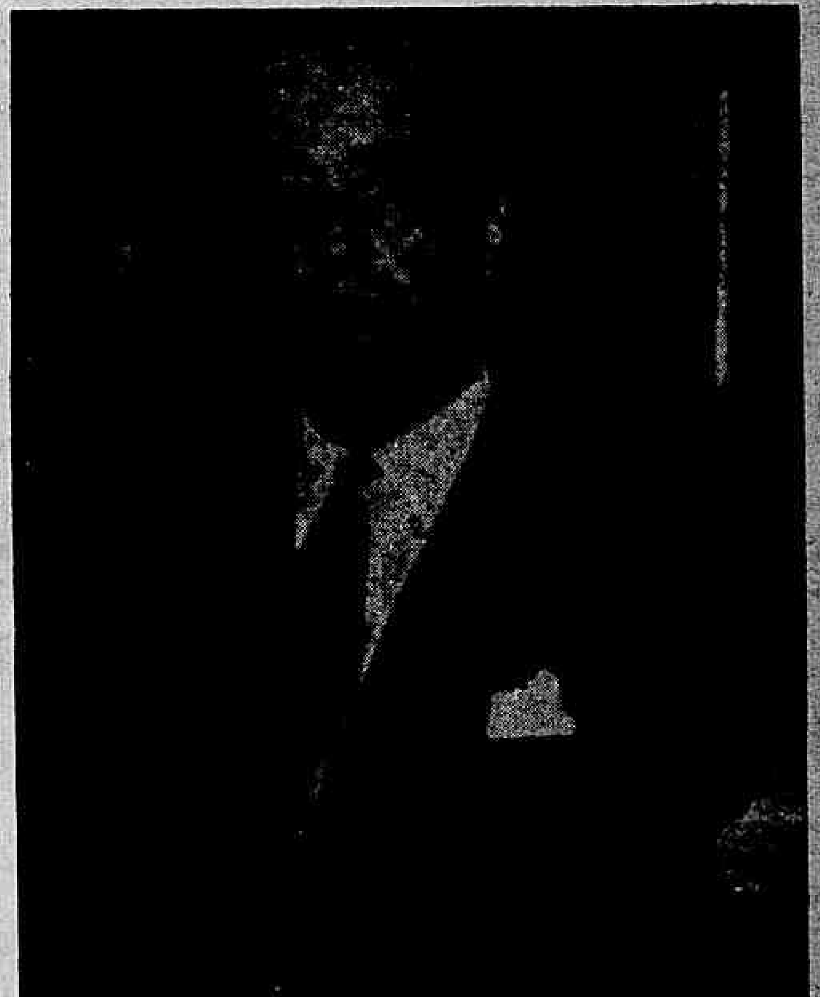
Enquanto Procópio retocava a paramentação, arriscamos uma pergunta:

— E' contra o Diário, nas condições em que está escrito?

— Depende do ponto-de-vista. Que razões teve Humberto para deixar estas páginas? Segundo sua própria confissão, para se tornar lembrado pelas gerações futuras.



O acadêmico Viriato Corrêa, autor de «Marquesa de Santos», foi incisivo na sua resposta: «Abriu-se o túmulo e apareceu a podridão».



O dr. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras: «Nada tenho a dizer».



«Humberto não é culpado de nada! Quantos não estarão, nesta mesma hora, pensando em escrever um Diário?» — pergunta Procópio.

Neste caso foi até modesto e, mais uma vez, veio confirmar que o homem só se lembra de quem o agride, esquecendo quem o ama.

Ainda tentamos obter novas divagações do filosófico Procópio mas êle estava sendo solicitado a fim de entrar em cena. Retiramo-nos satisfeito.

Prosseguindo no nosso trabalho, fomos ouvir Henrique Pongetti, brilhante colunista do Globo.

— Desejamos ouvir sua opinião sôbre o Diário de Humberto de Campos.

Recostando-se na cadeira, Pongetti respondeu-nos:

— Humberto de Campos morreu escrevendo com o coração, aureolado pelo martirio. Sua ressurreição através do Diário nada acrescenta ao seu renome — do ponto-de-vista literário — enquanto do ponto-de-vista moral revela um homem incapaz de evitar uma perfidia com a própria imortalidade.

A OPINIÃO DOS NOVOS E OUTRAS

Procuramos ouvir também a opinião dos novos literatos brasileiros a fim de que êles emitissem seu parecer sôbre o Diário. Em primeiro lugar, procuramos os irmãos Condé. Disse-nos João Condé:

— O acadêmico de "O Monstro e Outros Contos", e tantos outros "monstros", é atualmente água passada, na literatura brasileira. Ficou para a história literária, o que nada tem a ver com a literatura...

Em seguida, falou José Condé, tendo-se expressado assim:

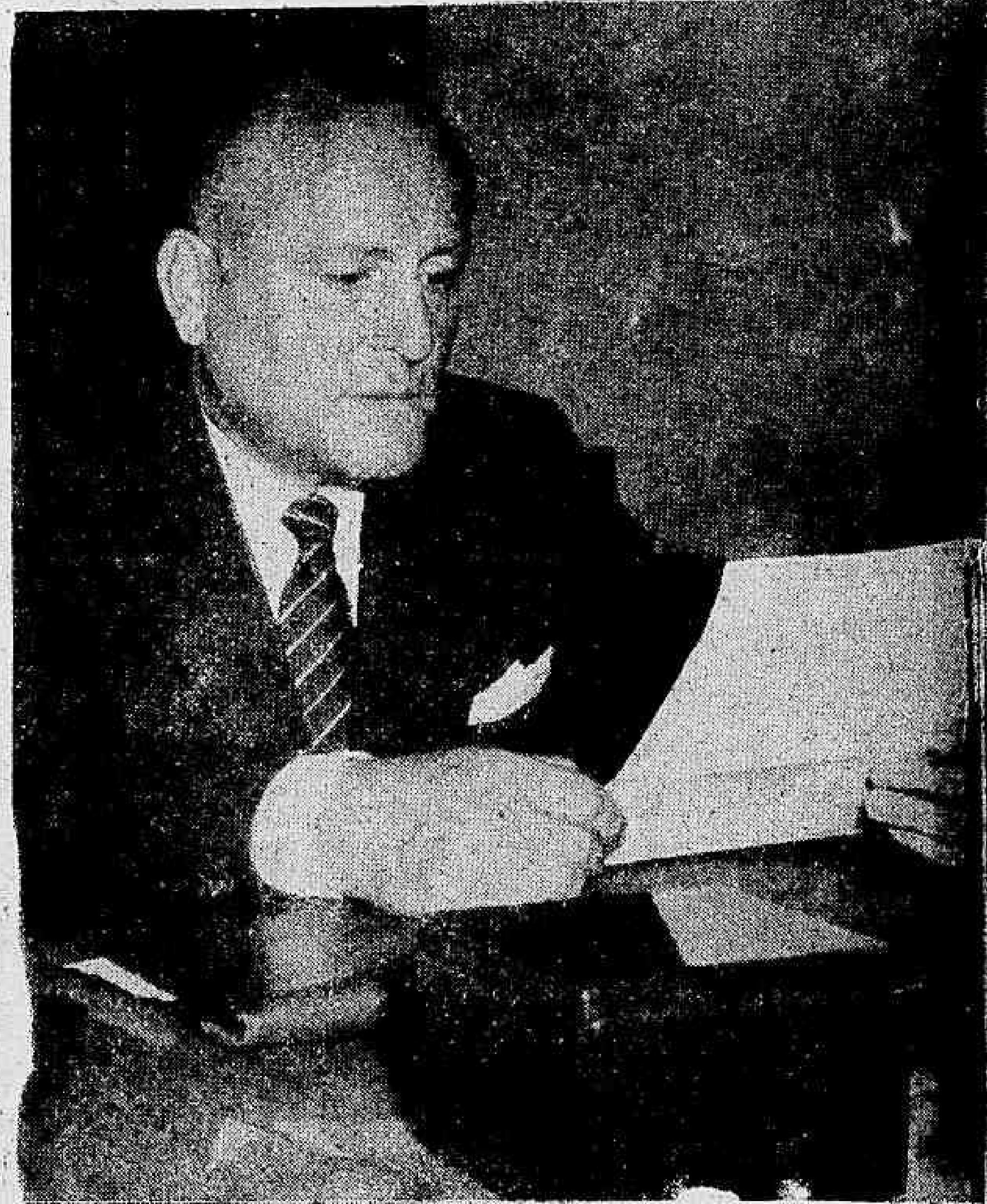
— O "Diário Secreto", a meu ver, é uma confirmação do que sempre pensei acêrca de Humberto de Campos, isto é, o cronista que tanto se evidenciou em sua época, hoje nada representa no sentido de se poder qualificá-lo de escritor, pròpriamente dito.

Por acaso encontramos Saldanha Coelho, lider de um movimento literário da nova geração que tem vencido em tôda linha. Feita a pergunta, respondeu-nos êle:

— Como obra literária, não tem expressão. E quanto às figuras que maldiz e as impressões gravadas em sua memória, relacionadas com sua vida intima, não vejo nelas nenhum interêsse coletivo. Se me perguntassem pelo nome de um cronista brasileiro, certamente não me lembraria de Humberto — embora, há dez anos, fôssem seus livros a minha leitura predileta. Lembranças sentimentais, apenas.

No Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, fomos ouvir a palavra do sr. José Frejat, presidente do mesmo, que emitiu sua opinião em nome daquela entidade estudantil:

— E' um acontecimento natural o que estamos assistindo.



O colunista Henrique Pongetti: «Nada acrescenta ao seu renome, do ponto de vista literário».

Um ídolo que se quebra, um homem que sempre foi tido e havido como probo, exemplo a ser seguido, tudo isto derrubado, destruido, vilependiado mesmo, por um simples capricho. Profundamente lamentável...

Procuramos ouvir também a palavra do sr. Georges Coelho Neto acêrca do episódio narrado por Humberto de Campos.

— Por ora nada tenho a dizer. Uma coisa, porém, quero deixar esclarecida — a anedota não é veridica.

— Mas, — perguntamos, — se houver novos ataques?

— Eu e minha familia nos defenderemos, não tenha dúvidas.

Tentamos ouvir também o dr. Mário Pinotti, conceituado médico desta capital:

— Como médico, atribuo à doença o tal Diário. Como chefe de familia, porém, não posso perdoar o autor de tão grande atentado contra pessoas cujo único pecado foi confiar naquele homem.

FALA O ADVOGADO NÉLIO REIS

Após ouvir a juventude literária e a medicina do Brasil, procuramos ouvir a palavra do professor Nélio Reis, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, romancista consagrado e mundialmente conhecido através de sua brilhante atuação no fôro carioca. Perguntando ao nosso entrevistado se efetivamente tivera qualquer inter-



O padre Alvaro Negromonte, um dos mais férteis escritores da nova geração, falou com autoridade: — «No seio da igreja, foi muito desagradável a repercussão do infeliz Diário».

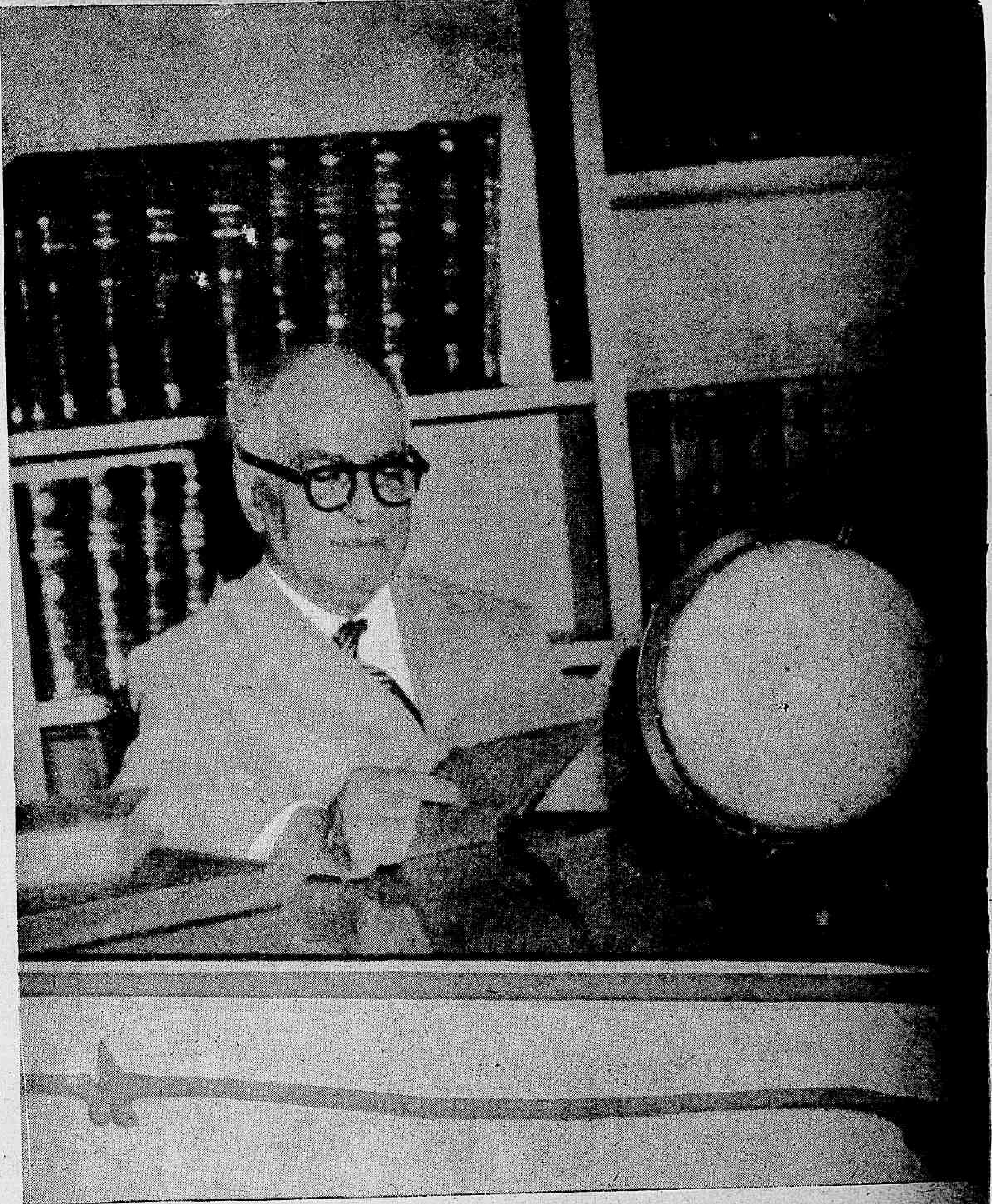
DE HUMBERTO DE CAMPOS?



O presidente do Centro Acadêmico Cândido Oliveira, na Faculdade Nacional de Direito, falou em nome do Centro.

venção judicial no rumoroso caso da publicação do Diário, respondeu-nos êle:

— Efetivamente, o dr. Paulo Vale e eu, na qualidade de advogados de D. Maria de Lourdes Campos Campelo, filha de Humberto de Campos, interpusemos uma notificação judicial contra os demais herdeiros e a editôra Jackson para que não publicassem o anunciado Diário, apresentando os motivos de fato e de direito pelos quais a filha do escritor desprezava os proventos da edição na preservação do nome do ilustre morto. A essas considerações, aduzi, em entrevista ao "Globo", outros fundamentos, penetrados de sinceridade, em que, como modesto escritor e admirador de Humberto de Campos, procurava demonstrar que não seria justo apagar no conceito dos seus leitores a imagem maior que dêle faziam os que só conheciam os seus livros que alcançaram grandes tiragens e penetração popular, ou sejam, os da fase dos seus sofrimentos agravados pela moléstia e em que se voltou, comovido e simples, para a dor e as angústias alheias, em páginas repassadas de lirismo e fraternidade humana, como em "Sombras que Sofrem" e outros. Êste o retrato literário que o povo guardou, e então perguntamos se seria justo dizer que esta gente estava enganada, que aquela pena que levara alívio e incentivo à moça que perdera a vista, era a mesmo pena que, viol



Bastos Tigre: «O Diário cairá depressa no esquecimento, o que vai ser o maior castigo do autor.

lando confissões de coração para coração, viria revelar, sem nenhum conteúdo literário, um inacreditável amor pecaminoso, dentro de seu próprio lar, em que caíra Coelho Neto, seu maior amigo e a quem a sua geração e a minha se acostumaram a ver um escritor que fôra, nas letras e fora delas, um dignificante exemplo de compostura e dignidade. Qual o interêsse literário que se poderá colhêr dessas e outras revelações de segredos de alcovas ou da divulgação de calúnias sopradas nos corredores da Academia? Nenhum! E isto constitui mais de dois terços do Diário já revelado.

Finalizando, o dr. Nélio Reis nos mostra as críticas que sua intervenção profissional despertou e esclarece:

— Não desejava jamais voltar a ocupar-me públicamente do assunto. E se o faço, como simples escritor, é para demonstrar que nunca defendi a tese de que possa ser mutilada, por sua morte, a obra literária de um autor, seja êle quem fôr. Sustentei, sim, e sustento agora com melhores razões, apoiado em outras vozes mais altas, que êste Diário não é, sob qualquer aspecto, uma *obra literária* de Humberto de Campos. E continuo a pensar que êle próprio sentiu isto quando, ao confiar a sua guarda à Academia, o fêz com a determinação de só publicá-lo, estivesse êle morto ou vivo, quinze anos depois. A morte o colheu antes dêste prazo, sem o que êle próprio teria refeito e saneado estas memórias em que o escritor está permanentemente ausente ou só aparece para falar daquilo que êle realmente nunca conseguiu ser: um poeta ou um romancista...



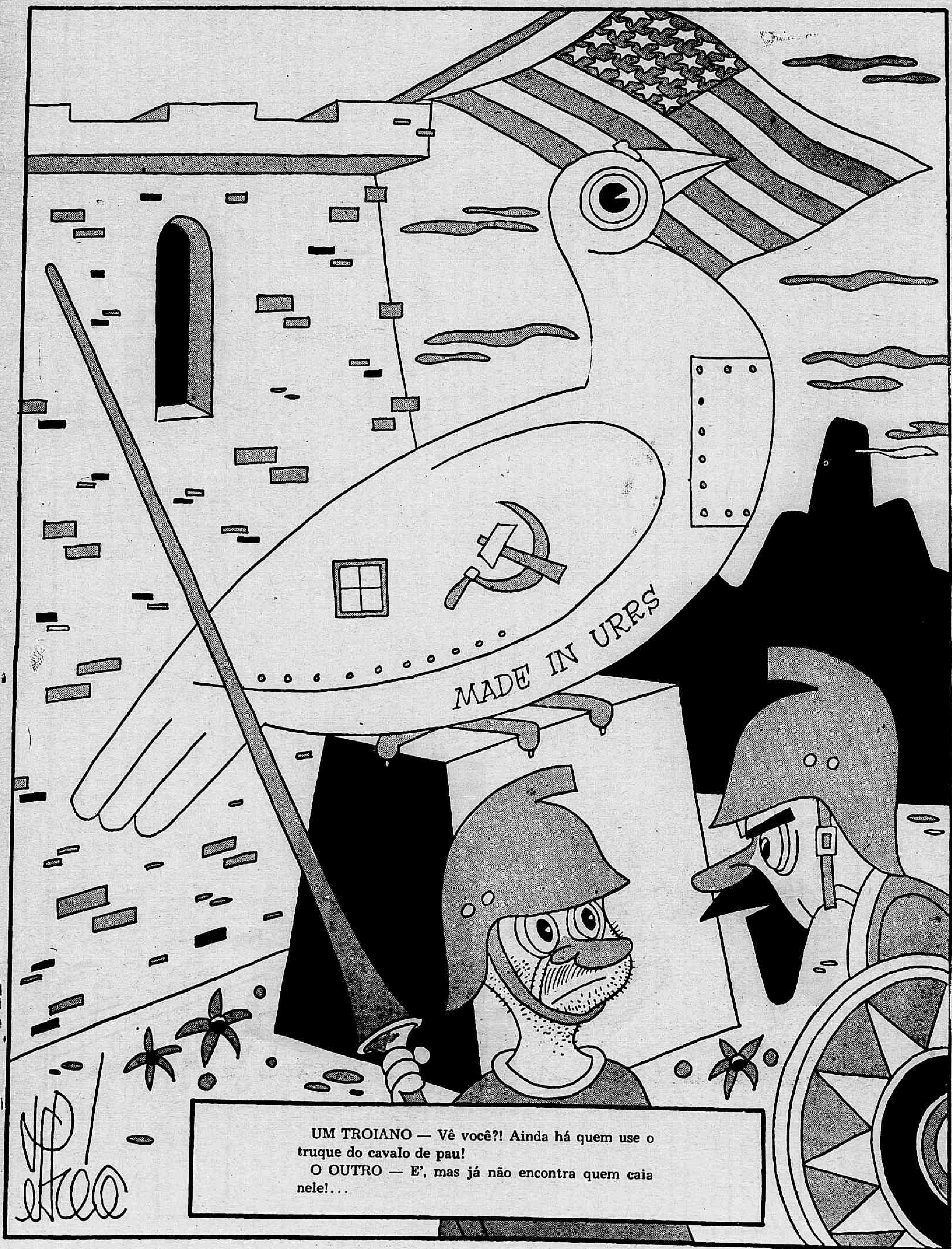
Sr. Saldanha Coelho, leader de um interessante movimento literário, já vitorioso, não se negou a externar sua opinião: «Se me perguntassem pelo nome de um cronista brasileiro, certamente não lembraria de Humberto de Campos...»

D. MARIA DE LOURDES NEGA-SE A FALAR

Como tôda gente sabe, D. Maria de Lourdes Campelo, filha do autor do Diário, impetrou notificação judicial contra a editôra Jackson e contra os outros herdeiros a fim de salvaguardar a memória do autor de "Carvalhos e Roseiras", livro êste em que analisa a obra de Bastos Tigre, colocando-o nos píncaros da glória, o mesmo Bastos Tigre que êle ridiculariza no Diário. Tentamos todos os meios possíveis para ouvir esta mulher notável e que muito tempo antes previu a debacle do pai, profetizando que o Diário iria causar grandes dissabores. Entretanto, ela negou-se a falar, alegando que as coisas estavam agora no terreno sentimental e que queria permanecer alheia a tudo isto.

Diante disso, e como o repórter também tem coração, deixamos aquela figura singular de mulher entregue à sua própria dor.

A PAZ SOVIETICA



UM TROIANO — Vê você?! Ainda há quem use o truque do cavalo de pau!

O OUTRO — E', mas já não encontra quem caia nele!...

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — EM QUE CIDADE BRASILEIRA HA UMA ESCOLA DE MINAS FUNDADA EM 1875:
Ouro Prêto?
S. João del Rey?
Pelotas?

2 — QUAL O POETA BRASILEIRO QUE PRODUZIU BELISSIMO POEMA SÔBRE A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO:
Fagundes Varela?
Castro Alves?
Tobias Barreto?

3 — DE QUE PINTOR É O FAMOSO QUADRO «A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL»:
Vitor Meireles?
Horácio Hora?
Raymundo Cela?

4 — EM QUE ANO FOI FUZILADO, NO MEXICO O IMPERADOR MAXIMILIANO:
1776?
1801?
1876?

5 — EM QUE CIDADE BRASILEIRA NASCEU JOSÉ BONIFACIO, «PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA»:
São Paulo?
Santos?
Barbacena?

6 — COMO SE CHAMAVA O VISCONDE DE CAIRU:
Manuel Caetano de Almeida?
José de Souza Azevedo?
José da Silva Lisboa?

7 — EM QUE ANO FOI FUNDADO O NOSSO JARDIM BOTANICO:
1900?
1809?
1822?

8 — EM QUE LIVRO RELIGIOSO HA A HISTÓRIA DO ÊXODO:
Bíblia?
Talmud?
Al-Corão?

9 — ONDE NASCEU O Pe. JOSÉ DE ANCHIETA:
Em São Paulo?
Ilha da Madeira?
Ilha do Tenerife?

10 — ANTES DE SER MÉDICO, O QUE ERA RABELAIS:
Advogado?
Frade?
Músico?

11 — QUAL A PALAVRA FRANCESA QUE MAIS SE APROXIMA DE «SAUDADE»:
Souvenir?
Regret?
Nostalgie?

12 — QUAL A MELHOR GRAFIA:
Vergílio?
Virgílio?
Virjílio?

13 — COMO SE CHAMAVA O POETA FRANCÊS QUE, AOS 17 ANOS PERDERA COMPLETAMENTE A AUDIÇAO:
Victor Hugo?
Lamartine?
Pierre de Ronsard?

14 — QUE NOME DÃO AO VASO EM QUE JOSÉ DE ARIMATÉIA RECOLHEU SANGUE DE CRISTO:
Turíbulo?
Pátena?
Graal?

15 — QUAL A SANTA QUE, SEGUNDO A LENDA, CORTADA A SUA CABEÇA VOOU PARA O CÉU EM FORMA DE POMBA:
Santa Eulália?
Santa Cecília?
Santa Efigênia?

16 — QUEM INSPIROU A PETRARCA OS SEUS MAIS APAIXONADOS POEMAS.
Uma jovem camponesa?
Uma viúva?
Uma mulher casada?

17 — QUAL O PERIODO A QUE DERAM O NOME DE SÉCULO DE LEAO X:
O século XV?
O XVI?
O XVII?

18 — QUAL O SABIO CONSIDERADO O CRIADOR DA FISICA EXPERIMENTAL:
Lavoisier?
Copernico?
Galileu?

19 — QUEM FOI GABRIEL D'ANNUNZIO:
General Austríaco?
Navegador genovês?
Poeta italiano?

20 — QUEM ESCREVEU A PRIMEIRA HISTÓRIA DO BRASIL:
Pero de Magalhães Gandavo?
Frei Vicente do Salvador?
Rocha Pombo?

(Respostas na página 50)



Não desespere!

Para grande número de senhoras, o período menstrual significa sofrimento, inatividade forçada, depressão física e psíquica. É um suplício que se renova todos os meses (e, não raro, com intervalos abreviados) fazendo parecer bem dura a condição feminina.

Cólicas, dor de cabeça, enjôo e até vômitos constituem êsse martírio habitual. Muitas mulheres sentem-se tão indispostas que são obrigadas a ficar em repouso, e então atormentam-se por terem de interromper os seus afazeres cotidianos...

Simples analgésicos não resolvem o problema, pois apenas atenuam as dôres durante algumas horas, sem tratar a causa.

Existe, entretanto, um conhecido remédio, um remédio de comprovada eficácia, o qual age não só como sedativo das dôres e calmante dos nervos, mas também, e principalmente, como descongestionante dos órgãos útero-ovarianos, cujas funções regulariza. Êste remédio é o *Regulador* **Gesteira.**

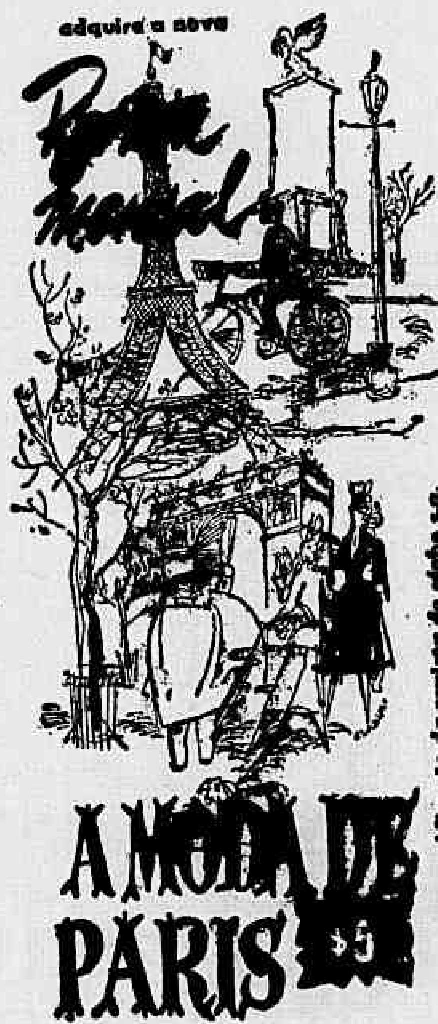
Tanto as mulheres que trabalham no lar como as que lutam fora dêle precisam ver-se livres dos seus sofrimentos periódicos!

São excelentes os resultados obtidos, em tais casos, com o uso do *Regulador* **Gesteira.**

Experimente!

Não se deixe vencer pelo desânimo!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira,** medicamento valioso, que exerce ação duplamente benéfica — sedativa e tônica — sôbre os órgãos útero-ovarianos.



A VENDA
em tôdas as Bancas

VARIZES EM SENHORAS

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das **varizes.** Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males **hemorroidários** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. **Para varizes** (nas pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. **Para hemorróidas** use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.

Hemo-Virtus

H-10-4 Ag. Pettinati

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

REVISTA DA SEMANA
Ano LI ★ 14 ★ 7-4-51

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647;
Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

I. C. P.



Está na moda êsse hábito de converter tudo em siglas. I.C.P. é a abreviatura de Instituto Central do Povo, estabelecimento de ensino que foi beneficiado pela lei 926-49 que mandava dar-lhe o auxílio de 300 mil cruzeiros. Mas isso foi em 1949. Agora, já há novo Presidente da República e outros Ministros. Quando o projeto chegou à mesa do sr. Getúlio Vargas para o devido despacho, êste o leu e escreveu: "Volte para informar que instituto é êsse e como está organizado". O chefe do Govêrno tem grande prática destas coisas e gosta de analisar a razão de certos créditos. Diante de um I.P.C. êle franziu o sobrolho e pediu mais explicações. Agora, leitor, quem deseja saber que instituto é êsse é a própria cidade do Rio. E' possível que seja um educandário de grandes merecimentos; mas, que é pouco conhecido, também é verdade. Um Instituto Central do Povo pressupõe estabelecimento de cursos gerais, que vão do Jardim da Infância ao ensino técnico-profissional. Se assim é, sòmente parabens podem receber os seus idealizadores e diretores, e compete ao govêrno federal amparar o Instituto. Êste país tem fome de saber, de profissionais de tôdas as carreiras e misteres, somos um povo sem muita norma de ação, cada um metendo os peitos como vai sendo possível diante das dificuldades ambientes. Ora, criar na Capital da República um Instituto Central do Povo com instalações profissionais e culturais suficientes para a nossa população em idade escolar, é caso de rendermos graças a Deus... Mas, onde fica isso? Quais os seus programas? Quanto custa a matrícula? O que se ensina lá dentro? E' organização privada, subvencionada pelo Govêrno, proporciona ensino gratuito ou pago? Parece que o Presidente da República está interessado em saber que é isso, para autorizar a entrega dos 300 mil cruzeiros. Seja como fôr, é indispensável que os seus dirigentes divulguem o I.C.P. pois é dedicado ao povo, como diz seu nome...

INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA



Segundo publicaram alguns jornais desta capital está o Presidente da República disposto a tomar medidas sérias no sentido de criar no Brasil um órgão diretor e orientador da produção cinematográfica nacional. Já se sabe mesmo que o sr. Alberto Cavalcânti, o cineasta brasileiro que maiores credenciais possui para o caso, já foi convidado pelo Sr. Getúlio Vargas o fim de estabelecer as bases de um instituto que dê os necessários resultados. O cinema nacional de longa metragem continua a ser também outro problema para êste país sempre problemático. E, pode dizer-se, o nosso cinema nem mesmo nasceu ainda! Mas já constitui problema. Problema para o público, para os artistas, para os produtores, para os exibidores, para os diretores e respectivo "staff". Como resolvê-lo? Há muitas sugestões. Cada um que saiba onde está o remédio; mas, até hoje, tudo continua a piorar. Só está melhorando um pouco a produção, graças à dedicação, ao idealismo de alguns apaixonados da sétima arte. Em primeiro lugar o problema do cinema brasileiro reside na falta de recursos. Depois, vem a questão das linhas exibidores. A produção tem que ser barata e "chanchadeira", porque o nosso povo gosta de carnaval e palhaçadas. Um filme sério, de interpretação, sem canalhices e cenas imorais, só é visto por pessoas de elevado grau de educação e de alguma cultura. O drama ainda é sonho distante em nossos "estúdios". Por enquanto vamos martelando na farsa, na carnavalização cinematográfica, o que dá renda em bilheterias e satisfaz a produtora e a exibidora. Cavalcânti fêz um filme sério, "Caiçara" tão bom que foi o escolhido para o recente Festival Cinematográfico Internacional de Montevidéu. Com o Instituto Nacional de Cinema, órgão oficial, vamos ver se chegamos ao limiar de alguma coisa capaz de dar jeito ao nosso cinema. E se à sua frente estiver um Cavalcânti, o êxito será certo.

CRISE DE HABITAÇÕES



"A crescente densidade de população criou, em conseqüência, no Rio, o grave problema das habitações". Era isto, leitor, o início de uma nota publicada em um dos nossos diários, no dia 22 de março de 1931. Há vinte anos, portanto,, que já a imprensa clamava junto aos poderes públicos uma providência para acomodar a crescente população carioca. Em 1931, ainda não havia sido aberta a Avenida Presidente Vargas, nem tinham botado abaixo grande quantidade de edifícios em vários pontos da cidade. Segundo revelam as estatísticas, sómente para a abertura de nossa mais larga e maior avenida, foram demolidos cêrca de oitocentos prédios, muitos dêles de mais de cinco andares, tudo ocupado. Para onde foi tôda essa gente? Quem dispunha de recursos adquiriu outro imóvel para morar; quem não possuía nada, a não ser os cacarecos, meteu-se por essas cabeças de porco ou ficou a andarilhar pelos arrabaldes em busca de pontas ainda desocupadas. O Rio, de 1931 para cá aumentou prodigiosamente a sua população fixa e apresenta uma população flutuante verdadeiramente assombrosa. Centenas de edifícios foram construídos, especialmente nos bairros elegantes como Copacabana, Leme, Ipanema, etc.. Em tôda a vastidão da zona sul, do Leme para o Leblon, a fisionomia urbana tomou o aspecto vertical. Há milhares de apartamentos novos, mas sem uso. Com a crise de material, o encarecimento da mão de obra e os impostos municipais, o dono do edifício ou do apartamento não acha jeito de alugar a preço acessível aos que tiveram a desgraça de vir para esta vida entre o estado de miséria e a riqueza. O operário pode subir um morro e armar, lá no alto, o seu barraco. Mas, o jornalista, o funcionário público, o comérciário, o bancário, o pequeno comerciante, o corretor, o securitário, que poderão fazer em matéria de moradia? E tudo continua como em março de 1931: "A crescente densidade..."

O PEIXE SE ESCONDEU



Quinta-Feira Santa, 8 horas de uma linda manhã de verão agonizante mas muito bonito. Como todo mundo, a população de Copacabana desejava cumprir sua obrigação religiosa e tradicional, deixando as misérias da carne para a liturgia do peixe. Mas sucedeu o que já estava previsto nas escrituras sagradas: só Jesus pode fazer milagres, e, nestes tempos de incredulidades, já ninguém mais tem fé que dê para encher as peixarias de badejos, pescadinhas e xareletes. Resultado: o povo ficou sem poder comer seu peixinho. Ao lado das peixarias há sempre açougues; mas êstes estavam com as cortinas de aço descidas e os ganchos nus como um coqueiro morto. E agora? Todos tiveram mesmo que cair no bacalhau que está por preços super-astronômicos, isto é, mais elevados do que o mais distante planeta. O povo, entretanto, encara as coisas com o estoicismo dos condenados ao "sem jeito" e até acha graça na falseta dos cardumes por êsse marzão imenso. Se o peixe não se deixou apanhar pelas rêdes e anzóis dos pescadores é porque êles já estão muito adiantados e, quem sabe? até dispõem de radar lá nas profundezas dos oceanos. Além disso, se durante os grandes dias de guarda da Semana Santa — isto é, Quinta-Feira Maior e Sexta-Feira da Paixão — todos devemos manter a mais cordial atenção para com todos e não matar uma formiga, mesmo que nos roa o pão, é justo que também não matemos os pobres peixinhos que nenhum mal nos fizeram. O mais acertado e cristão seria só nos alimentarmos de fôlhas, frutos e panoramas, admirando a obra do Criador e orando contritamente pedindo perdão para os nossos pecados que já estão cabeludos de tanta idade. Devorar peixes regados com bons vinhos, tudo bem condimentado à baiana, e depois ir deitar-se em poltronas ou rêdes à beira do mar ou ao susurro das florestas, não é fazer penitência que diminua o superavit de pecados.

A PERSONAGEM DA SEMANA

As duas últimas semanas que se foram caracterizaram-se pela presença de astros e estrêlas de cinema que passaram pelos nossos aeroportos em demanda do Uruguai, aonde iam tomar parte no Festival de Cinema realizado em Punta del Este. Tivemos as maiores celebridades de Hollywood e da Europa; entretanto um artista se atrasou nessa viagem ao Brasil: Mario Moreno. Quem é? Mario Moreno é Cantinflas, leitor. Cantinflas é o maior cômico da tela na atualidade, em todo o mundo. Neste número não incluimos Carlitos, uma vez que a arte de fazer de Chaplin é de outra escola e de outra técnica. Carlitos, o inimitável, o imparelhável, faz rir pela tragédia piedosa. E' o maior gênio do tragi-cômico na tela. Cantinflas, embora use um "modêlo" de vagabundo inventado por êle, faz rir pelo cômico, pelo humor, pelo ridículo e pelo inesperado. No gênero, é a maior expressão de hilaridade do mundo. Segundo rezam as crônicas, nasceu êle no distrito de Tacuba, o mais pobre da capital do México, a 12 de agosto de 1911. Já foi publicado que, antes de dedicar-se à cena, estudou Medicina e Direito, diplomando-se em ambas as carreiras e não seguindo nenhuma. Como os seus maiores eram artistas de circo, Mario Moreno se deixou empolgar pelo espetáculo das massas e abandonou tudo para ser "de circo". O sucesso foi estupendo. Um dia, vendo-se embaraçado em uma cena, uma criança gritou lá do "galinheiro": "Cantinflas"! "Cantinflas"! A assistência rompeu em gargalhadas e Mario Moreno adotou dêsse momento em diante, o nome de "Cantinflas". Que quer dizer? Ninguém sabe! Talvez sòmente aquêle garoto da multidão... Cantinflas tem um dos maiores cartazes cinematográficos da atualidade. E' homem de grande fortuna e percorre a América do Sul no "Douglas" de sua propriedade. Seu pai tem tanta honra em tê-lo como filho que escreve nos cartões de visita: "Pedro Moreno, pai de Cantinflas". E' êle de origem muito modesta e sua Arte, seu vestir, seu jeito, refletem o meio e a gente humilde de sua pátria. Êle é a soma de várias gerações. No Uruguai foi hóspede do govêrno; no Brasil, a sensação da semana.


Cantinflas

Uma História DE TRÊS GATOS

AS três irmãs moravam à rua Uruguai, no ponto mais aprazível daquelas imediações — no lado que dá para a mata. Habitavam uma casa apalacetada, enriquecida de varandas e sacadas, e com diversas salas, quartos espaçosos, garagem... Um jardim verdejante, em tôda a volta, a contornava agradàvelmente. Era uma residência que chamava a atenção na redondeza. Ester, Laura e Lúcia não moravam sós. Residiam com d. Beatriz — a irmã mais velha e casada, que tomava conta das três. Não é que estas precisassem de alguém para tomar conta de suas pessoas; não: já não eram jovens... Havia muito que tinham coroado Santa Catarina! Mas a situação assim o exigia: eram solteiras! Não ficava bem morarem sós. Descendentes de uma família tradicional, conservavam, na época de hoje, os mesmos hábitos e preconceitos do tempo de D. João VI. Não saíam sòzinhas. Não falavam com qualquer pessoa. Só alimentavam relações com pessoas conhecidas — ao menos de reputação — há mais de um século pela família.

Convém lembrar que não pareciam contar tantos anos; estavam conservadas. Aliás, a preocupação máxima daquelas três era conservar e prolongar ao infinito a aparência de uma juventude que já não existia. Enfim, estavam iludidas, e a ilusão é tudo. Por isso, desenvolviam um regime rigoroso para a conservação do seu físico. As três irmãs ocupavam um vasto aposento na parte de cima. O quarto possuía uma boa sacada que dava para a frente, para a rua. Era peça perfeitamente inútil, pois as três irmãs nunca iam à sacada. Podia um rapaz passar na rua, olhar lá para cima, e ver... uma delas à janela... Não ficava bem! Aliás, não havia mesmo perigo de isso acontecer, pois as três se vigiavam mútua e zelosamente.

Dormiam juntas. Tinham mandado fazer umas camas especiais, a fim de dar maior largueza ao quarto. Ao lado de cada cama, estava colocada um mesinha com um "abat-jour". Como num colégio, cada uma possuía também a sua cadeira. O armário, dividido em três partes iguais, permitia a cada uma ter a sua divisão particular. Na parede, uma estante com três prateleiras oferecia, a cada irmã, espaço para os romances preferidos.

Entre aquelas quatro paredes, passavam as três irmãs dez horas seguidas tôdas as noites. Nunca acendiam a luz, nem se levantavam durante a noite. Aquelas dez horas eram respeitadas religiosamente para o mais completo repouso. Podia quem quisesse se levantar, chamar... podiam as crianças da casa, isto é, os sobrinhos, chorarem ou quererem alguma coisa!... — A irmã casada, a mãe dêles, que os atendesse!...

Tôdas as noites, antes de se deitarem, preparavam-se lenta e cuidadosamente. Tomava cada qual um copo de leite, temendo envelhecer, dormindo de estômago vazio. Depois gastavam bem uma hora em preparativos: cada uma segurava o seu espelho de mão, e depois de untar os dedos no seu pote de creme, alisava gostosamente a epiderme do rosto... do pescoço... do colo... dos braços e das mãos. E massageavam lentamente... sempre para cima... em movimentos circulares. A seguir, apertavam, uma a uma, a ponta dos dedos para os afinar. Colocavam fita no cabelo, e se deitavam tôdas faceiras. Por fim, trocavam "boas-noites", e, num gesto automático e simultâneo, cada qual apagava a luz do seu "abat-jour".

Inútil dizer que se deitavam às dez horas, e nunca se levantavam antes das oito da manhã. Quando iam a uma festa — lá uma vez ou outra — no dia seguinte, passavam o tempo todo deitadas. — E que ninguém as incomodasse!

Dispensavam, também, outros cuidados consigo: não comiam certos alimentos, como apimentados, carne de porco, camarão... para não estragar a cútis. Pelo mesmo motivo, fugiam do vento, do frio e do calor excessivos. — A beleza — pensavam — bem merecia certos sacrifícios!

Como o prédio fôsse assobradado, elas calculavam o que tinham a fazer (e não faziam nada!) de forma a terem que subir as escadas o menor número de vêzes possível. Inventaram mesmo o maquinismo de uma cestinha que, prêsa a uma corda, subia e descia — levando e trazendo recados ou subindo e descendo pequenos volumes. Isso facilitava-lhes a vida: "poupava-as".

Nem mesmo no quarto, nunca ficava uma das irmãs sòzinha. Podia ser acometida de uma tentação e ir até à sacada! Antes que isso acontecesse, era sempre melhor prevenir.

No entanto, apesar de tôda essa fiscalização, e apesar de tôda a idade delas, Lúcia tinha conseguido ficar noiva. Foi um alegre acontecimento na família. Ficaram todos muito contentes; todos gostavam muito do noivo. Dr. Hilário era um bom rapaz, e — bonito! Formado em medicina, já em princípio de carreira. Quem havia de dizer? Lúcia — era, sim, a mais moça das três, mas não tinha lá beleza que se visse! Entretanto, êle achara... ou achou qualquer outra coisa, e isso foi o bastante para disseminar um grande júbilo em todos os membros daquela família.

De vez em quando, em meio ao silêncio reinante, os noivos trocavam um monossílabo. Tôda a família ficava atenta... Que terá sido: um sim ou um não? E... a que pergunta? A curiosidade era grande, mas não se faziam indagações. O noivado já havia completado alguns anos; no entanto, ninguém ousava sugerir nada. Podiam afugentar o rapaz ou magoar a moça, e, daí... sabe-se lá o que poderia advir? E aquêle casamento precisava se realizar! Os vizinhos já estavam inteirados, e depois, casar ao menos uma das três já era uma grande coisa. Uma a menos para a responsabilidade de d. Beatriz! Mas, apesar daquela torcida, os anos iam passando... e prolongando aquela ansiedade...

★

Na residência da d. Beatriz, moravam, também, um irmão e um primo solteiros: o dr. Tobias e o dr. João. O primeiro era magro, magríssimo mesmo, e muito calvo. Vivia obsecado pelo trabalho, pelos cálculos matemáticos e astronômicos... Sua vida se resumia no "Observatório". O primo, de estatura média e de compleição mais forte, era, em todo caso, mais calmo, mais controlado... Embora não ocupasse um cargo de relêvo como o dr. Tobias, nem por isso, deixava de dedicar todo o seu tempo ao Observatório. Ambos se esqueciam de somar os anos, na ilusão talvez de que a mocidade ainda estava para vir! Viviam para o lar e para o trabalho.

Dormiam juntos, no mesmo quarto. Deitavam-se, todos os dias às mesmas horas e se levantavam justo na hora de ir para a repartição.

Também não alteravam a sua vidinha, houvesse o que houvesse. Vinham sempre a casa almoçar, e, logo depois, sem perda de tempo, voltavam para o trabalho.

Nunca ninguém tinha visto nenhum dos dois na rua, conversando com uma moça, e, muito menos, entrando num bar. Nunca moça nenhuma ousara tocar o telefone chamando um dêles! Nunca! Que teria acontecido? — Nem se sabe!

O fato é que, tôdas as noites, os dois rapazes integravam o círculo familiar na vigilância aos noivos.

Não fôssem as crianças, que cresciam um pouco cada dia, dir-se-ia que os anos passavam sem deixar vestígios; apenas prolongando aquela monotonia rotineira...

★

Mas, na vida há sempre um dia em que tudo pode mudar. E êsse dia veio inesperadamente para aquela família:

Foi durante a noite. O relógio do quarto das três donzelas marcava duas horas da madrugada. Todos os moradores do bairro pareciam submersos no mais profundo sono — os da casa e os da vizinhança. A rua apresentava-se deserta; não se ouvia um passo; nenhum retardatário em demanda do lar...

Súbito, uma das três irmãs se remexeu na cama; virou outra vez e... mais outra; levantou por fim um pouco a cabeça, como a sondar... Esfregou os olhos; acordou! Tomou consciência de alguma coisa: pareceu-lhe ouvir um miadinho longínquo... Afastando, então, ràpidamente as cobertas, Ester levantou-se de um salto. Sem se lembrar que as irmãs podiam acordar, assim interrompendo os seus descansos; sem pensar que, abrindo a sacada, entraria o ar frio da noite, capaz de causar alguns resfriados, pois era inverno; e sem mesmo se aperceber sequer de que indo para a sacada, em camisola de dormir, poderia contrair uma pneumonia, e escandalizar os preconceitos da vizinhança — Ester abriu a janela; debruçou-se sôbre o parapeito, e viu... do outro lado da rua, na calçada oposta, junto ao poste e num círculo de luz, um gatinho se arrastando com dificuldade e miando fraquinho, fraquinho... O coração de Ester se confrangeu todo: — Coitadinho! Sòzinho, e nesse frio! — sem pestanejar, apanhou um casaco ao acaso, e, como um relâmpago, desceu as escadas abaixo — deixando as irmãs atônitas e semi-acordadas. Não queria perder tempo; nem julgava possível deixar o gatinho mais um segundo ao relento. — Talvez até estivesse com fome!...

Pela primeira vez em sua vida, Ester abrira o portão da casa e atingira — sòzinha! — a rua deserta e fria. Atravessou-a ligeiro, e foi apanhar o bichinho que, todo trêmulo, estava a miar. No mesmo instante, cingiu-o ao peito e o colocou por dentro do capote, bem aconchegadinho, a fim de o agasalhar ràpidamente.

Chegando a casa, já encontrou as irmãs de pé, na soleira da porta. Compreensivas, logo ajudaram a cuidar do gatinho. Trouxeram uma "sweater" para enrolá-lo, e esquentaram leite para dar às colherinhas, pois, infelizmente, não possuíam nenhuma mamadeira.

(Cont. no próximo número)



Novela de
ROSA BARRETO

Ilustração de
JERÔNIMO RIBEIRO

NUM CONVENTO DE BOLONHA

A ORDEM DAS CARMELITAS DESCALÇAS É A MAIS HUMILDE E POBRE DO MUNDO ★ O SILÊNCIO É ABSOLUTO

UMA IRMÃ lê uma oração no corredor do convento e toca a «trappola» sinal de que outra vai morrer.

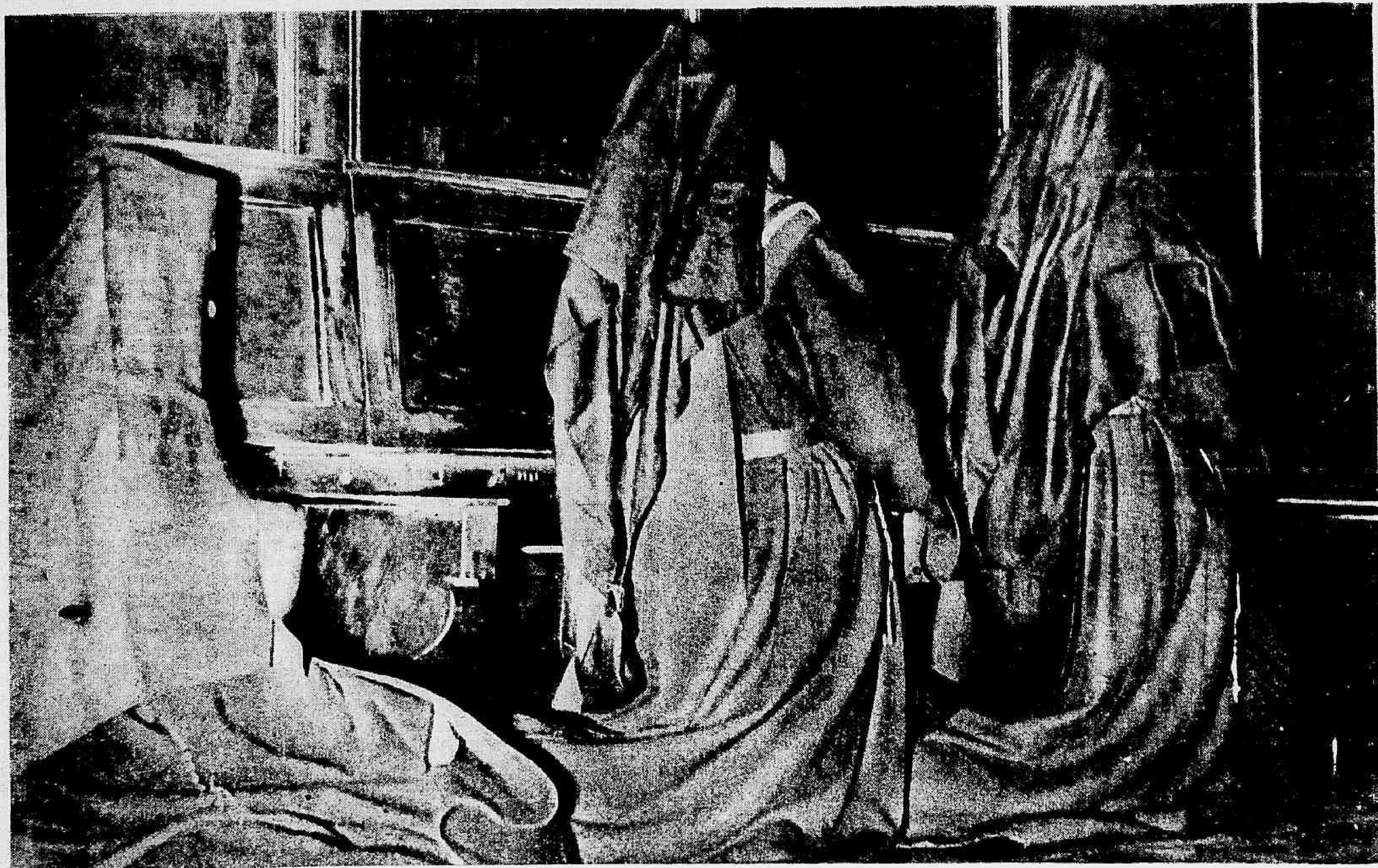
SEGUNDO rezam as crônicas, a ordem das Carmelitas Descalças vem do século VII de nossa era cristã. Foi sua instituidora Santa Teresa de Avila. As religiosas que entram para o noviciado renunciam a todos os prazeres dêste mundo e se recolhem à mais completa solidão. As irmãs se cobrem da cabeça aos pés com o seu manto escuro e não mais falam com pessoa alguma. Dedicam-se à oração e aos deveres no mosteiro o qual só possui dezoito religiosas, sob a direção de uma Madre Priora. Não recebem nenhuma subvenção. Todos os seus rendimentos provêm de doações das noviças ao entrar para a comunidade, ou das esmolas que imploram a particulares.

E' êste um dos grandes sacrifícios da ordem. Nestes tempos de dificuldades e crises generalizadas elas não encontram mais facilidades que eram possivel e esperáveis em séculos passados. Agora, quando o mundo se dedica mais às cousas materiais, o individuo humano se tornou egoista, interesseiro, só enxergando o seu próprio «eu». Elas, porém, não desanimam e continuam a vida ascética dentro daquelas paredes soturnas e misteriosas da rua dos «Malcontenti» da cidade italiana de Bolonha, entregues ao seu cruel destino de incompreendidas do mundo contemporâneo.

As cerimônias internas são variadas e tradicionais. Uma delas é o aviso às irmãs de que há no mosteiro uma irmã à morte. Vai a anunciadora ao corredor e, enquanto faz suas orações, movimenta pequenino instrumento de madeira, cousa parecida com uma ratorira ou matraca, cujo som surdo e místico é o aviso às outras que se preparem para levar ao túmulo uma companheira que está nas últimas. O regime de sobriedade é completo. Oram constantemente e, de quando em quando, se flagelam com o uso dos cilícios, auto-punição que estêve em moda durante tôda a Idade Média, tanto nos conventos como entre pessoas atacadas de misticismo religioso. O cilício é um aparelho com várias pontas, tendo cada uma delas, na extremidade, pedras, pedaços de ferro, lâminas cortantes, com o que os penitentes se surravam nas costas até jorrar sangue e ficar o corpo em chagas.

Durante a última guerra o edifício das Carmelitas Descalças foi atingido e danificado; e, até hoje, não foi reparado, continuando a exibir as marcas da destruição guerreira. Uma das curiosidades do Convento é a proibição absoluta de uso de relógios de parede, despertadores ou qualquer outro dêsses prestimosos objetos marcadores do tempo. A proibição se justifica porque um relógio grande só trabalha ao som do «tic-tac», o que viria perturbar o silêncio absoluto do mosteiro, quebrando o silêncio absoluto que ali deve existir para a oração e o recolhimento. Não há refrigeramentos nem aquecimentos, embora seja dotado de instalação elétrica, mas para a iluminação interna exclusivamente. E essa mesma iluminação é a mais precária e insuficiente que se pode imagi-

(Cont. na pág. 46)



FREIRAS DA ORDEM das «Carmelitas descalças» em oração na capela do mosteiro em Bolonha, Itália. Vivem na mais completa pobreza e renúncia de tudo o que é comodidade.



O ESTADO de solidão é tal no convento que até os relógios são proibidos. Para marcar o tem po adotam a ampulheta, desde que êsse engenho primitivo não quebra silêncio com tic-tac.







IRMAS Carmelitas num local do convento atingido pela última guerra. Na foto seguinte a Ir mã Superiora e, por último, uma religiosa pintando a aquarela motivos religiosos.

SEMANA LITERARIA

EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA

CYRO PIMENTEL é um dos novos poetas de São Paulo e foi lançado em livro («Poemas») em 1948, sendo a sua primeira obra editada pelo Clube de Poesia. Depois disso, seus poemas, que se destacam tanto pela forma, como pelos acentos que vem juntar à nossa lírica, têm aparecido em jornais e revistas, documentando sua vocação, das mais belas e mais fortes da nova geração.

BENJAMIN de Aguila, rua do Carmo, 19, sobrado — eram nome e endereço completos do editor de "Notas de Viagem (Norte do Brasil)" de Rocha Pombo, livro que tem a data de 1918. Quem se lembrará da obra?... Nela, todavia, muitas coisas interessantes se encontram, das quais entre outras assinalamos estas: em Belém do Pará, diz o historiador, "todo o mundo viaja em bondes de 2.ª classe, tão bons e tão decentes como os de 1.ª. Os bondes ali são como os empregos públicos em tôda parte: a classe só regula para aumento de passagem". Analisando os pontos entre a costa e os Abrolhos, comenta Rocha Pombo a rota de Cabral e afirma: "Temos de excluir definitivamente a casualidade do descobrimento." As páginas 208 e 209 de "Notas de Viagem" são ocupadas pelo "Hino à Seringueira", de Álvaro Maia, que não continuou a fazer versos, pois fazer política é mais útil... O fato é que está repleto de curiosas observações o livro de Rocha Pombo — especialmente pelo contraste entre o Norte de ontem e o Norte de hoje. Às vêzes, porém, a diferença é nenhuma...

O poeta Octalion Costa que vem de estrelar-se com o livro «Flor de Pedra», edição Pongetti.

★

TRATE de que assunto seja, Medicina, Farmácia, Literatura, Botynica — o professor Pedro A. Pinto invariàvelmente borboleteia na linguagem. Em certas ocasiões suas apostilas têm o sabor duma jaboticaba que saltasse duma xícara de chá... Mas não se lhe pode negar honestidade intelectual, a despeito do carrancismo que caracteriza os indivíduos apreciadores de filologia. Nótula do livro "A Química na Vida Cotidiana", de Pedro A. Pinto, 1934, Rio: "O plural de côco devia ser cócos, com a vogal aberta. E' generalizada, entre nós, a prosódia côcos. Acentua-se côco por que existe a forma coco, com a primeira vogal aberta".

Como sabem, Coco é ave e igualmente bactéria. Pormenores, no dicionário..."

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Luís Martins, recentemente chegado da Europa, publicará dentro em breve: «O Patriarca e o Bacharel», ensaio sôbre sociologia, prefaciado por Gilberto Freyre. Com êste livro o conhecido poeta venceu um processo contra a Ipê.

★

Sérgio Milliet voltou para Paris. Atualmente a revista «Anhembi» está publicando a sua anunciada história da poesia modernista brasileira, estando no prelo mais uma série do seu «Diário Crítico».

★

Tarsila do Amaral, a grande pintora brasileira, discípula de Léger e mundialmente conhecida, foi homenageada com um coquetél no Museu de Arte Moderna de S. Paulo. Depois do coquetel, houve uma reunião em casa do romancista José Geraldo Vieira. Estiveram presentes: Helena Silveira, José Escobar Faria, Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Penteado, Cyro Pimentel, José Tavares de Miranda, Victor de Azevedo, Jamil Almansur Haddad, Luís Martins, Aurasil Brandão Joly, Reynaldo Bairão, Cristina, e outros.

★

Os poetas paulistas continuam férteis. Anuncia-se para muito breve: «Estalagem do Assombro», de Cyro Pimentel; «A lua do remorso», de Jamil Almansur Haddad; «Compasso de Espera», de José Tavares de Miranda; «Passaporte Lacrado», livro de estréia, no gênero, de José Geraldo Vieira.

Aliás, falando em José Geraldo Vieira, êle está com dois romances no prélo: «O Albatroz» e «Terreno Baldio». Maria de Lourdes Teixeira, agora em março, fará a sua estréia no romance com: «O banco de três lugares». «A Torre», de Helena Silveira, peça premiada em terceiro lugar no concurso «Ademar de Barros», será encenada pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de S. Paulo; e «No fundo do pôço», também de Helena Silveira, será vertido para o francês ainda êste ano.

★

Jamil Almansur Haddad publicará «Revisão de Castro Alves». E Mário da Silva Brito lançará a sua «História do Modernismo Brasileiro», ensaio que já vem dando o que falar. Cassiano Ricardo prepara, atualmente, um livro de polêmica: Pralapracá». Roland Corbisier começará, dentro de alguns dias, a fazer a crítica literária de «O Estado de São Paulo».

★

Reynaldo Bairão tem programado dois livros de versos para êste ano: «A Canção do Diabo Finlandês, acompanhada de Ode Sepulcral Primeira» e «O Tempo do Cansaço».

★

Saiu em São Paulo o primeiro número da revista de arte: Habitat, dirigida pelo arquiteto Lina Bo Bardi.

★

«SAÚDE E ALIMENTAÇÃO»

Saiu o quarto número do folheto «Saúde e Alimentação», editado pelo SAPS, para distribuição entre os trabalhadores de todo o país. Como os demais, êsse número engloba utilíssimos conselhos sôbre o valor nutritivo de diversos alimentos, além de esclarecimentos sôbre a composição e a necessidade das vitaminas e demais princípios nutritivos. Destacamos em «Saúde e Alimentação», «A escolha dos bons alimentos», «Esporte e alimentação», «As carnes», «A castanha do Pará», O agrião», «O grão de bico», «O guando», «O queijo», «Os vegetais e os hidratos de carbono», «A carne sêca», «O fubá de milho», «Fontes de vitamina A», »A alimentação na velhice», «O cação», «Boa nutrição», «Os sucos de frutas e legumes na alimentação da lactente», etc. De feitura e aspecto gráfico agradáveis, a nova publicação do SAPS visa prosseguir a série de folhetos sôbre os problemas da nutrição e da educação alimentar do povo em geral, tarefa que o SAPS vem cumprindo galhardamente, de acordo com as finalidades da própria instituição: E' pensamento do dr. Edson Cavalcanti, que acaba de assumir novamente a direção daquela Autarquia, impulsionar os referidos trabalhos, fiél à opinião sustentada pelos técnicos de que saber comer é quase tão importante quanto o próprio fato de comer.

★

PRÓXIMAS EDIÇÕES

CONTOS REUNIDOS, de Gastão Cruls. A obra completa, no gênero, do autor de APARENCIA DO RIO DE JANEIRO (Coivara, **Ao embalo da rêde, História puxa história, Quator**).

O POÇO DA SOLIDÃO, romance de Radclyffe Hall. 2a. edição. Tradução de José Geraldo Vieira. Coleção Fogos Cruzados.

NORDESTE, de Gilberto Freyre. 2a. edição revista e aumentada. Ilustrações de Lula Cardoso Ayres e M. Bandeira.

OS DEMÔNIOS, romance de Dostoiewski. Tradução de Rachel de Queiroz. Ilustrações de Leskoschek. Introdução de Roberto Alvim Correa. 3 volumes. Coleção Fogos Cruzados.

CONTOS DE APRENDIZ, por Carlos Drummond de Andrade.

GIDE E UM AUTÓGRAFO

Reproduzimos a cima um autógrafo de André Gide, especialmente destinado ao Brasil e endereçado a Murilo Miranda e publicado na magnífica edição que a «Revista Acadêmica» dedicou à França, em janeiro de 1946.

Fora do prelo

ALMA VAZIA — Yolanda Luiza Olivieri — Rio. Poesia e poesia feminina. Mas uma poesia que logo conquista o leitor, com sua mensagem comovida, com a sua palpitação afetuosa, sua técnica singela, suas harmonias e seus ritmos, com sua música profunda.

Já o título nos previne: «Alma Vazia». E' um livro triste, um documentário acerbo de desilusões, o filme dêsse alma que esvaziou de sonhos e que pelo «pássaro azul» teve que trocar cruéis certezas, melancólicas e doridas certezas. Ouçam êstes versos desolados de um de seus poemas:

«Fim de tarde — nostalgia
nada ter para sonhar...»

Não lhes diziamos que êste era um livro triste? Mas de uma tristeza serena, sem desesperos, sem exclamações... Uma tristeza mais triste, assim, no seu ar composto, na sua resignação, na sua renúncia — e, portanto, uma tristeza que alicia, que comove, que nos leva no seu embalo para êsse exílio poético, para essa solidão e êsse silêncio que são o seu mundo.

★

O EMOLIENTE DA LEI — Angelo Guarinello — Pongetti — Rio de Janeiro. Apesar do título, trata-se de um livro de versos. E de uma raridade, sim, senhores. Angelo Guarinelli é um satirista. Neste volume êle enfeixa cêrca de cinco dezenas de poemas satíricos e, como é advogado, de comum desfere suas setas contra os profissionais pouco escrupulosos no exercício da Justiça. Inicia-se sua farpa no título do livro que o é também de um dos poemas, aliás o seguinte:

«Juiz de ruidosa liça,
Declamou que não podia
Trocar o amor da Justiça,
Por bicotas da Maria.

Para o torto endireitar,
E fulgir sentença pura,
Cumpria no caso aplicar
A núa lei, fria e dura.

Logo porém de repente,
Muda de figura e cor,
Tendo à vista o emoliente
De um milhão ao portador.

Pela transcrição já podem os leitores fazer uma idéia da técnica e da sátira do poeta, «avis rara» em meio à nossa super-produção de poemas merencorios.

★

SONHOS DE OUTRÓRA — Aprígio de Carvalho — Imprensa Industrial — Recife. São os acentos da poesia casimiriana, aliás citada pelo autor, no pórtico de seu livro, que ressurgem no poeta norte-riograndense de «Sonhos de Outróra». Daí o ar familiar que nos traz, a velha música ingênua, em tempo de valsa, do vate das «Primaveras». Prefaciando o livro, escreveu Israel de Castro êstes períodos que melhor esclarecerão ao leitor sôbre êste caso poético. Vejamos:

«O poeta que já conta os seus sessenta e cinco anos de idade, tem a alma moça como Luiz Delfino, nada lhe diminuiu, é o mesmo cisne de sempre. E' um Cassimiro de Abreu chorando as suas mágoas no rochedo do exílio, é um Castro Alves arrebatado nos esplendores de seu estro emocionante e feliz. Se não é um artista em deslumbramento no artifício da arte, é poeta de berço e de prestígio lírico que sabe dar côr e som nas paisagens que modela, e ritmos que se confundem com a cadência rítmica de Gonçalves Dias e Junqueira Freire.

Pegureiro da noite, sonda o imenso azul bordado de estrêlas, mendigo do silêncio, procura a solidão nas frias regiões serranas, náufrago do sonho, perdido no oceano lúbrico da vida, traz consigo, um punhado de mágoas, procurando descobrir nas areias brancas das praias, o ponto final de seu primeiro pôrto.»

O LIVRO ILUSTRADO



O Livro Ilustrado — Desenho de Bárbara Corrigan para a capa de «The Beautiful Bequest», de Eric Hatch.

Para ilustrar êsses períodos e mais a afirmativa de que estamos em presença de um distante discípulo de Casimiro, aqui transcrevemos um dos poemas de «Sonhos de Outróra»:

«Adeus ó! virgem sedutora e bela,
Imagem linda que sòmente amei,
Quisera ao menos que lembrasse um dia,
As duras mágoas que por ti passei.

Ai! se eu pudesse acobertar minha alma,
No véu sublime de teu santo amor;
Em vez de chôro eu mostraria risos,
Tal qual na haste a mimosinha flor.

Fui desprezado e, nem siquer um dia,
Tive um abrigo de teu lindo olhar...
E mesmo assim, inda te afirmo agora,
Que sempre e sempre saberei te amar.»

O poema continua no mesmo tom, por mais duas estrofes, trazendo o título «Adeus». Como se vê, trata-se de um caso poético dos mais singulares de nossa poesia, por isso digno do exame dos especialistas, familiarizados com o trato dos problemas da inspiração e da técnica.

★

O CONTADOR DE HISTÓRIAS — Vivaldo Coaracy — Edições Melhoramentos - São Paulo. Ouvir ou ler o que os outros imaginam, observam, comentam, será sempre um dos grandes prazeres da humanidade. Se é verdade que, por obedecer a determinados preceitos, escrever é uma ciência, não menos exato é que lhe cabe a glória de ser uma arte, pelos recursos de estilo e beleza inseparáveis do verdadeiro escritor. Essas qualidades vamos encontrá-las, de maneira singela e agradável, nas páginas — quase cem páginas — do volume apresentado pelas Edições Melhoramentos: «O Contador de Histórias», de autoria de Vivaldo Coaracy, que aliás já entregou à mesma editôra os originais da versão de «Casa de Orates», de Bernardo Shaw. Em tom meio irônico, meio filosófico, metendo, aqui e ali, sua alfinetadazinha nas coisas e nos sêres, Vivaldo Coaracy fez de seu livro uma obra que se lê sem esfôrço.

★

TERRAS E ÍNDIOS DO ALTO XINGU — Manuel Rodrigues Ferreira — Edições Melhoramentos — S. Paulo. Apaixonado dos temas indianistas, o engenheiro Manuel Rodrigues Ferreira é autor de artigos, livros e filmes — um dos quais premiado, na categoria de metragem média, em Festival Internacional. Viajante sagaz, conta-nos os resultados de suas observações, de que é exemplo «Terras e Índios do Alto Xingu», precioso documentário de afamada região do Brasil-Central.

Moldado em estilo atraente, o volume da Melhoramentos (com fotografias autênticas de aspectos do lugar e da vida indígena) divide-se em duas partes. A primeira é a narrativa histórica das Terras do Martírio, durante século e meio uma das alucinações dos sertanistas, assunto que tem dado margens a controvérsias e é debatido brilhantemente por Manuel Rodrigues Ferreira. A segunda parte descreve a viagem de estudos ao Alto Xingu a par de tudo quanto viu naquelas paragens, a gleba e o povo, seus costumes, problemas, fenômenos... Um apêndice conscencioso de documentação aumenta o valor de «Terras e Índios do Alto Xingu», obra que vem enriquecer a série de trabalhos sôbre os nossos silvícolas estampadas pelas Edições Melhoramentos.

★

REMESSAS DE LIVROS: — Redação da «Revista da Semana», rua Visconde de Maranguape, 15. — Rua Sá Ferreira, 234, apartamento 36, Copacabana.

NOITE INDORMIDA

Djalma Tavares

Uma criança chorou longe,
depois chorou a noite.
Um pingo d'água
escorregou pela vidraça
e abriu um longo caminho.
— O riacho corria lá fora. —
Um tropel veio se aproximando,
ficou bem perto,
foi se perdendo,
desapareceu.
Uma tanajura entrou pela janela,
um cheiro de terra entrou pela ja-
[nela,
um vento frio soprou pela janela
e eu apaguei o candieiro.
Agora, só o tic-tac do velho relógio
[ficou
e a lembrança dos cangaceiros
velozes pelas caatingas
com seus chapéus de couro
com seus chapéus de ouro
numa noite tôda
de cáctus e estrêlas.

★

NOTURNO

Maria de Lourdes Teixeira

No silêncio tamanho — que parece
A própria noite se ampliando em
[êxtase —
A alma deixei no aprisco do in-
[consciente,
Vindo estirar o corpo junto à es-
[trada
Onde passou a caravana diurna
Que entrevi através das tamareiras...

Aquêle que ao sol poente se escondeu
Já vem transpondo, invisível, o mis-
[tério
Do meu exílio provisório como
O tropel que abala o oásis branco.

E assim se cumpre o súbito prodígio:
Em derredor tudo é areia e treva
E nada mais existe; nem estrêlas.
Só meu corpo, que é chão sob a
[sandália.

UM LIVRO SÔBRE W. B. IEATS



WILLIAM BUTLER IEATS
(De um óleo de Sean O'Sullivan)

ACABA de aparecer um livro dedicado à obra de Yeats, aquêle de quem disse T.S. Elliot ser — «The greatest of our time».

A obra é tanto mais curiosa quanto reúne estudos e artigos de crítica de vinte e quatro escritores, inglêses e americanos: «The Permanence of Yeats».

CLUBES DA CIDADE 1

NOS REDUTOS TIJUCANOS

CLUBE AMADORISTA CEM POR CENTO ★ AS CRISES DE 1930 E 1950 ★ MOVIMENTO RENOVADOR ★ O QUE FOI NO PASSADO, O QUE É NA ATUALIDADE, O QUE SERÁ NO FUTURO.

Texto e fotos de
SABINO CANALINI



MARIA HELENA, um dos brotos do volei.

DURANTE a tarde, a varanda do clube permanece vasia, mas à noite é quase intransitável.

NO dia 11 de junho de 1915 era fundado o Tijuca Lawn Tênis Clube. Nascia pela vontade de três moços: os estudantes Álvaro Batista, Francisco Cavalcânti de Sousa e Álvaro Vieira Lima. Êles, os fundadores, que assinaram a primeira ata junto com o dr. Américo de Pinho Leonardo Pereira, o necessário responsável. A cerimônia foi das mais simples, na residência do Coronel Joaquim Ferreira da Cunha, na Rua Uruguai, 391. O programa de ação era constituido de duas partes: a primeira dizia respeito aos esportes, prometendo abordar quase todos os conhecidos como de salão. Uma única exceção: o futebol que, em hipótese alguma, seria praticado nas dependências do clube. Ainda uma recomendação que vigora até hoje: apenas o amadorismo teria lugar no clube, assim que um esporte qualquer se transformasse em profissionalismo, seria sumàriamente eliminado das práticas esportivas da nova agremiação. Grande resolução essa, especialmente para os dias atuais, em que o comércio que invadiu a maior parte dos esportes desfigurou completamente a finalidade dos mesmos. Nos clubes em que se pratica o profissionalismo, os atletas contratados ou mesmo remunerados são impedidos de participar da vida ativa social, não possuindo, portanto, amor ao clube e sim à profissão e às condições que a regem. No Tijuca, ao contrário, os atletas são sócios contribuintes, participam da vida social, fazem esporte por gôsto e vencem nos torneios defendendo as côres do querido clube dêles. Pobre, no principio, o Tijuca, em dezembro de 1915, já estava instalado no local onde hoje tem a sede. Alugaram os moços uma pequena sala e o terreno em frente, de uma velha casa aí existente. Êles mesmos limparam o lugar e construiram com suas próprias mãos a primeira quadra de tênis, em que os sócios começaram a se exercitar. O tênis sempre teve os maiores cuidados por parte da agremiação tijucana, gozando desde o inicio de uma preferência até hoje confirmada pelas quatorze quadras em atividade. A segunda parte do programa dizia respeito à vida social: congregar o mais possivel as familias do bairro em volta do recém-inaugurado clube, a fim de lhe dar movimento e motivo de existência. Encontrariam as pessoas de tôdas as idades naquele local o ambiente próprio para reuniões, para simples bate-papos, para uma hora de diversão, e os moços se encontrariam de comum acôrdo para namorarem; sim, essa era também uma das finalidades. Foi a simpatia do ambiente criado, a correção do exemplo dado pelos seus diretores e pelos primeiros sócios que incentivou o aumento do quadro social, a procura sempre maior, do lugar que já era famoso no bairro ainda pouco



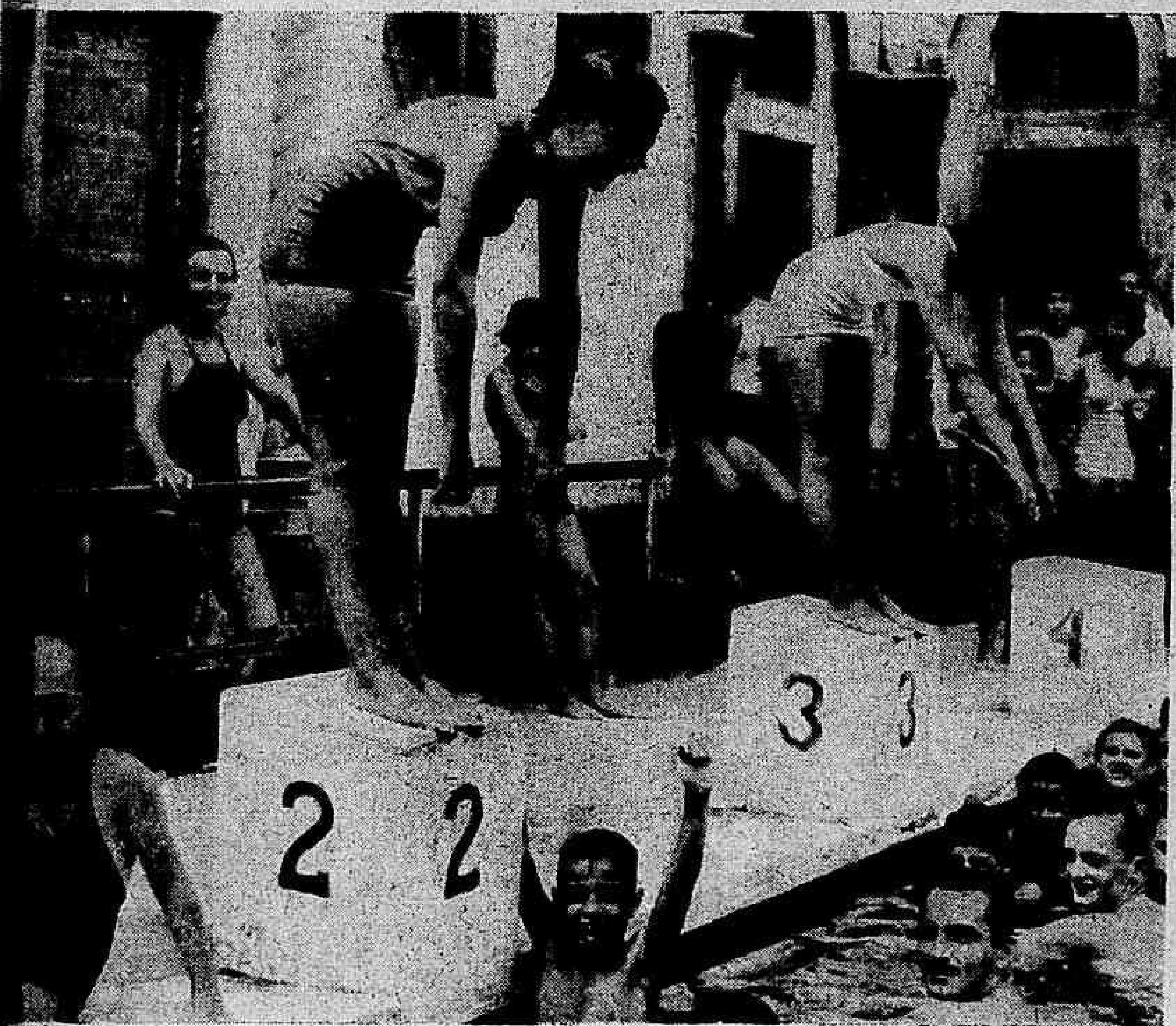
REUNIAO social, durante a qual as moças se reunem em grupos para os comentários do dia



NOITE DANÇANTE. Enquanto um casal descansa, no salão os pares continuam rodopiando



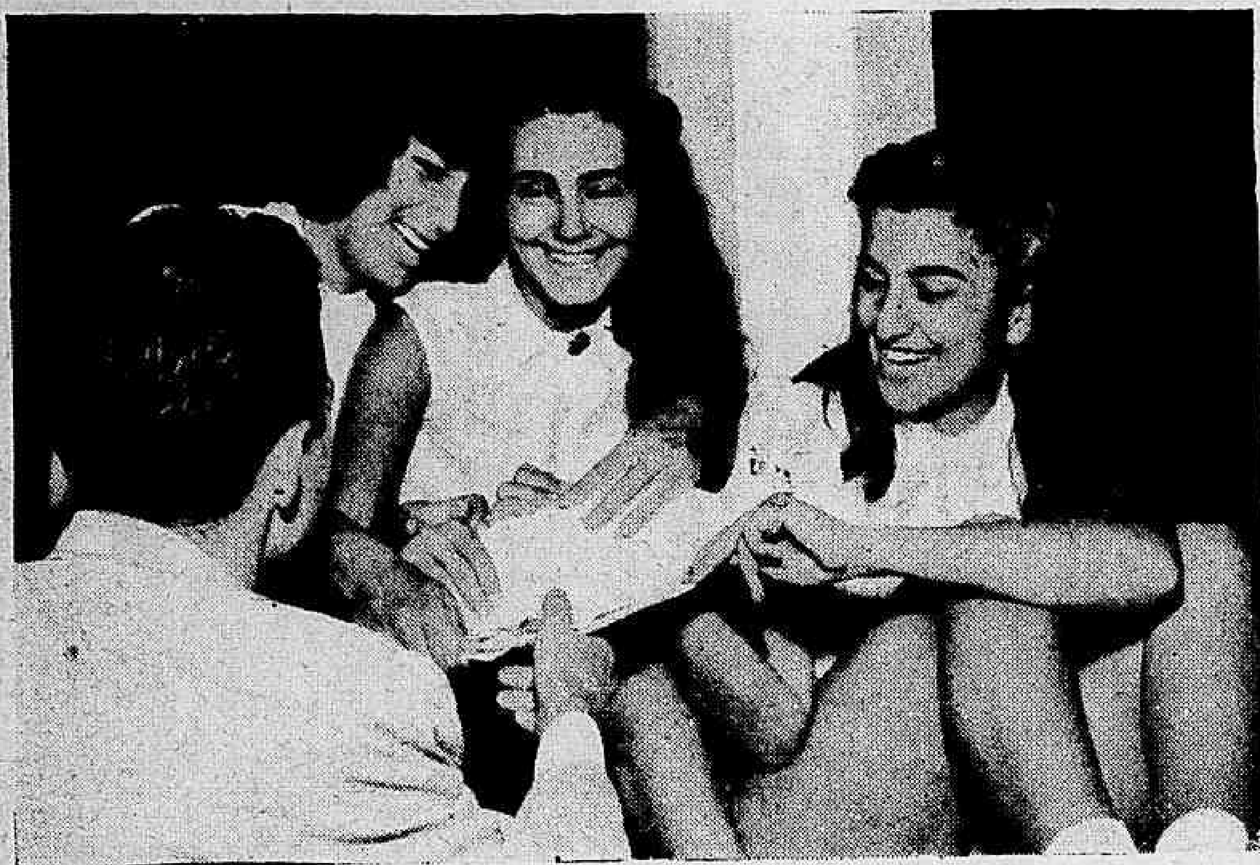
RODA de meninas, os brotinhos campeões de volei, de que tanto se orgulha o clube, com justa razão, pois além de bonitas de fato, constituem um dos mais fortes quadros da cidade.



EXIBEM-SE duas nadadoras na piscina, e os marmanjos aproveitam para sair na fotografia

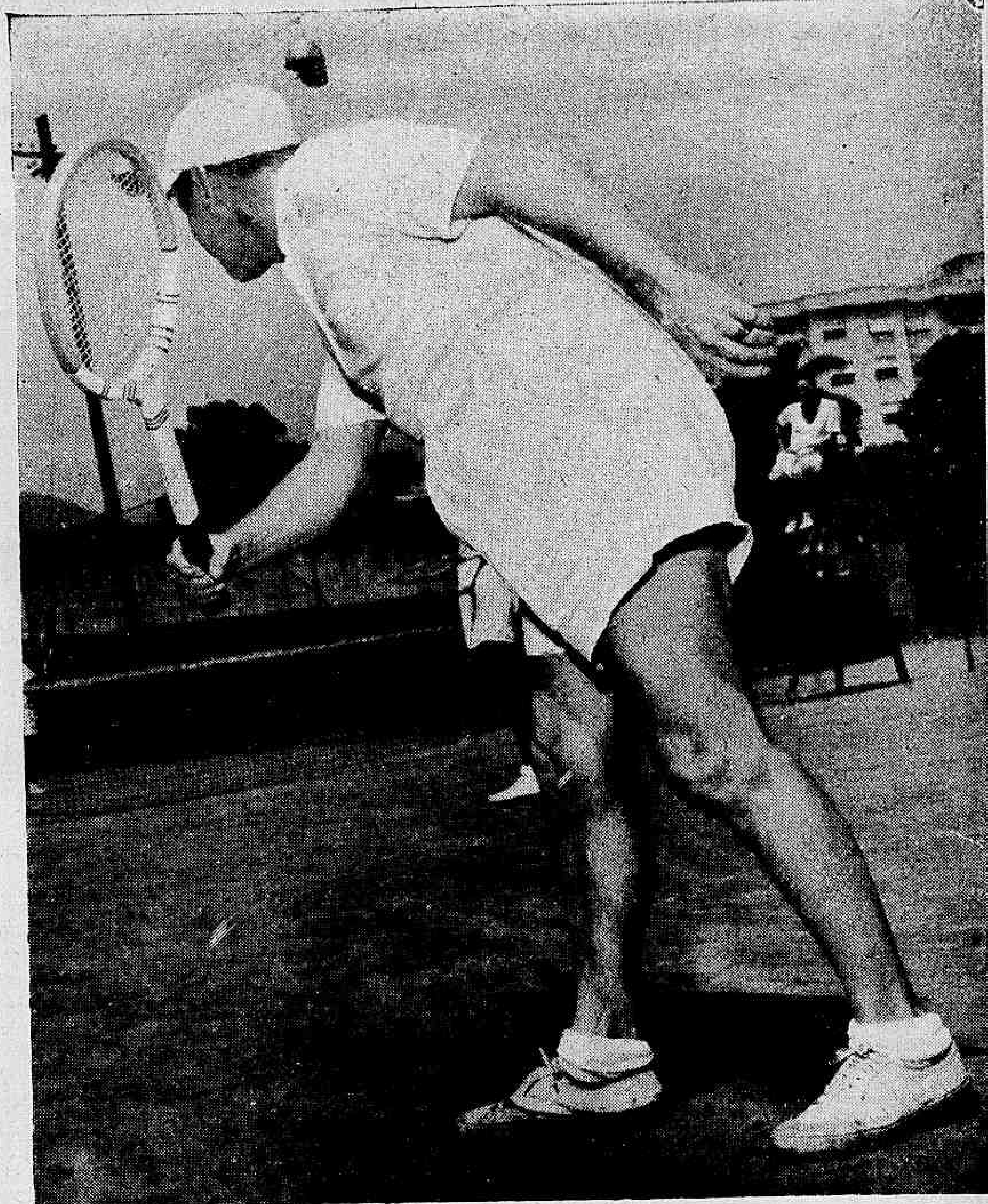


BILHAR, uma das atividades dos rapazes do clube, e como as outras, puramente amadorista

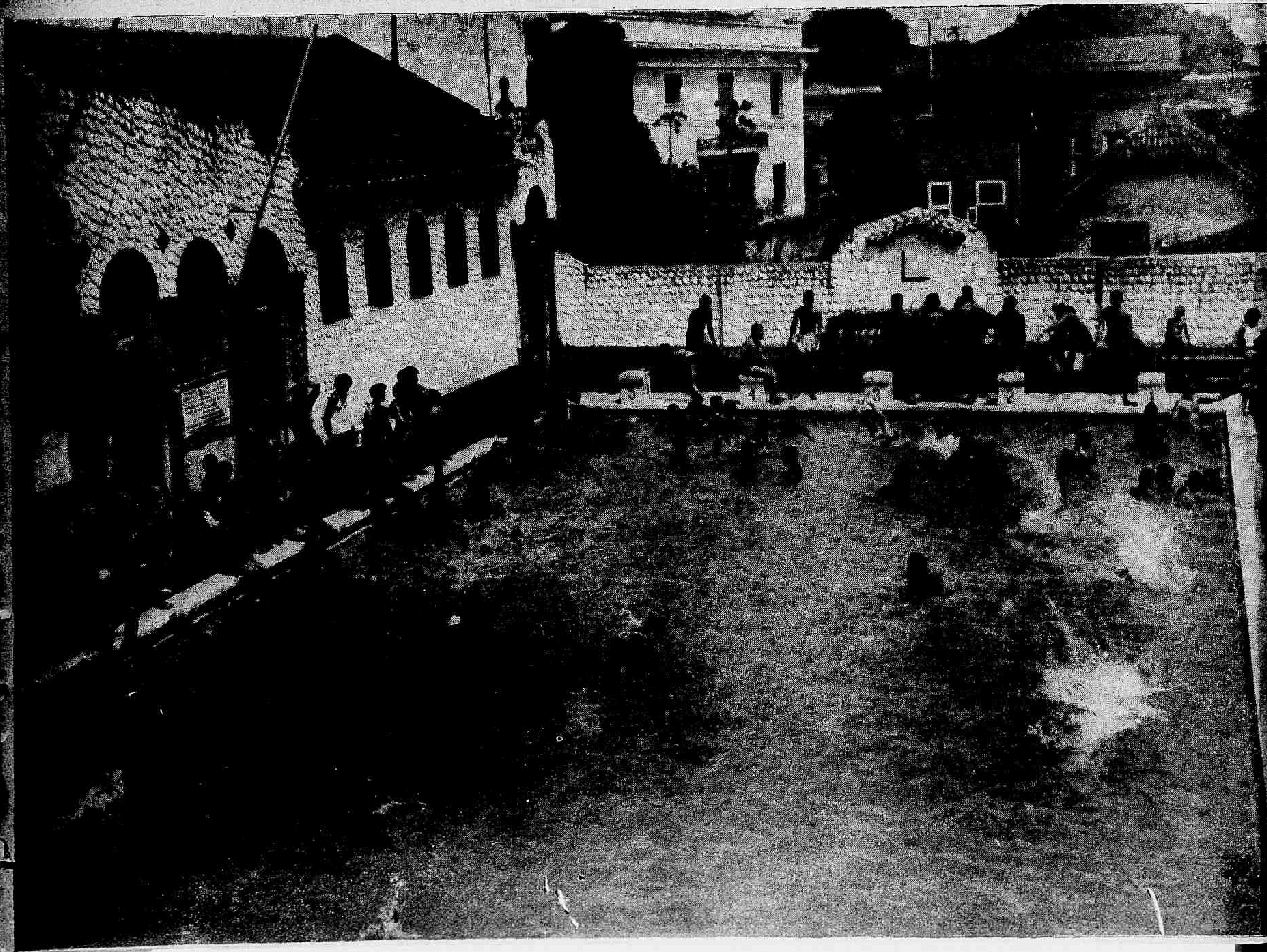


A REVISTA interna do clube é disputadíssima entre os sócios. **Tiragem 4.000 exemplares.**

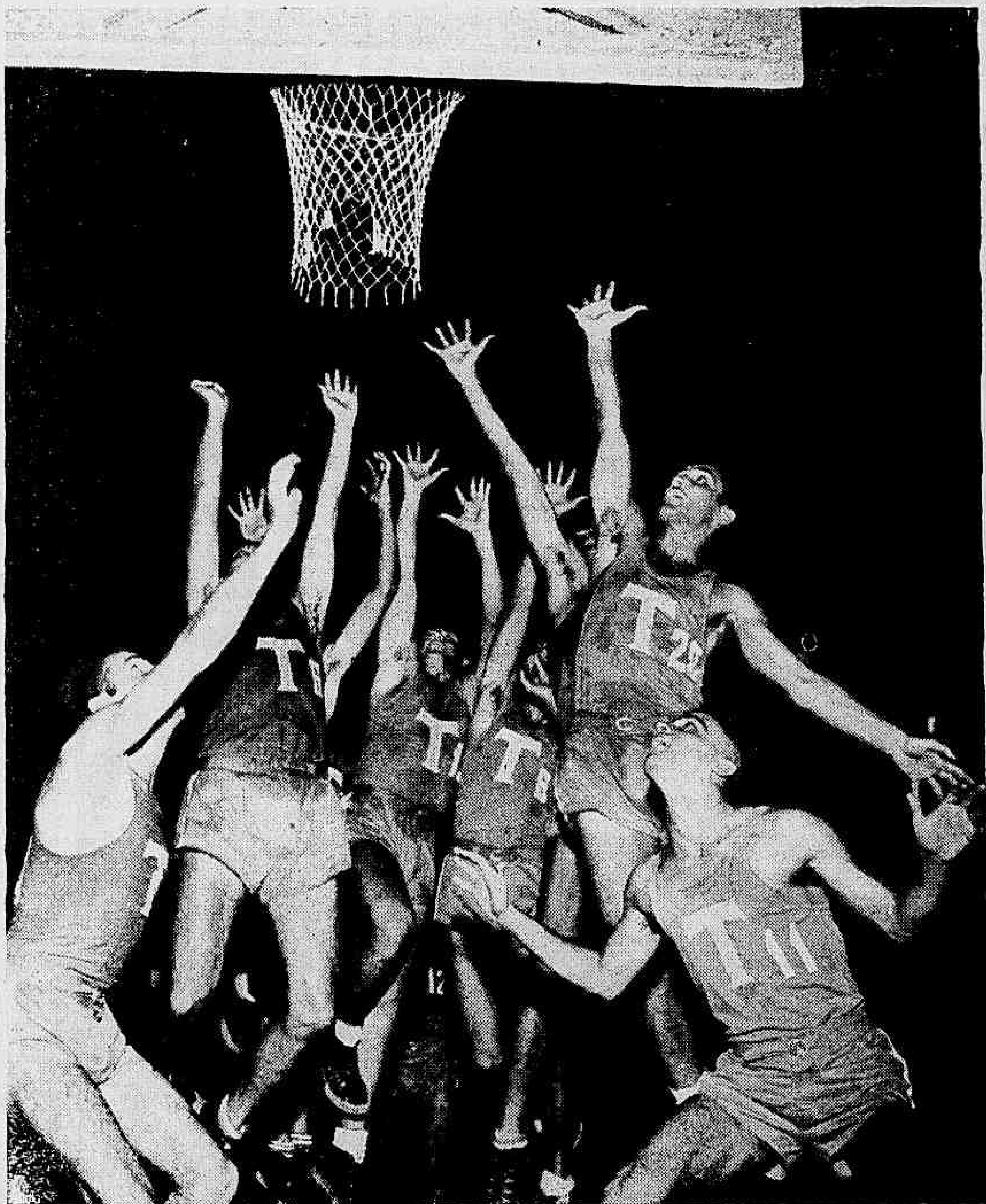
evoluido do periodo correspondente à primeira guerra mundial. Foi a necessidade de aumentar o espaço para o número elevado de sócios que obrigou à diretoria, alguns anos decorridos, a comprar, sob hipoteca, tôda a casa e o terreno aquém Rio Trapicheiros. Para arcar com as despesas, alguns quartos foram alugados a terceiros. Em 1929, o Tijuca contava com mais de 300 sócios. Brilhante futuro lhe era reservado, mas a crise que assolou o mundo inteiro, na época, quase levou o clube também. Assoberbado pelas despesas e pelas dívidas, a situação financeira era deveras aflitiva. Foi quando aparecendo o dr. Heitor Beltrão na presidência, fundou-se a Sociedade Auxiliadora do Tijuca, com capital inicial de 650 contos de réis. Em pouco tempo a antiga hipoteca foi liquidada, adquiriu-se o terreno do Mangueira, pequeno clube êsse que foi assimilado, e foi construida a bela sede, o ginásio, a piscina e o estádio de tênis, tudo como se apresenta na atualidade. Foi considerado então êsse magno trabalho, supérfluo, grandioso demais para as necessidades do bairro, despesa inútil mesmo. Hoje está tudo pequeno, não há espaço vital para



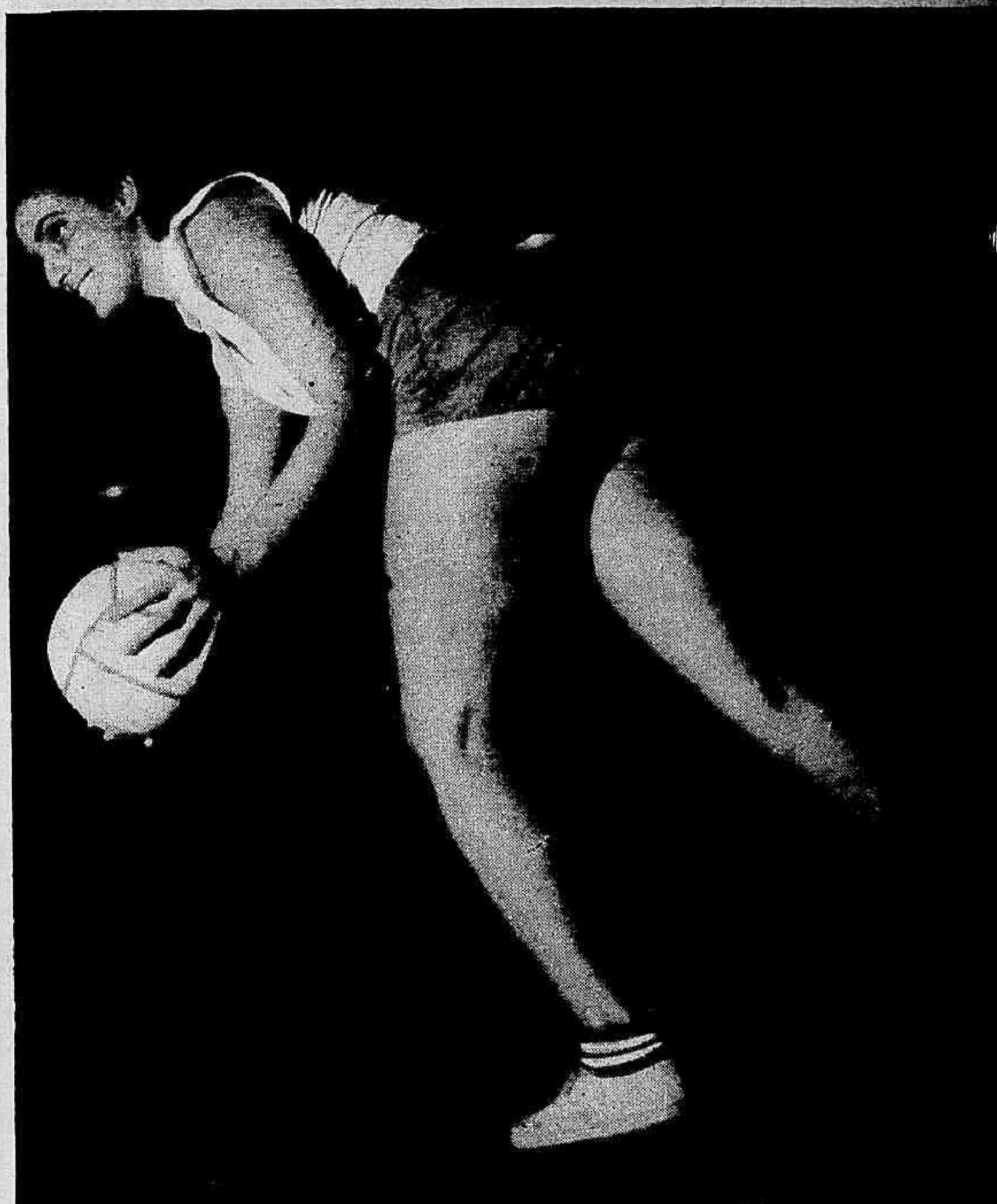
O TÊNIS é o esporte que maior espaço ocupa no clube, havendo doze quadras para êsse divertimento aristocrático.



A PISCINA, em plena atividade, numa tarde de um dia qualquer deliciando a meninada.



TREINO de basquete, pelos defensores do T, sem dúvida um dos melhores da capital.



MAIS UMA campeã de volei, «sacando» num treino de conjunto semanalmente realizado.

os 3.500 sócios. O Tijuca ficou sendo o orgulho da zona norte da cidade, clube fidalgo, aristocrático, especialmente por se praticar aí, de modo dominador, o tênis, considerado esporte pouco popular. Aos poucos, o basquete, o volei, a natação, a esgrima, o xadrez, o water-polo foram grangeando aficionados, impondo-se perante os concorrentes de modo decisivo. Em quase todos os selecionados nacionais há tijucanos, escolhidos pela fibra, pela competência, pelo espirito de luta, pela disciplina. Famosos são seus conjuntos, masculinos e femininos, compensadoras as atuações nas diversas temporadas. Na vida social, o clube passou a ser considerado como sucursal das residências dos associados. Alguns dêles freqüentam o clube desde meninos, cresceram aí, praticaram esportes, namoraram com as colegas, casaram, continuam freqüentando trazendo agora os filhos aos mesmos lugares em que tanto se divertiram. Há mesmo uma tradição que considera o Tijuca casamenteiro, tão numerosos são os casos, seja entré os associados, como entre os diretores. Pelo fato de unirem pelo matrimônio seus destinos, não quer dizer que a freqüência do clube deve ser abolida, pelo contrário, é trabalhar mais ainda em prol da sociedade, a fim de preparar um lugar em que possam deixar com tôda confiança seus filhos. E é isso que está acontecendo.

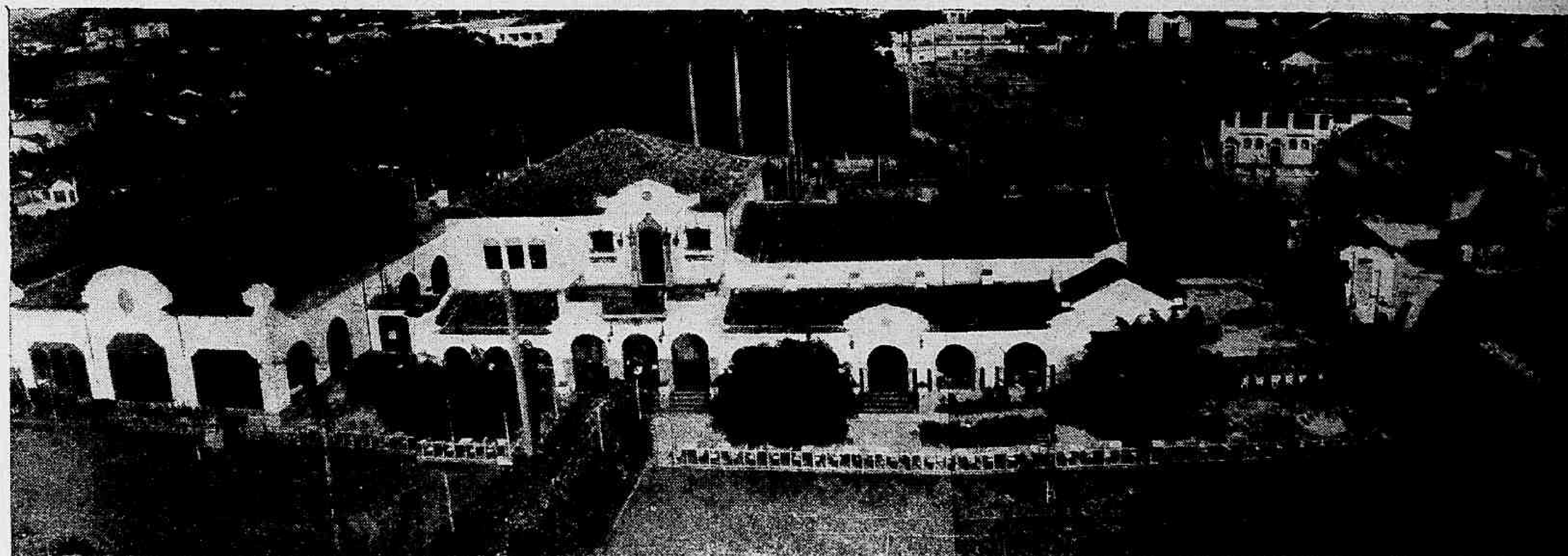
Em 1950, repetiu-se a situação de 1930. Finanças quebradas, orientação unilateral das diretrizes do clube. Freqüência caindo. Foi fundado o Movimento Renovador, constituido por gente moça, que freqüenta o clube desde meninos, com visão mais larga e atualizada da vida. Forçaram-se eleições, a chapa renovadora saiu vitoriosa em abril do ano passado, fazendo-se sentir desde logo a ação do presidente dr. Hugo Ramos Filho e dos demais diretores, todos animados pelo mesmo espirito que tiveram os fundadores do clube. Obedecendo ao lema: por um Tijuca maior e melhor, trabalham êles incansàvelmente. As dividas também desta vez foram pagas, almentou o número de sócios, e está sendo levado adiante um plano arrojadissimo, que fará do Tijuca o clube com uma das melhores sedes do mundo inteiro. Os esportes, cuja eficiência havia caido, levantaram-se de novo, os programas sociais foram retomados: festas solenes, a rigor, jantares-dançantes, bailes comemorativos, reuniões intimas, matinais e vespertinas, animadissimas festas carnavalescas, tudo tem nova feição. As familias, voltam a freqüentar assiduamente as dependências do clube. E' por isso que já é pequeno. Por isso que o plano executado para a nova sede é algo de admirável.

Longamente estudado com gôsto e competência, para satisfazer tôdas as necessidades de uma agremiação, foi concebido um plano antes de mais nada modernissimo, isto é, usando o estilo arquitetônico idealizado pelo suiço Le Corbusier e introduzido no Brasil por Niemayer. Muito justo, pois a sede deverá servir no futuro para o futuro. Respeitando as exigências, as conveniências e as idades de todos os associados, tudo está dividido de modo a gozarem a mais ampla liberdade e ao mesmo tempo a intimidade própria de uma coletividade instruída, educada, esportiva e social. O estilo sendo próprio para o nosso clima, amplo, arejado, com muita luz, programaram-se jardins tropicais, cobertos ou não, suspensos, com piscinas decorativas, salões, ginásios, quadras para os diferentes esportes, sempre nas medidas internacio-

(Cont. na pág. 46)



O DEPARTAMENTO MEDICO, está sempre vigilante.



VISTA GERAL DO CLUBE, vendo-se da esquerda: a quadra de basquete e volei coberta, a sedé, na frente as quadras de tênis, atrás o parque infantil, mais quadras e a piscina.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 46 -- PARA VETERANOS

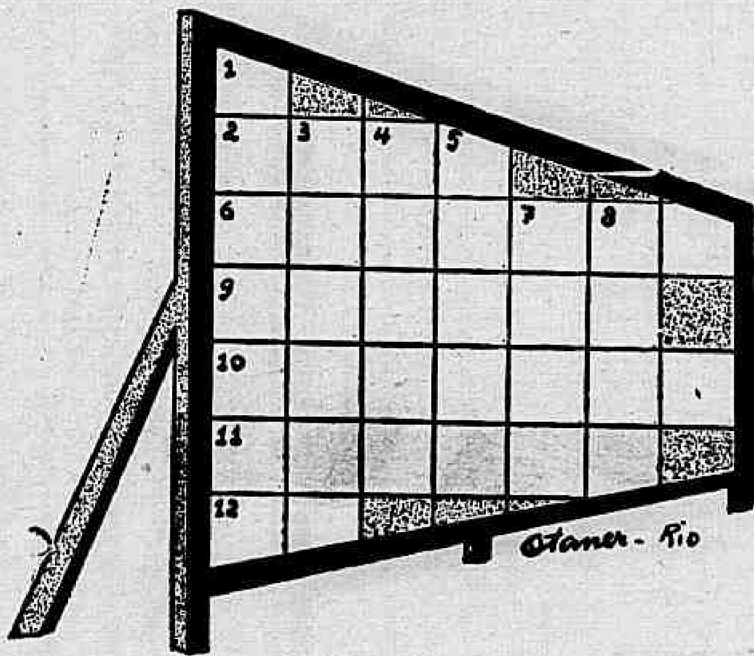
HORIZONTAIS: — 1. Deusa egípcia que representa a Verdade e a Justiça — 3. Intervalo de meio tom na música chinesa — 5. Nonada — 6. Sufixo que designa depreciação, naturalidade — 8. Exceto — 9. Meiguices — 11. Medida itinerária do Japão — 12. Gramínea que produz um grão alimentício — 14. A mim — 16. — Diabo — 18. Renque — 19. Riachinho que desemboca no oceano — 21. Achato — 23. Gretado — 25. Cofre dos japonêses — 26. Mofa — 27. Esconder — 31. Rigoroso — 35. Jôgo de azar — 36. Fama — 38. Suplicar 39. Momento — 40. Arbusto da Índia — 42. Seguir — 43. Livre — 45. Jornadas 47. — Sem dúvida — 48. Nave — 49. Variação pronominal — 50. Alcatéia.

Otaner - Rio

VERTICAIS: — 1. Fim — 2. Rebanho de ovelhas — 3. Começo — 4. Harmonizava — 5. Vila de Portugal, freguezia do distrito de Bragança — 7. Rio da Sibéria — 8. Tira — 10. Preguiça — 11. Aguardente — 13. Medida holandesa de comprimento — 15. Tribo árabe da Berbéria — 16. Nota musical — 17. Inspiração — 19. Aliado — 20. Filha do rio Inaco — 22. Agrada — 24. Airi — 27. Outra coisa — 28. Triture — 29. Indígenas que habitavam a região entre os rios Paranapanema e Peixe — 30. Crédito. 31 — Velharia — 32. Bonança — 33. Conferir — 34. Desinência verbal — 37. Aqui — 40. Igual — 41. Voraz — 44. Corifeu — 46. Símbolo do ouro.

★

PROBLEMA N.º 46 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 2. Querer — 6. Rodas pequenas — 9. Doidos — 10. Vaso de barro com asas (pl.) — 11. Patetas — 12. Sadia.

VERTICAIS: — 1. Pessoa muito assídua à igreja (pl.) — 3. Habitara — 4. Arma branca mais larga e maior que o punhal — 5. Deter — 7. Alcoviteira — 8. Ligeireza.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 45

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Mamar — Panacaricas — Lar — Nar — Já — Aia — Li — Abundanciar — Nó — Pó — Trapizongas — Ad — Lis — To — Icó — Baé — Barbeirolas — Acauã.

VERTICAIS: — Salabórdias — Mar — Ac — Magia — Ar — Rin — Parlapatear — — Na — Ca — Janta — Adail — Ancos — Iroso — Zínia — Cr — Oba — Boa — Al — Ec — Ru.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Atar — Cras — Tabuleiro — Er — Meu — Te — Uta — Tir — Ara — Rif — Iró — Ais — Mu — Tié — Co — Agiologia — Sara — Olour.

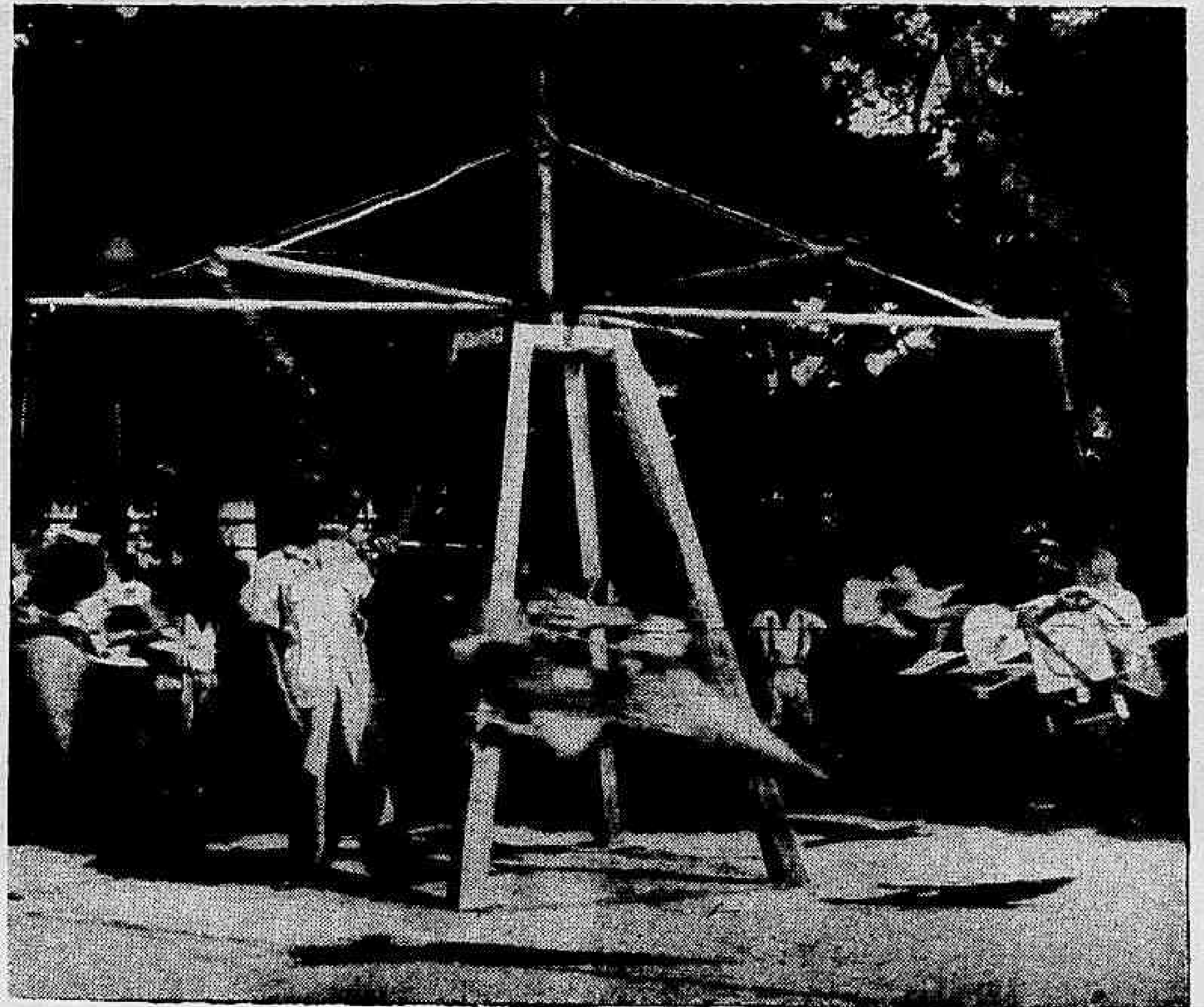
VERTICAIS: — Ateu — Tartaruga — Ab — Rum — Céu — Ri — Artifício — Soer — Lei — Aro — Tia — Imãs — Mil — Soar — Toa — Eoo — Ir — Gl.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

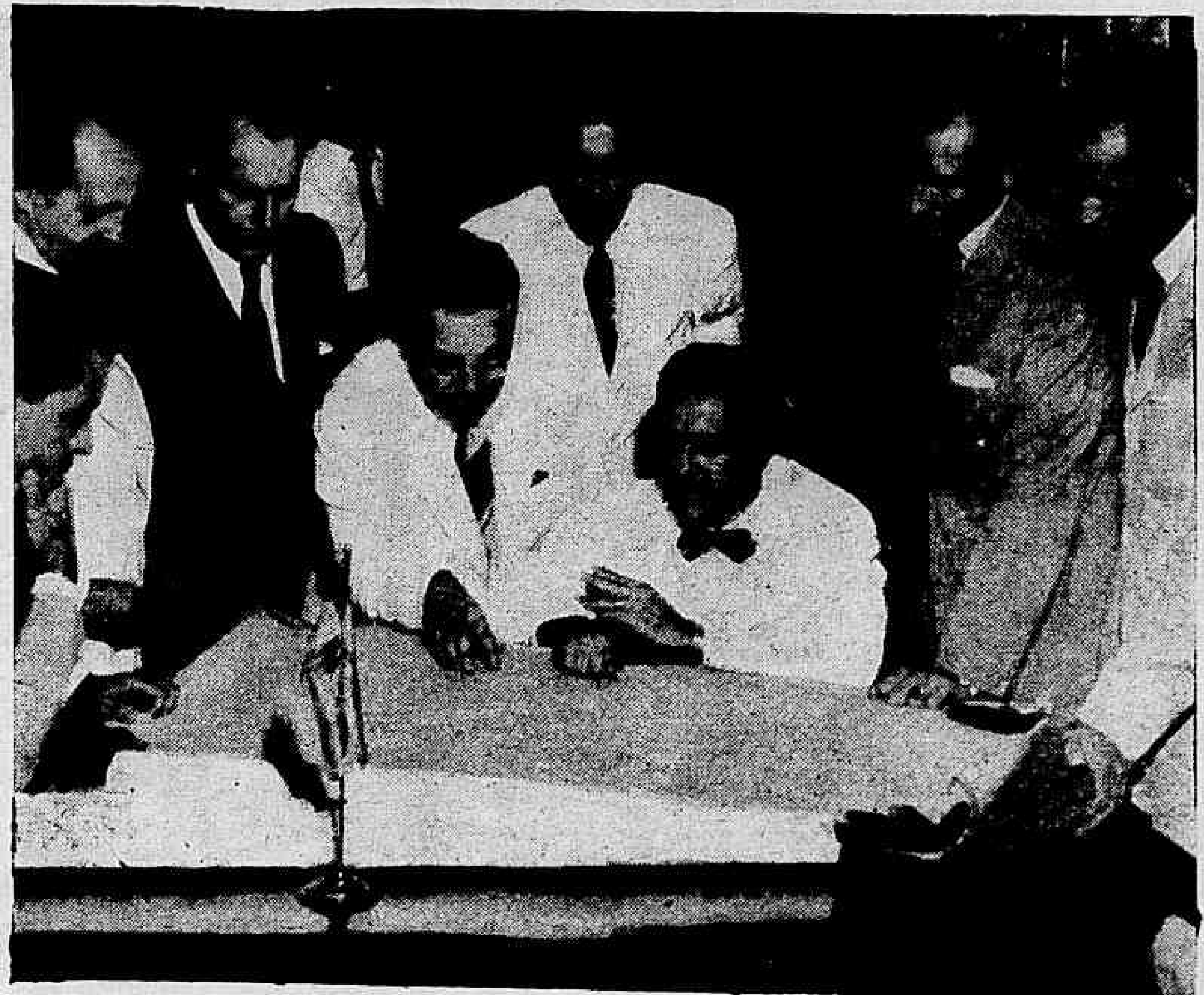
CLUBES DA CIDADE



NO BAR, depois do esporte, refazem as energias gastas e algumas telefonam aos namorados

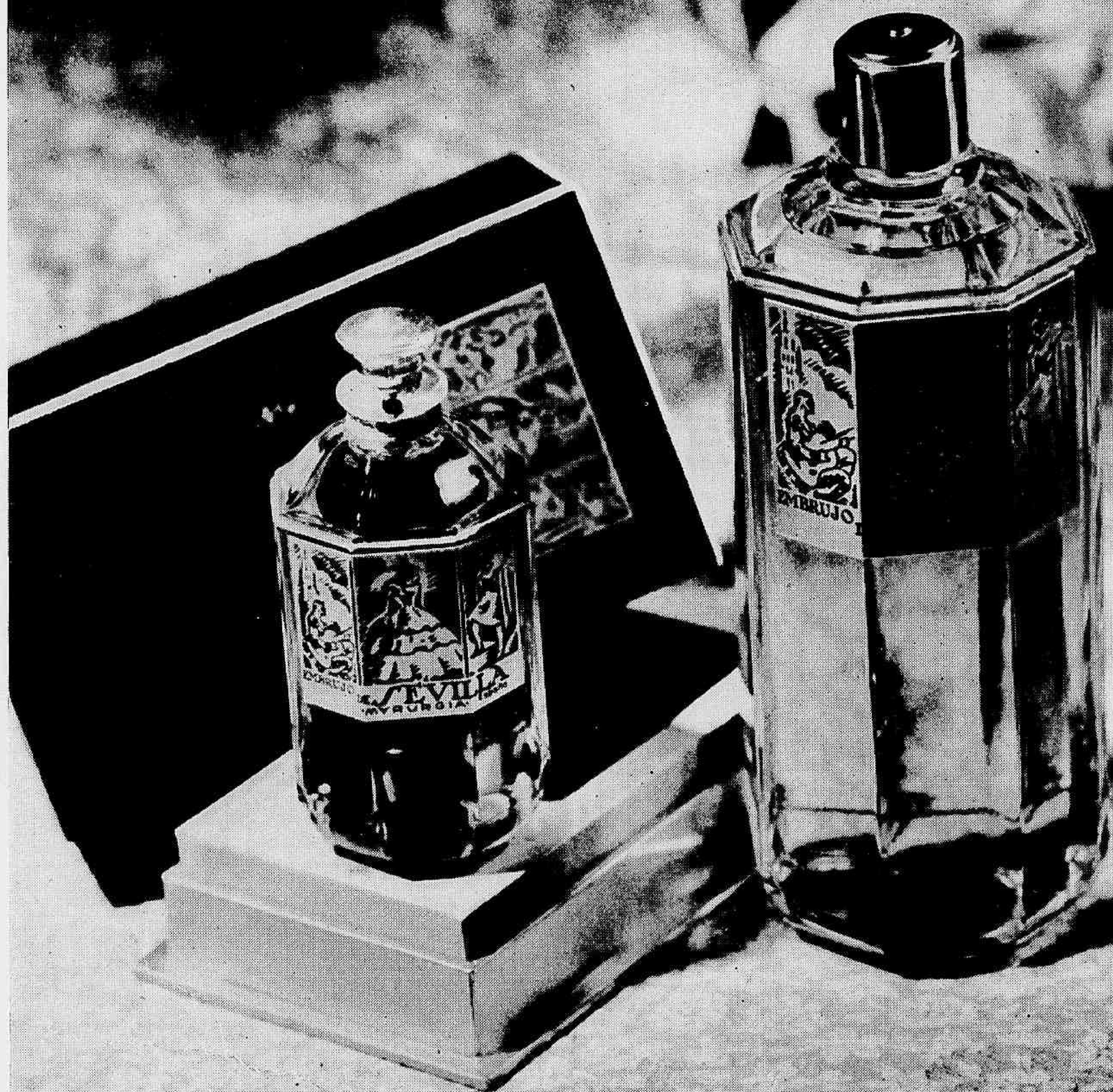


NO PARQUE INFANTIL, a brincadeira favorita pela gurizada é o carrocel de aviões.



A DIRETORIA, sob a presidência de Hugo Ramos Filho, examina as plantas da futura sede

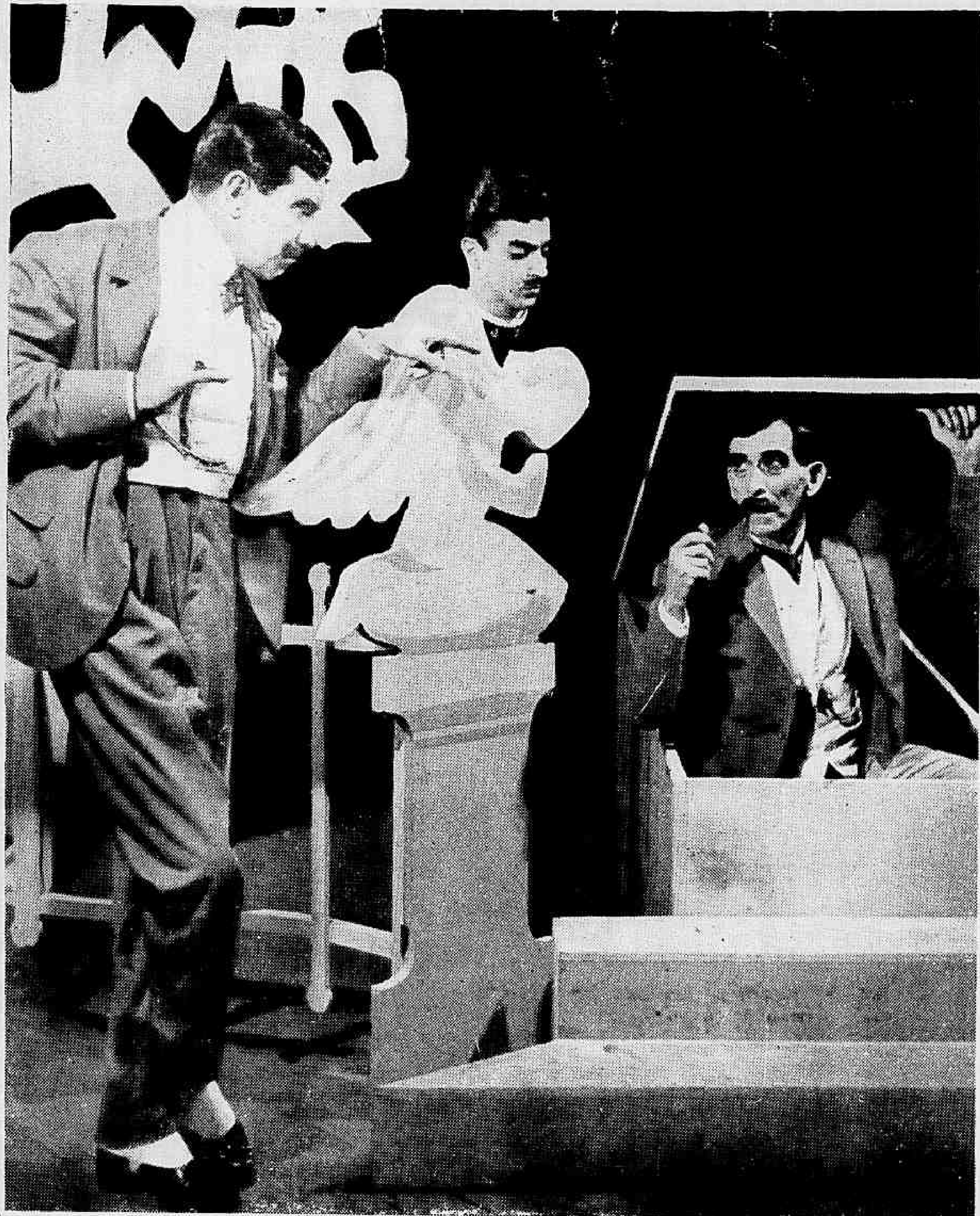
EMBRUJO DE SEVILLA



Um perfume de grande classe

· MYRURGIA ·

A DOCE INIMIGA



1 Num cemitério. De noite. Os vivos dormem, os mortos acordam. Levanta-se uma pedra sepulcral, surge o marido da história. Vem fazer-lhe companhia o marinheiro. Falam das mulheres. Por causa delas, êles morreram. Conta o jovem marujo: Enamorara-se perdidamente pela filha de um papai rico.

(La Tendre Ennemie)

de

ANDRÉ PAUL ANTOINE

Tradução de ARMANDO GONZAGA

Pelo Teatro de DULCINA E ODILON

Personagens pela ordem de entrada:

O marido	MANUEL PERA
O marinheiro	NARTO LANZA
A mulher	DULCINA
O amante	ODILON
O médico	JORGE DINIZ
A filha	DINORAH MARZULLO

Fotos de CARLOS

PEÇA criada por André-Paul Antoine em 1929, foi mais tarde modificada, sendo apresentada agora nessa última versão. Sendo mais relato de acontecimentos do que ação dramática pròpriamente dita, repousa o autor nos símbolos com que joga. Pois torna-se logo claro que André-Paul Antoine quis contar a luta do homem contra o "eterno feminino", as negociatas que em geral o homem pratica em casos de amor e as queixas que profere quando se vê ludibriado em seu negócio. Começa enganando e sente-se feliz até o momento em que descobre que não passa de um enganado. Com a vaidade de representante do sexo forte, e portanto dominador, ferida, praticaria, quem sabe quais loucuras se não encontrasse respostas inteligentes na argúcia de algumas mulheres independentes. E' isso tratado com finura na peça ora representada pelo elenco de Dulcina e Odilon.



2 Por não ter êle dinheiro, recusava o pai o casamento com a filha. Fêz-se marinheiro e viajou para a Groenlândia. Decorridos alguns anos conseguiu juntar certa quantia. Voltou, o pai da moça achou pouco e não consentiu, ainda desta vez, no enlace. Viajou novamente o moço, seguro do amor da jovem amada.



3 Passados três anos fêz fortuna, quis mais e perdeu-a no jôgo. Voltou. A namorada reluta em aceitá-lo pobre. Êle, como prova de amor, exige a fuga de ambos. Ela promete, mas termina por escrever-lhe acabando com o namôro. O marinheiro, desiludido não resiste ao golpe e dá um tiro na cabeça



4 O outro declara que não valia a pena e, diante do assombro do rapaz, conta que foi o marido da tal mulher. Casou três meses depois da tragédia e viveu com ela durante dez anos. Um dia, voltando para casa, surpreende a espôsa com as malas prontas. Ia deixá-lo e iria viver com a mãe.



5 Tenta demovê-la. Sabe que não existe amor entre os dois, mas ao menos por amizade. Nada consegue. Discutem e enfim ela declara ter um amante. Teve muitos outros. Êsse é o último. O marido quer uma prova. A mulher chega à janela e chama o amante que estava na calçada esperando-a para fugirem.



6 O amante entra na casa. Vê-se que domina completamente a mulher, com sua elegância e seus ares donjuanescos. O marido ultrajado quer uma explicação. O amante manda que sente na poltrona e ouça. Em seguida pede à mulher para que o vá esperar na rua. Terá êle uma conversa em particular.



7 Com a palavra muito fácil consegue convencer o marido que no caso quem sai ganhando é o próprio marido e o amante perde pois deverá arcar com tôdas as despesas de agora em diante. Pede então que, em troca, faça acreditar à mulher num possível futuro perdão. Êle aceita. Despedem-se como amigos.





A DOCE INIMIGA



8 A mulher, mal informada, volta para agradecer, pensando que o marido permite que ela continue vivendo com êle. Morre o marido ao ver perdida a sua liberdade, e os dois amantes se abraçam por cima do cadáver, felizes, pelo que haviam conseguido.



10 Enquanto a mulher se prepara, chega um amigo médico. Dianóstico: coração, exaustão. Remédio: repouso absoluto na Suíça, sòzinho. Se continuar na vida devassa com a mulher, por certo não viverá muito tempo. Assusta-se o amante diante da morte.



9 O marido e o marinheiro pensam que de todos foi o amante o mais feliz. Êsse também já morreu e surge, então, da tumba para desmenti-los. Após três anos de vida com a mulher, sentiu-se mal, mas para não demonstrar fraqueza, prometeu sair à noite mais uma vez.



11 Na frente do espelho examina-se, pensa nas tonteiras e nas dores que ùltimamente sentia e decide observar o conselho médico. Telefona para a estrada de ferro marcando uma passagem de ida para a Suíça. O final da conversa é ouvido pela mulher.



A DOCE INIMIGA



12 Maravilhado pela decisão, pensa na existência de outra mulher e faz uma cena de ciumes. Quando o amante, enfim, lhe revela a verdade, oferece-se para cuidar dêle, dizendo que iriam os dois para uma casinha num lugar sossegado nos arredores de Paris. Cede enfim o amante, diante dos argumentos da mulher.



13 No fim de três meses êle estava morto. Chegam os três homens à conclusão de que foram três vítimas da mesma mulher. Nisso, passa uma velha e cumprimenta-os. E' a mulher, portanto ela também morreu. Sai-lhe o marinheiro no encalço e a conduz para junto dos outros dois. O jovem marujo a perdoou.



14 O marido, após alguma relutância, também a perdoa. Só o amante continua inflexível nas acusações. Para demovê-lo, lembra ela o passado, já velhinha, com a filha casada, vivia brigando com o genro, o que motivava também discussões entre os recém-casados. Ela gostava disso.



15 Recebe um dia a visita da filha, enquanto folheava um velho álbum de fotografias. Pela atitude da filha compreende que mais uma vez discutiu com o marido. Quando a filha lhe diz que tôdas as brigas são causadas por ela mesma, exalta-se e termina morrendo de colapso nos braços da moça.



16 Ela morreu, mas tem certeza de que durante todo o resto de seus dias, a filha terá essa morte como motivo de discussão com o marido. Enfim vem surgindo o dia, já não adianta discutir as coisas terrenas. Despedem-se os quatro, pois com o dia virão os vivos, que nada sabem do que vai pelo reino dos mortos.



...um novo e auspicioso futuro surge em sua vida. Mas os atrativos que lhe deram essa alegre perspectiva devem ser preservados, pois pequeninos descuidos podem alterar o destino de uma mulher.

Mantenha a beleza do seu rosto e a perfeição de sua cutis, com o uso diário de Leite de Rosas, o mais eficiente colaborador no embelezamento feminino. Torne mais fácil o caminho para a felicidade, dando o «sim», também, ao programa de beleza que lhe sugere Leite de Rosas!



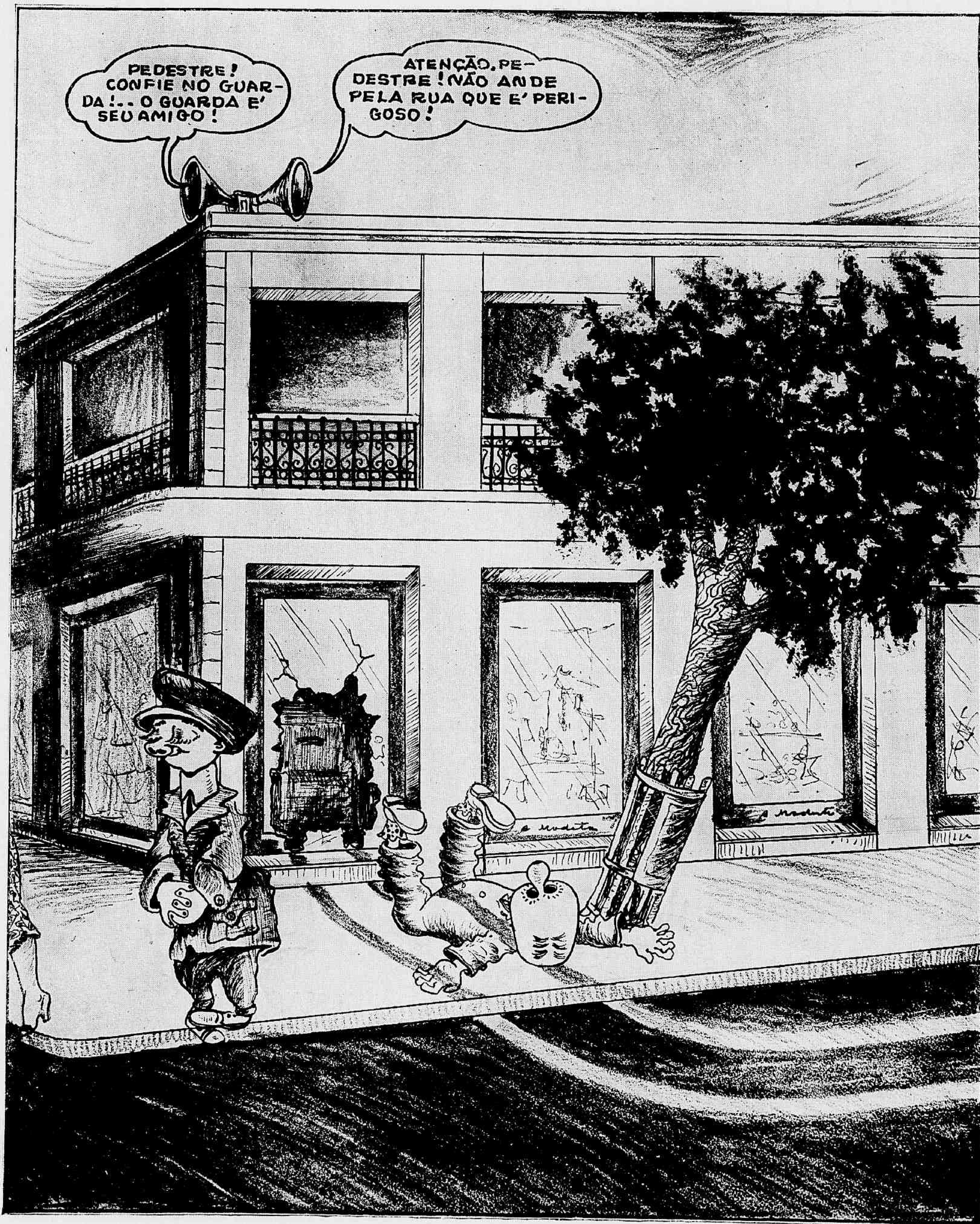
LEITE DE ROSAS

LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA S. LUÍS GONZAGA, 2085 A
TELEFONE: 48-7660 — RIO

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

Eduquemos os pedestres

Charge de **DARCY**





TÔDA GENTE imagina Copacabana, parece, em meio de garrafas. Fala-se nas boites sem parar e a respeito delas se diz coisas que nunca aconteceram. O que acontece efetivamente tôdas as noites é muito simples: certos homens e certas mulheres gostam de beber, o que às vêzes fazem sem maiores cuidados. Daí os comentários.

COPACABANA A ÔLHO NU

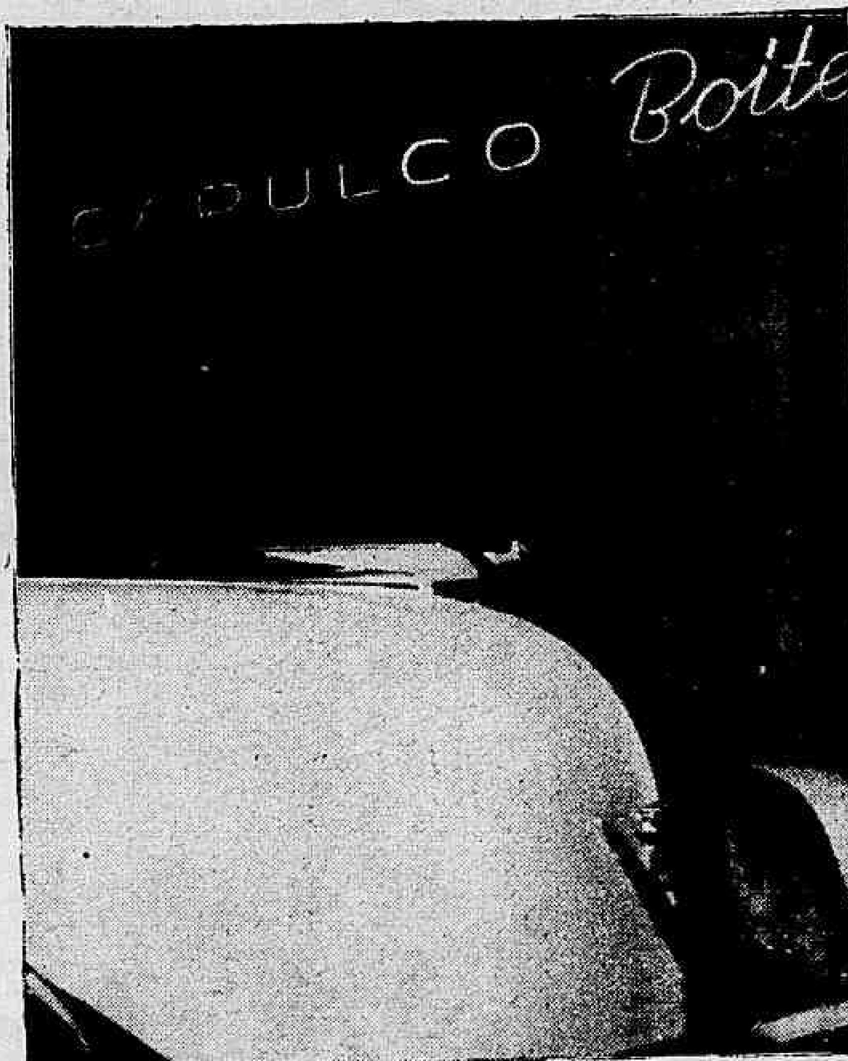
COISAS QUE SÓ O FORASTEIRO VÊ ★ A CALÇADA DA PRAIA DEPOIS DAS 10 HORAS ★ FREQUÊNCIA DAS BOITES ★ HÁ MUITO EXAGÊRO NO QUE DIZEM DE MAU A RESPEITO DO BAIRRO

Texto de DANIEL CAETANO ★ Fotos WALTER MORGADO

É quase noite em Copacabana. Os ônibus e lotações descem para a cidade mais ou menos vazios e sobem cheios. Êles e ainda os automóveis saem do túnel do Leme e se metem pela rua Barata Ribeiro numa disparada louca. Por que tanta pressa? No outro dia se deu um fato engraçado: nada menos de duas cabritas resolveram atravessar a rua logo ali na saída do túnel, à hora de maior movimento. Os freios de dezenas de carros funcionaram contra a vontade, e os dois animais, com tôda a calma, passaram, o que deu a Copacabana, por alguns minutos, um ar roceiro. As duas cabras pertencem a certo morador da localidade, instalado com seu barraco e criação de animais no morro, ali perto. Os motoristas dos ônibus são uns conhecidos malucos: jogam seus pesados veículos contra tudo, sempre no afã de ganhar a frente dos outros. Mas, na semana passada, um dêles parou o carro numa esquina que não é ponto. Os passageiros não atinaram imediatamente com a razão. Demorou pouco, entretanto, para que viessem a compreender: certa crioulinha, descendo da calçada, deu uma volta pela frente do ônibus, e ficou acertando suas coisas com o motorista, um criolão de bigode cheio, cara amarrada, e suficientemente capaz de ficar indiferente aos protestos do ônibus lotado até o teto.

As luzes de Copacabana, como de tôda a cidade, neste horário de verão, só se acendem às 8, quando a noite já é fechada. Depois dessa hora é que tem início o passeio ao longo da praia. A calçada fica intransitável até às 10. A essa hora começa a última sessão dos cinemas, sabe-se, e, quem não vai a êles, se não faz parte dessa vida noturna, trata de ir para casa dormir. Frescas e limpas nos seus vestidos de busto nu, as meninas direitas tomam os elevadores e deixam a calçada da Avenida Atlântica para outra espécie de gente. Dali a pouco essa espécie de gente começa a chegar. São moças e velhas, mas se vestem de maneira tal que não há confusão, e andam pela praia tendo no olhar um ar de ansiedade muito compreensível. Procurando alguma coisa. Elas circulam a noite inteira, de um pôsto a outro, de vez em quando sentam num dos bancos, cruzam as pernas, deixam uma parte do joelho aparecendo, puxam um cigarro, ficam sérias ou risonhas, conforme o método que adotam, e nesse jôgo permanecem até de manhã.

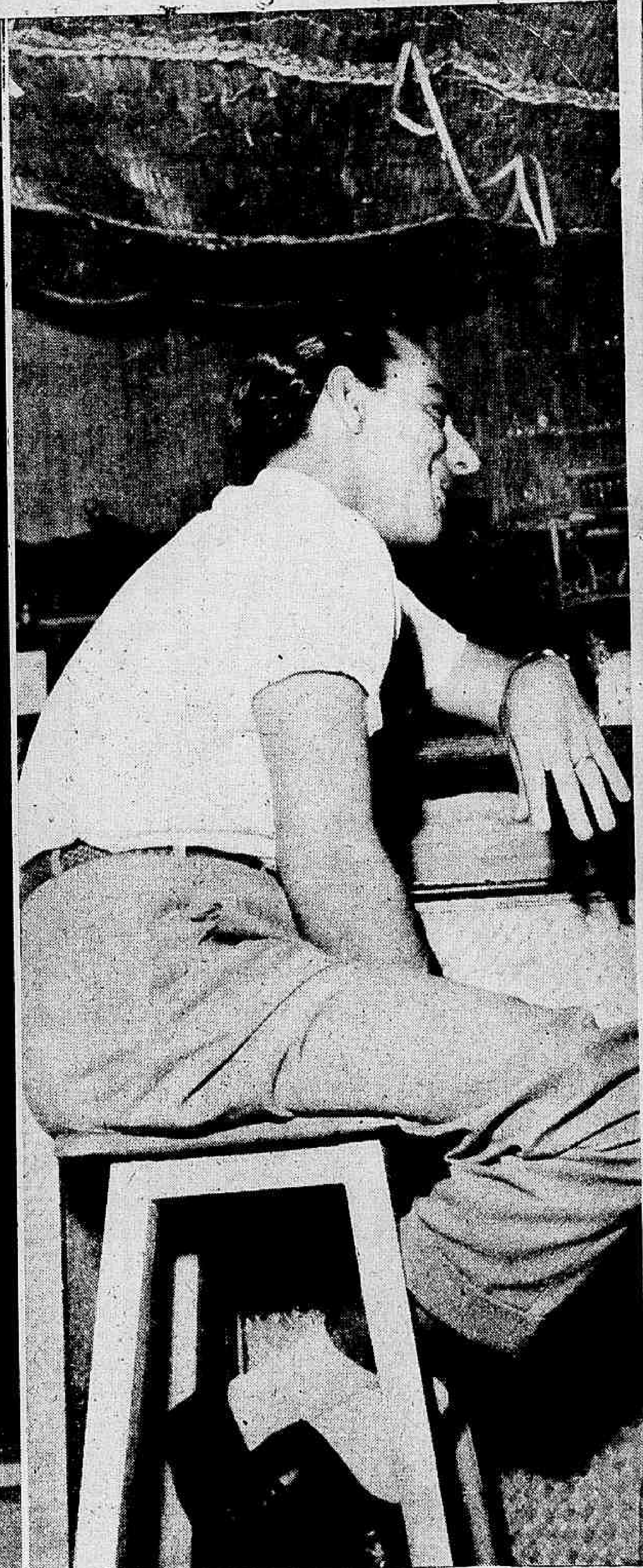
Os automóveis, desde que anoitece, entopem o trânsito na Avenida Atlântica. Antigamente, essa história de ficar passando com o carro devagar ao longo da praia, dava bons resultados. Havia um número razoável de garôtas, muitas das quais valendo a pena, que aceitavam de bom-grado o oferecimento para dar uma volta... Mas aconteceram umas tantas coisas feias, depois noticiadas pelos jornais, e agora o número de incautas diminuiu. Rara é a pequena que vai nessa conversa de tomar assento num



A UMA boite não se vai sem carro — pensam as pessoas de fora — mas não a tôdas; algumas, sim.



O CRIOULINHO do amendoim é um personagem da vida noturna de Copacabana há muito identificado com tôdas as suas coisas. Êle desce do morro ali perto assim que anoitece e se recolhe quase sempre ao amanhecer.



OS MENINOS do bairro gostam muito de procurar o Mocambo, uma das boites que se pode freqüentar em man-



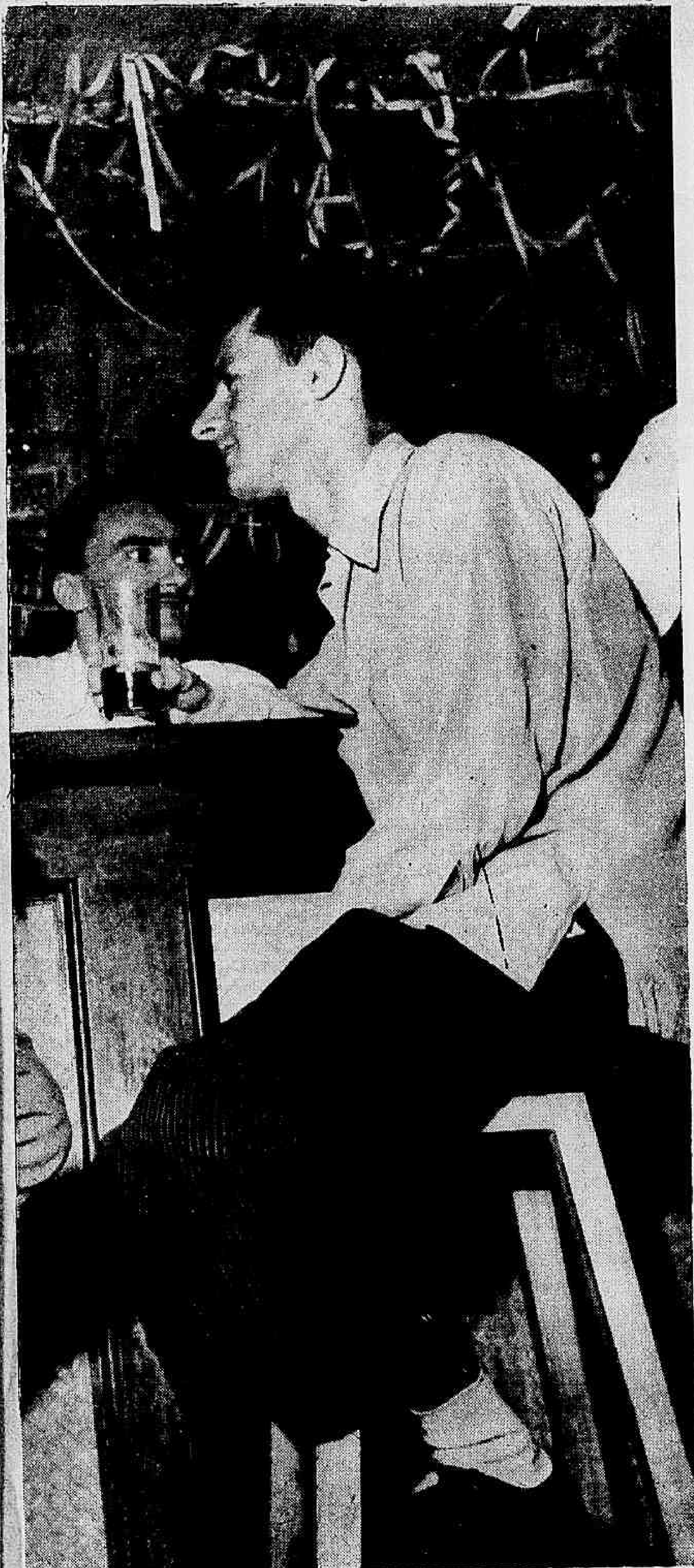
A DISPOSIÇÃO das mesas, em alguns recintos, como se vê na foto, lembra um pouco sala de aulas de escola pública.



OS FREQUENTADORES são às vêzes muito jovens, diz-se, mais isso talvez não seja assim tão grave como parece.



O PIANISTA está sempre rodeado de fregueses que lhe pedem para tocar isso e aquilo, o que êle atende, e aceita o «drink» oferecido.



gas de camisa, e lá ficam até bem tarde conversando. Antigamente, antes do café de pé, a conversa saía mais barata.



MULHERES de tôdas as idades costumam frequentar boites, mas as que se tornam freguesas de tôdas as noites são as mais velhas, muito embora se espalhe por aí que a frequência de brotinhos predomina. Murilo, no acordeon, é uma atração do Mocambo.





A PRESENÇA DE CANTORES nordestinos é comum, principalmente os que interpretam o baião da moda.

UMA BOITE é sempre escura para ser boa mesmo. Está visto que um beijo ou outro não faz mal e quase não chega a ser notado pelos presentes, uma vez que êstes naturalmente tratam das suas coisas do mesmo modo, mas o fotógrafo é sempre uma pessoa indiscreta.



COPACABANA A ÔLHO NU



O BAMBU-BAR é todo revestido de bambu envernizado.

carro, por mais belo que êle seja, sem conhecer bem o rapaz. Ainda assim, a turma não desiste. Sempre consegue alguma coisa. Mas, depois das 10, quando as filhas de familia sobem para os apartamentos, o pessoal que toma conta dos bancos não é assim tão precavido. O número de carros parados, tendo na porta uma ou duas garôtas, discutindo se a entrada interessa ou não, é sempre muito grande. Também o assunto se resolve rápido. Quando se passa por elas é possível surpreender uns restos de conversa. Quase sempre o diálogo acaba assim: "Não, meu bem, eu estou trabalhando...'. A mulher vira as costas ao carro e se põe num passo entre mole e cansado a seguir pela calçada, naturalmente já pensando em outra coisa, pois ela não está ali para dar atenção a quem lhe deseja apenas tomar o tempo.

O relógio a essa altura pode estar marcando meia-noite. Copacabana dorme definitivamente, mas o forasteiro imagina o que não estará se passando nos seus apartamentos, e quase sempre imagina o que não existe. Olha para os edifícios e vê uma luz mortiça na janela aberta de um oitavo andar e pensa coisas. A população cansada trata de se preparar para no dia seguinte ver se ganha os juros da tabela Price com que vai amortizar o financiamento do quarto e sala conjugados em que moram. O Rio todo, parece, acha que não. E falam nas *boites*, no jôgo clandestino, nos *Cadillacs* mornos subindo para o Joá.

Ora, as *boites!* Elas são muitas, na verdade, e, evidentemente, se não dessem, poucos se arriscariam a montá-las. Mas a freguesia é mais de gente de fora que do bairro. Uma dessas casas, famosa porque reúne politicos ricos e homens de fortuna, talvez seja a única decididamente fixada no lugar. As outras fazem o papel de pioneiras na vida noturna da cidade, desta cidade sabidamente sem vida noturna. O número de *boites* que se abrem para logo fechar sobe a dezenas.

NAS "BOITES"

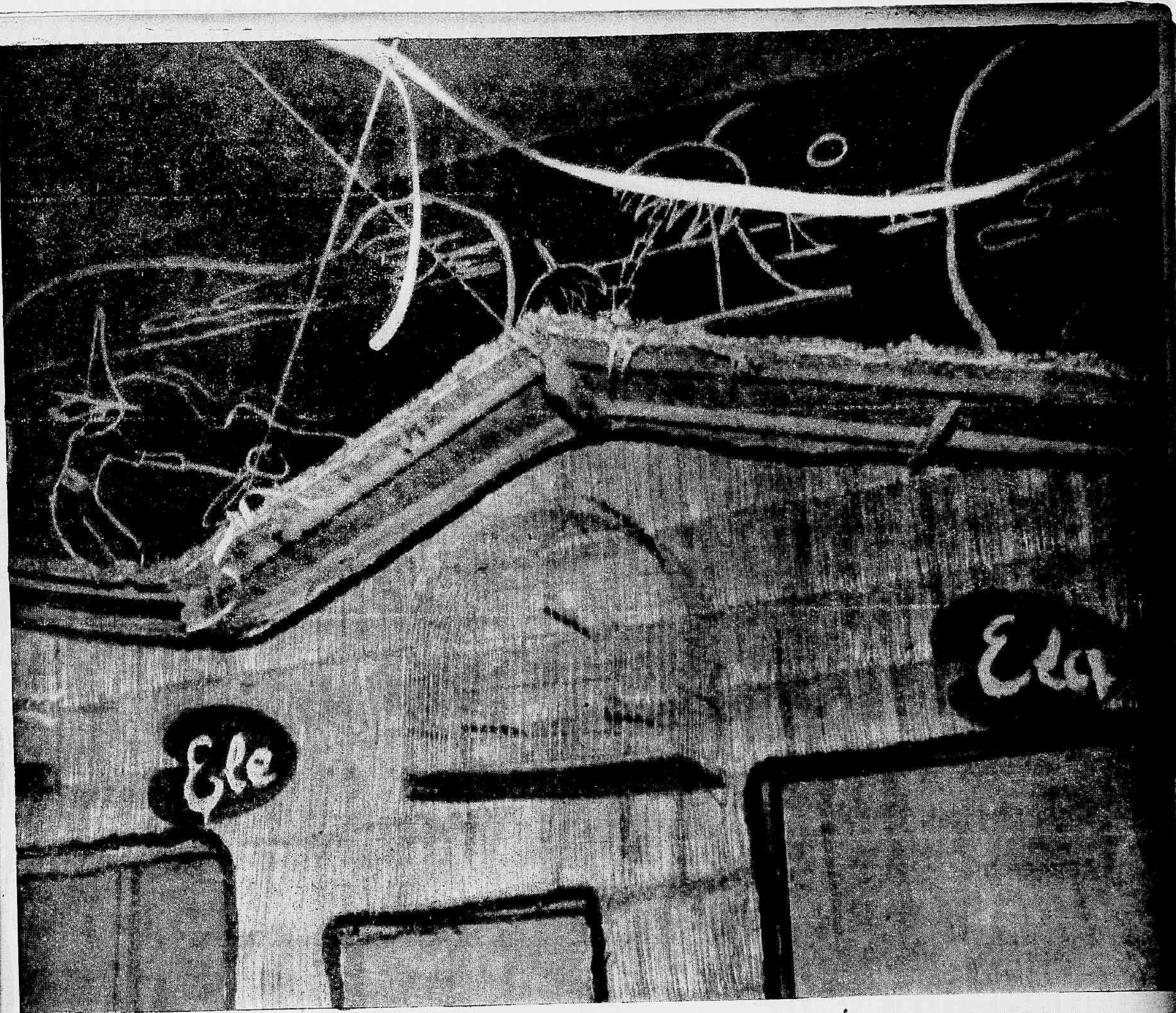
O Rio continua sendo pacato, direito, comportado.

O piano, o pandeiro, a sanfona e às vêzes, o violão formam o conjunto que sustenta a noite de um dêsses estabelecimentos. Lá dentro é escuro, quanto mais escuro melhor — acham todos. O garção usa lanterna para o freguês ler a conta. A bebida que mais se pede é whisky, Martini, cuba libre. A maioria dos freqüentadores não agüenta despesa acima de duzentos cruzeiros por noite.

(Cont. na pág. 46)



UM AVISO assim — «tem gente» — numa porta disfarçada, informa sùtilmente algo que todos logo compreendem.



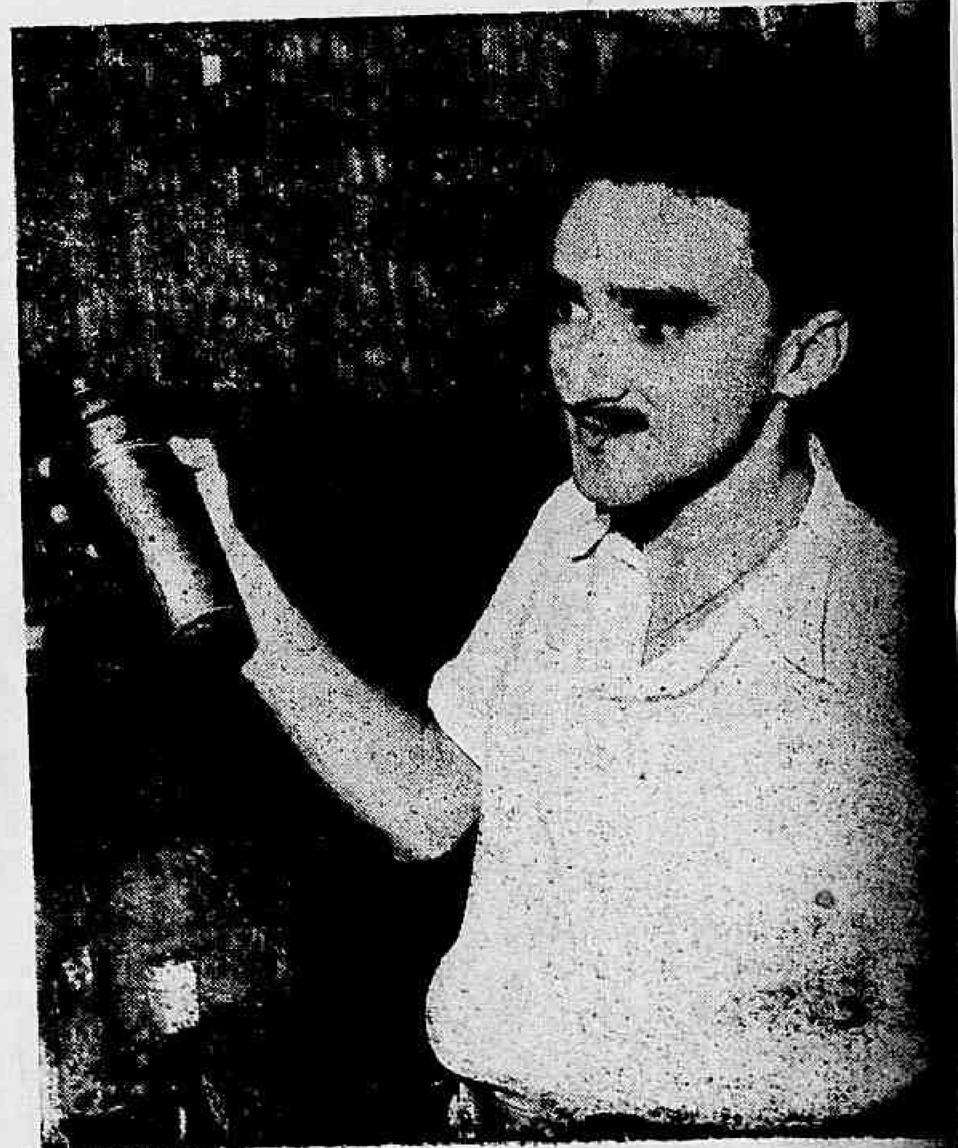
SAO DUAS PORTAS: uma, o aviso indica, é para «êle», e a outra é para «ela». Não há quem deixe de achar graça da idéia assim que dá com aquilo pela primeira vez. A ornamentação do Mocambo é muito curiosa, com motivos nordestinos o recinto se tornou acolhedor e muito apreciado pela gente moça.



ELE VEIO naturalmente sem permissão do pai e teme não receber a mesada se aquêle souber onde êle a gasta



A ORNAMENTAÇÃO de quase tôdas as boites é sempre caprichada e indica bom gôsto e imaginação.



A FIGURA do bar-man é, por motivos óbvios, a mais importante no bar. Alguns são conhecidos por meio mundo.

O COLAR DE PEROLAS

Conto de MOYSÉS DUÉK ★ Ilustração de OSWALDO CUNHA

ASSIM que Dona Olivia morreu, a governanta foi à gaveta de papéis que a senhora conservava fechada a chave, muniu-se do endereço de Dona Angelina e do Dona Pureza e enviou êste telegrama: "Sua tia morreu hoje". Foi Dona Angelina quem abriu o telegrama. Nesse momento ocupava-se em armazenar em grandes potes de vidro o doce de goiaba que acabara de fazer com as frutas de sua plantação. Ficou por um tempinho olhando o telegrama. Então a tia Olivia morreu? Ora, paciência! Que lhe importava? Para ela já estava morta há muitos anos! Mesmo na última vez que estêve no Rio, cêrca de oito ou nove anos atrás, estêve em dúvida se aproveitava a noite livre para ir ver um teatro de revistas na Praça Tiradentes ou se ia visitar a tia Olivia. Por seu gôsto ia ao teatro, mas achou que devia debater a questão com a mana Pureza. Dona Pureza esticou o lábio inferior e opinou contra a consciência:

— Ora, vamos ao teatro que a gente se distrai mais.

E não visitaram a tia Olivia. E que prazer daria, a elas, essa visita? Tia Olivia era surda e, para ouvir, tinha-se de gritar no bocal de uma corneta acústica. Ao final, Dona Olivia resmungava que nestes dias as pessoas não falam — sopram, enquanto que as visitas se retiravam esfalfadas. E, como se fôsse pouco, Dona Olivia era muito aborrecida. Esperava dar uma lição ao mundo com o seu testamento. E proclamava:

— Deixa meus sobrinhos pensarem que vou lhes deixar a minha fortuna. Êles vão ver! Pensam que por eu não ter filhos nem netos, deixarei os meus bens a êles, só porque são filhos de meus irmãos? Que esperem! Eu não darei meu dinheiro para ser gasto em futilidades, em sem-vergonhices! Que os malandros, vão ver!

Dona Olivia se arrepiava quando lhe vinham contar o que faziam os sobrinhos. E vinha um primo atrás do outro contar-lhe coisas terriveis dos primos. Everaldo foi dizer à tia que a Olga, a filha do finado Oscar, fumava. Olga foi contar que Madalena se desquitara e se casara no Uruguai com um nobre francês — conde ou coisa assim — mas completamente arruinado. Madalena foi berrar na corneta acústica de Dona Olivia que o primo Lindolfo — o Dolfinho — jogava cartas cinco ou seis noites por semana... E assim por diante. Todos visavam a obter as graças da velha Dona Olivia, em detrimento dos primos. Mas a rica senhora estava prevenida contra todos. Salvo contra Dona Angelina e Dona Pureza — aquelás boas senhoras! — mas só o fato de não a procurarem é que desagradava. Nem ao menos um cartão pelo Natal as duas senhoras enviavam à tia. Neném, a filha mais velha de Dona Pureza, costumava dizer:

— Mamãe, a senhora devia procurar a velha Olivia! Imagine só se ela deixa a fortuna para nós!

Não, Dona Pureza não acreditava. A velha já estava caduca — por certo nem se lembraria mais dela. Os seus primos deviam estar manobrando a tia, quanto à herança — o que poderia ela esperar, àquela distância, em outra cidade, no coração de Minas?

Dona Angelina pensava igual. E agora, sem mesmo interromper a ocupação, gritou para dentro:

— Pureza! Vem até aqui!

— O que é? — perguntou da cozinha Dona Pureza, parando de bater ovos.

— Tia Olivia morreu.

Dona Pureza veio até a sala com vasilha de bater ovos e ficou olhando a irmã.

— Morreu? Quem disse?

— O telegrama, ué!

Dona Pureza se aproximou da irmã e, segurando a ponta do papel, leu em voz alta:

— "Sua tia morreu hoje".

Neném e Dulce abriram a porta do quarto que dá para a sala e ficaram olhando.

— Então estamos ricas? — perguntou Dulce.

— De vento! — respondeu Dona Pureza voltando a bater os ovos.

— Será que não nos deixou nada? — disse Neném incrédula.

Dona Pureza olhou a filha e ponderou:

— Afinal, o que fizemos para entrar no bôlo? Você nem sequer a conheceu!

Dona Angelina, já alheia à morte de Dona Olivia, falou como quem pensa alto:

— Acho que vai dar mais uns três potes de geléia.

★

Um mês depois, um advogado escreveu às irmãs Pureza e Angelina avisando-as que lhes coube, como herança, um colar de pérolas — 105 pérolas, dissera ainda.

Inicialmente, as duas irmãs pularam de alegria, apertando-se as mãos. Mas, logo em seguida, uma olhou a outra e disse:

— E' de nós duas!

— E' meu e é seu!

— E' nosso.

— Pertence a nós.

E calaram-se.

Pouco depois:

— Angelina olhou a irmã. Olhou-a sem afeição, friamente, como quem examina o desafeto.

— Eu compro de você, Pureza.

Seu Adamastor, marido de Dona Angelina, sugeriu:

— O colar fica sendo de ambas. Ambas usarão a jóia, conforme combinarem.

— Quero só para mim — disse Pureza. Mal feito isso da tia Olivia! Devia ter dado um objeto para cada uma.

Nisto, Seu Pedro, homem prático, marido de Dona Pureza, ponderou:

— Ou então vocês vendem o colar e dividem o apurado entre as duas.

— Nem eu! — decidiu outra.

— Eu não vendo! — declarou uma.

Os dois maridos se olharam aborrecidos:

— Não acha melhor termos o dinheiro, Pedro?

— Claro! Claro que acho! Para que elas vão querer um colar de pérolas aqui, aqui em Curral da Mata?

Pureza segurou o braço do marido e, quase chorando, lamentou-se:

— Você nunca me deu nada de valor! Agora, que me chega uma herança já quer você vender a minha jóia para comprar bois!

— Minha jóia, virgula, Pureza! Lembre-se que é minha também! — retrucou Dona Angelina.

Seu Adamastor, sòzinho com a mulher à hora de dormir, procurou convencê-la:

— Meu bem, desfaça-se do colar. Mostre que é mais inteligente do que sua irmã.

Dona Angelina não era tão teimosa, mas achava que Dona Pureza não devia insistir com ela:

— Eu sou a irmã mais velha, Adamastor. Pureza devia me respeitar mais. E até, sendo eu a mais velha, tudo indica ter eu mais direito do que ela.

Os maridos, cada um por sua vez, tentaram resolver conciliadoramente a questão, mas foi trabalho inútil. Lembrou-se como sempre foram unidas. Agora brigarem por um colar!

As irmãs deixaram de se falar. Mas decidiram viajar ao Rio para entrar na posse da herança. Talvez houvesse uma determinação que resolvesse de maneira fácil a dificuldade.

No trem, sentaram-se lado a lado. Mas ninguém tomou partido nem de Dona Angelina nem de Dona Pureza. Ambas eram igualmente estimadas e os direitos de ambas pareciam exatamente iguais.

No Rio, hospedaram-se no mesmo hotel, ficaram no mesmo quarto. E, sem que combinassem, apenas por não quererem perder de vista a irmã, foram juntas ao escritório do advogado. Mais tarde, viram o colar. Fascinanou-as! Que brilho! Quantos belos tons guardavam aquelas pérolas, não só amarelo ou rosado, mas tinham lindo verde — verde de jade — e um azul fugaz, que se entremostra no céu, entre duas nuvens. E o fecho! Seis pedras verdes rodeando um brilhante. 105 pérolas! E ambas, no mesmo instante, partido de cada extremidade do colar, começaram a contar as pérolas, colocando a ponta da unha do indicador nos nòzinhos que as separa.

— 105! — confirmaram as duas, ao mesmo tempo, concluindo a contagem.

— Eu quero o colar para mim, doutor. Pago a ela a metade do seu valor — disse Pureza.

— Eu desejo comprar a parte dela, doutor. Indenizo-a no que ela tem direito — disse Angelina.

O advogado procurou ver se acomodava a situação. Cada uma usaria o colar numa vez. Mas isso não foi aceito porque o Be-

(Cont. na pág. 46)



VARIAÇÕES SÔBRE O CIÚME



NÃO, minha amiga, o que você me diz a respeito do ciúme não está certo. Entretanto, devo reconhecer que o que pensa é a idéia generalizada sôbre êsse companheiro inseparável do amor.

Inicialmente, devemos compreender que há uma profunda diferença entre o que verdadeiramente se chama ciúme e o que não passa de dominação. Ciúme é um sentimento que vem do amor. E' parte dêle. Dominação é um instinto ancestral de que não nós pudemos desembaraçar em vinte séculos de civilização. Ter ciúme da criatura amada, é valorizá-la, divinizá-la, colocá-la em uma zona ideal. E', portanto, amor e mais do que amor. Quando a vemos, a essa criatura amada, em outra companhia, o que sentimos não é despeito, raiva, ódio. E' uma outra coisa indefinível: é que ela vale tanto para nós que ficamos tristes, vendo-a com outra pessoa, porque sabemos que essa outra pessoa não poderá sentir-lhe todo o esplendor, nem avaliar bem todo o valor que tem aquêle que amamos. Não pensemos também em traição: a criatura amada é a suprema perfeição para nós: como poderia trair? Quem pensa em traição, não ama verdadeiramente, eis tudo. Outro ponto do ciúme que anda muito confundido por aí é o que diz com o cerceamento da liberdade do objeto de nosso amor. Amor importa em espontaneidade. Tudo o que é feito voluntàriamente, tem um traço inconfundível. Exigir que alguém se conduza desta ou daquela maneira, não é amar, é dominar. E, isso, nem tem valor, nem quer dizer que amamos aquêle a quem impomos nossa vontade — e que, como acontece sempre, procura livrar-se do jugo, pois é da condição humana o sentimento da liberdade. Finalmente, neste capítulo, devemos notar que o amor que necessita exigências dessa ordem para existir, já não existe mais.

Ciúme não é sentimento de posse, de exclusivismo, mas, muito pelo contrário, sentimento de dedicação à criatura amada. Isso, dentro de um clima de liberdade, de movimentos espontâneos. O que geralmente se conhece com êsse nome, porém, é tôda uma outra coisa: dominação, egoismo, crueldade.

E, para terminar: em amor, tudo o que não é feito espontâneamente não tem nenhum valor.



BLUSAS MODERNAS

AS blusas aqui apresentadas destinam-se a ser usadas apenas com as saias, por isso são confeccionadas em tecidos grossos e são todos modelos com mangas compridas. A direita, Patricia Neal, da Warner, com um original modêlo em sêda branca. A esquerda, blusa de tafetá listrado com gola branca e usada com uma gravata bem comprida, de sêda escura. No quadro: modêlo exótico em sêda. A gola subida termina em ponta e a parte da frente é tôda franzida, modêlo para ser usado por fora da saia. Finalmente, em baixo, um modêlo que se destina às toilettes de noite. Elegante blusa em tafetá, com e gola subida e os punhos em veludo.







Tafetá



PARA os modelos vistosos que exigem alguma armação nos seus feitios, o tafetá é sem dúvida um dos tecidos mais empregados, em qualquer estação do ano. Nesta página oferecemos algumas sugestões de modelos, bastante originais e variados. À esquerda modêlo em tafetá havana com listas horizontais, gola ampla, saia justa; à direita um gracioso modêlo em tafetá de cores vivas Em baixo, para passeio êste simples, porém, sugestivo modêlo e, finalmente, um elegantíssimo «robe» em tafetá prêto com listas douradas, apresentado por Rosalind Russell, da Columbia.









Tarde

UMA coleção bastante sugestiva de modelos para tarde, oferecemos à apreciação das nossas leitoras. Em cima, à esquerda, dois sugestivos modelos, um tecido amarelo canário, com botões e fivelas douradas, o outro em sêda branca, abotoado em tôda a extensão; à direita, modêlo em tafetá rosa com viezes azul-marinho. Em baixo, à esquerda, modêlo em sêda branca todo plissado, decote amplo; à direita, dois novos modelos, um em sêda branca, decote simples, sem mangas, saia franzida na cintura por uma fita de veludo, o outro modêlo em fina lã azul bem claro.





ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1951

Contendo entre mil e uma atrações:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANÊTA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano.
CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.



À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL

PREÇO: — Cr$ 20,00

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

A BELEZA DOS SEIOS

BÊL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÊL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÊL-HORMON nº 2. BÊL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÊL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÊL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

LEIA A CENA MUDA

REVISTA SEMANAL DEDICADA AO

CINEMA

RADIO

MUSICA

GRIPES
RESFRIADOS
NEVRALGIAS



DÔRES de CABEÇA

TRANSPIROL



WEEK-END

DOCINHOS GILDA

1 xícara de vinho, 2 xícaras de farinha, 1 xícara de manteiga, frutas cristalizadas picadas, 3 xícaras de açúcar, 3 ovos, 4 colheres de chocolate, 1 colher de fermento em pó.

Batem-se os ovos, a manteiga e o açúcar. Depois, mistura-se a farinha, vinho, o chocolate, as frutas cristalizadas e o fermento. Quando estiver tudo misturado, leva-se ao forno em latas untadas com manteiga. Depois de frio, corta-se em forminhas redondas e unem-se dois a dois, com o recheio de doce de ovos. Cobre-se com glacê açucarada e enfeita-se com confeitos.

SORVETE DE CREME

6 gemas, 12 colheres de açúcar, 1 litro de leite, 1 colher de maizena.

Batem-se as gemas com o açúcar. Ferve-se o leite e nêle se misturam as gemas levando-se ao fogo para engrossar. Se o sorvete fôr feito no refrigerador, acrescentar-se-á uma colher de maizena. Deve ser mexido de vez em quando, todo o sorvete que fôr feito em refrigerador, porque endurecem fàcilmente.

RECHEIO DE CAMARÃO

1 xícara de leite, 4 gemas, 2 colheres de farinha de trigo, azeite, sal, pimenta, temperos, cebola picada.

Pode ser feito com camarões de lata ou secos. Quando se trabalha com os últimos, deve-se deixá-los de môlho sem casca, desde a véspera, em lugar fresco. Muda-se de água no outro dia, diversas vêzes. Quando os camarões estiverem macios, cortam-se e refogam-se com bastante cebola, tomate, pimentão, pimenta e todos os temperos que se fritam no azeite, deixando-os apenas murchar, em vez de dourar. Deita-se o camarão picado miudinho, o leite, as gemas e a farinha de trigo. Faz-se como um creme. Êsse recheio serve para empadas, pastéis, catos, etc. Na superfície do recheio salpica-se ôvo picado e enfia-se uma folhinha de salsa.

BOLACHINHAS DE FRUTAS

260 gr de farinha, 150 gr de manteiga, 100 gr de açúcar, 1 ôvo, 1 colher-de-café de canela, 50 gr de frutas cristalizadas, picadas, 50 gramas de laranja cristalizada, 1 ponta-de-colher de sal amoníaco em pó.

Com êsses ingredientes faz-se uma massa compacta, estende-se esta com o rôlo e cortam-se bolachinhas redondas. Põem-se em uma assadeira untada, pincelam-se com gema e coloca-se em cada uma um pedacinho de laranja cristalizada. Assam-se depressa em forno quente.

ZINGGLI

500 gr de farinha de trigo, 250 gr de açúcar, 125 gr de manteiga, 125 gr de amêndoas raladas, 5 ovos, casca ralada de limão, 2 colherinhas de fermento em pó, uma pitada de sal.

Bate-se bem a manteiga com o açúcar e os ovos até ficar um creme espumoso e junta-se o sal, a casca de limão, a farinha, as amêndoas e o fermento. Deixa-se esta massa descansar um pouco em lugar fresco estende-se então na grossura de um dedo, corta-se em tiras, fazem-se pequenos rolos e fritam-se em bastante gordura. Pode-se dispensar as amêndoas.

GELÉIA DE MORANGOS

750 gr de morangos, 300 gr de açúcar, 2 colheres-de-sopa de caldo de limão, 20 fôlhas de gelatina, 2 claras.

Cozinham-se os morangos com a água por 5 a 10 minutos; côa-se em uma peneira, e deixa-se escorrer sem apertá-las. A êste caldo junta-se a água necessária para se obter 1 litro de líquido e procede-se da seguinte maneira: adiciona-se a gelatina amolecida e o açúcar, deixando então cozinhar.

Batem-se as claras com 2 colheres de sopa de água, cozinha-se mais uma vez e deixa-se esta massa 15 a 20 minutos em lugar quente. Côa-se em um pano, enche-se 3/4 das taças, deixa-se gelar bem e enfeita-se com morangos polvilhados com açúcar.

GLACÊ DE ABACAXI

450 gr de açúcar, 4 colheres-de-sopa de caldo de abacaxi e umas gôtas de limão.

Mistura-se o caldo de abacaxi com o açúcar e mexe-se até ficar uma massa bem lisa.

CUSCUS DE CAMARÃO

Umedeça, sem empapar, umas 8 xícaras rasas de farinha de milho e ½ xícara de mandioca, com água fria e sal. Leve ao fogo uma panela com 8 colheres cheias de gordura, e quando estiver bem quente, deite dentro uma cebola, cheiro picadinho, uns 12 tomates sem peles nem sementes e umas 6 pimentas. Deixe refogar, sem queimar, junte 1 kg de camarões cozidos e descascados, despeje tudo sôbre a farinha e misture bem. Cozinhe 2 ou 3 palmitos e deite num bom môlho de tomate. Cozinhe 8 ovos e parta em rodelas. Deite na parte de cima dos cuscuzeiros, em camadas, a farinha com os camarões, e os palmitos com os ovos e azeitonas, e assim até terminar os ingredientes. Tampe com fôlhas frescas de couve e guarde. Leve ao fogo a parte de baixo do cuscuzeiro com água até ao meio, e quando ferver, adapte a parte de cima e com o cuscus e cubra com um pano de prato grosso. Quando as fôlhas de couve estiverem cozidas, pode retirar o cuscus para um prato, e servir logo. Deve ser inteiro, como um bôlo.

BÔLO DE VITELA

Passe na máquina 1 kg de vitela e 100 gr de toucinho inglês, ou presunto cru. Junte 1 fatia grossa de pão, apenas amolecida no leite, 4 ovos, 1 colher de manteiga, sal, 2 pimentas socadas. Misture tudo, enrole com 1 pão comprido, deite na assadeira, salpique por cima quadradinhos de toucinho salgado e leve a assar no forno. Deixe esfriar, parta em fatias e arrume sôbre as fôlhas de alface.

PURÉE MALAKOFF

Faça um caldo comum, desengordure, côe e reserve. Parta em tirinhas o branco de 1 alho porrô, junte 400 gr de batatas descascadas e partidas em quatro. 8 tomates grandes (ou o equivalente em pequenos) esmigalhados. Cubra com 1 litro de água e leve a cozinhar em fogo brando. Passe tudo pela peneira, e despeje no caldo reservado. Leve novamente ao fogo brando para ligar. Tome 125 gr de fôlhas de espinafre, parta em pequenos pedaços iguais, jogue em água a ferver, escorra bem, deite numa caçarola com 1 colher de manteiga, passe um pouco, incorpore à sopa e sirva.

NA COZINHA

DOCE DE OVOS COM LARANJA

6 ovos, ½ kg de açúcar, o caldo de 2 laranjas. Do açúcar faça uma calda em ponto de pasta. Bata as claras em neve, junte às gemas o caldo de laranja e a calda. Misture tudo e leve ao fogo até aparecer o fundo da panela. E' muito bom para recheio de massa.

RIM COM BATATAS

Tome 2 rins, abra pelo meio, tire com muito cuidado tôdas as glândulas e deite de môlho em água, durante ½ hora. Parta em dados de 2 cm e bote a tomar gôsto em limão e sal. Tome ½ kg de batatas e parta em dados, do tamanho dos quadrados do rim. Faça um refogado com manteiga, 1 colher de cebolas picadas e cheiro. Molhe com água ou caldo, leve a ferver e côe tudo. Meia hora antes do almôço deite as batatas no refogado e logo que estiverem cozidas junte os rins, 1 cálice de Madeira ou Pôrto e leve a ferver uns 5 ou 6 minutos e sirva logo. Se o rim demorar no fogo, torna-se duro.

CAJUZINHO DE CÔCO

Tome 1 côco ralado, 400 gr de açúcar, 4 gemas e 2 claras. Misture tudo e leve ao fogo, mexendo sempre até soltar do fundo da panela. No dia seguinte, enrole em forma de cajuzinhos, molhando as mãos com as claras, enfie uma amêndoa em cada cabeça para imitar as castanhas. Arrume em tabuleiros polvilhados de farinha, pincele com gema desmanchada, e leve a tostar no forno. E' bem mais interessante, em vez de amêndoas, usar castanhas de caju, que se encontram à venda já sem cascas.

BÔLO DE NOZES

Tome 1 kg de nozes com casca, ½kg de açúcar, 4 colheres de pó de pão e 10 ovos. Bata as claras em neve, junte as gemas, as nozes descascadas e moídas, e o pó de pão. Leve para o forno em três fôrmas de 22 cm de diâmetro e 3 de altura, untadas de manteiga. (Convém mandar fazer essas fôrmas em qualquer funileiro, porque servem também para bolos de camadas). Faça uma calda com 4 xícaras de açúcar, junte 4 gemas, algumas gôtas de água de flor de laranja, e leve um pouco ao fogo. Deve ficar bem rala. Tire um bôlo da fôrma, pique-o todo com um garfo e cubra com bastante calda, para que fique bem entranhada. Espere um pouco, coloque outro bôlo por cima e repita a operação. Faça o mesmo com o terceiro. Deve ficar exageradamente embebido. E' êste o único segrêdo dêste bôlo, que deve ficar como um pudim. Faça um suspiro com as 4 claras que sobraram e 8 colheres de açúcar. Enfeite o bôlo com elegância. Se usar o saco próprio de enfeitar, conseguirá melhor aspecto e mais rapidez. Colocoque nozes inteiras ou partidas em quatro formando flores, por cima do suspiro, e leve ao forno brando para deixar secar, sem escurecer.

COUVE TRONCHUDA RECHEADA

Cozinhe a couve em água e sal, sem deixá-las amolecer de mais, recheando-a com refogado de carne passada na manteiga. Torne a fechar as fôlhas de couve, leve a um môlho de refogado e sirva. Não deixe o môlho do refogado cobrir as fôlhas.

SALADA COM PÃO

Prepare separadamente pimentão em pedacinhos com môlho de limão, azeite e sal, bolas de beterraba (cortador especial), com vinagre, azeite e sal, palitos de cenoura cortados em sentido do comprimento passados em manteiga, azeitonas pretas com azeite e pimenta vermelha em pó, rabanetes redondos descascados em forma de flor, conservando o caule. Arrume em cada pratinho individual uma fatia grossa de pão de fôrma coberta de môlho de maionese. Divida o pão em listras largas para os legumes entremeadas de outras estreitas que deixam à mostra o amarelo da maionese. O pão ficará assim: uma listra de pimentão picado, uma listra com o amarelo da maionese, uma listra com os palitos de cenoura, outra com maionese e outra com azeitonas. Fazer uma moldura ao redor do pão com os rabanetes. Embora a confecção pareça difícil, é um prato delicioso pelos diferentes sabores que apresenta.



Para a beleza da pele...

... Novo tratamento científico!

Contra rugas... poros dilatados... pele flácida...

...rugas... poros dilatados... pele flácida... três elementos nocivos à beleza feminina, combate-os, eficazmente, o Leite de Lanolina do Dr. Denrik, fazendo uma detersão integral e perfeita da pele, deixando-a radicalmente limpa, fresca e sadia.

LEITE DE LANOLINA

1 — Rejuvenece a pele.
2 — Clareia a cutis, tirando-lhe manchas e evitando espinhas.
3 — Sendo um leite sem gordura não dá lustro ao rosto.
4 — Esplêndida base de maquilagem, protege a pele contra poeira e fixa o pó de arroz.

LEITE DE LANOLINA do Dr. DENRIK

CAIXA POSTAL 1673 RIO DE JANEIRO

VIDROS GRANDES E PEQUENOS EM TODA PARTE

CASA PEDRO



Espetacular sucesso no desfile de modas em calçados para senhoras. Êste lindo conjunto (sapatos e bolsa), é criação especial para o inverno de 51 da CASA PEDRO — Rua Uruguaiana, 11 — 1.º (não temos filiais). Atendemos ao interior.

Em Renda





A RENDA ocupou sempre na indumentária feminina, um lugar de grande destaque; inúmeras são as suas aplicações nos modelos que a moda impõe à elegância da mulher, uma simples gola, pequeninos punhos, ou uma delicada echarpe, em renda, podem constituir o toque de grande originalidade de uma toilette. Há porém casos em que temos a renda empregada em maiores proporções, como nestes modelos que aqui sugerimos, dos mais variados feitios, todos êles porém feito do mesmo material — renda. Dois dêles nos são apresentados por Bette Davis da W.B. e Cathy O'Donnel, da M.G.M.







PARA SUAS VIAGENS A **CAMPINAS** PREFIRAM SEMPRE OS CONFORTÁVEIS AVIÕES "DOUGLAS" DO CONSÓRCIO "NACIONAL" DE TRANSPORTES AÉREOS.

Agência de Passagens
Rua St^a^. Luzia, 685-B -- Fones 32.3799 e 32.6119

Agência de Carga
Av. Beira Mar, 514 — Fones 32-9455 e 42-9850



Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do Óleo de Peroba.

UM PESONAGEM FELIZ

(Continuação do número anterior)

Tratei de esquecer-me dela pelo maior tempo possível, na esperança de que a sua ausência não fôsse notada pelos leitores do livro. Com a vinda do primeiro filho, entretanto, compreendi que a situação não poderia ficar assim. Dona Leonor não desejaria passar o resto da vida longe da filha única e querida, como eu gostaria que acontecesse. Vi desde logo que isso contrariava inteiramente a lógica da vida e dos romances. Ardia naturalmente em desejos de correr para junto da sua querida Laurinha, e eu, apesar dos inúmeros artifícios de que fui lançando mão para conservá-la afastada, convenci-me de que o momento chegaria em que, embora dispusesse de poderes discricionários sôbre meus personagens, não poderia empregá-lo para opor-me à sua vinda. A menos que quisesse praticar uma violência antipática — o que me valeria ser qualificado pela crítica como um ditador sem escrúpulos, para quem os personagens não eram mais do que títeres sem vida e sem vontade. Sim, minha liberdade de criador ia até a certo ponto. Nesse ponto, começava a liberdade de meus personagens — tal como na velha definição.

Entretanto, eu sabia com cega certeza que a chegada de Dona Leonor marcaria infalivelmente o ponto final na felicidade de Boaventura. Fui contemporizando enquanto me foi possível fazê-lo sem violentar os acontecimentos. Chegou, enfim, o dia em que as saudades de Laurinha e os desejos de Dona Leonor se tornaram tão fortes e imperiosos que fui forçado a ceder. Com o coração apertado, deixei que a voluntariosa senhora embarcasse de volta a sua indesejada pessoa. E, enquanto o trem corria e se aproximava a catástrofe, dei tratos à bola para encontrar uma solução que a evitasse. Está visto que o melhor seria um bom e completo desastre, — um descarrilamento, por exemplo — no qual Dona Leonor exalasse o último suspiro, deixando-me em paz para terminar sem impecilhos a construção da vida do meu homem feliz. Cheguei mesmo a deter-me por algum tempo na tentação da idéia, pensando nas boas páginas dramáticas que poderia traçar na descrição do acidente. Logo verifiquei que isso não era possível. Em primeiro lugar, eu sou um autor que se respeita. E um autor que se respeita não pode recorrer a artifícios já esgotados há dezenas de anos pela imensa ralé dos folhetinistas. Não era esta a razão principal. Tenho faltado com o respeito a muita gente — o que me valeu uma sólida reputação de sujeito virado da bola. Poderia faltar também com o respeito a mim mesmo, ao menos por uma vez, e marchar alguns momentos ao lado da imensa ralé de que falei — caso essa concessão resolvesse o meu problema. Não resolvia, infelizmente. Com efeito, morrendo Dona Leonor, imenso seria o desespêro de Laurinha, filha amantíssima. E, por contágio, imenso seria também o desespêro de Boaventura, espôso amantíssimo, cuja felicidade era preciso manter custasse o que custasse.

Passei então os momentos mais angustiosos da minha carreira de autor, tão curta e já tão atribulada. Noite após noite, enquanto tudo dormia, velava eu, andando pela casa silenciosa e às escuras, fumando em desespêro cigarro após cigarro, implorando uma idéia feliz — ora ao céu constelado e indiferente às minhas angústias, ora ao papel virgem e branco, que esperava na mesa a chegada das palavras fugidias. Irritado, impaciente, com os nervos em petição de miséria, levei nesse tormento bem uma semana. Assustados com meu aspecto sonambúlico, meus parentes já andavam em murmúrios pelos cantos, atirando-me de vez em quando olhares onde luzia um clarão receioso e perplexo. Afinal, cautelosamente, um dêles aventurou que talvez eu precisasse de repouso... Outro, depois de muitos rodeios e palavras mastigadas, convidou-me a visitar um médico seu amigo. Compreendi. Enchi-me de indignação, mas contive-me. Idiotas! Julgavam-me a caminho da loucura, ou já a ela chegado. Em meio ao desprêzo infinito que me inspiraram, seus olhares e insinuações causaram-me no entanto um pouco de mal estar. Senti que era preciso resolver de uma vez o problema recalcitrante da felicidade de Boaventura.

Uma noite, depois de uma cena desagradável em que tive de expulsar e quase espancar um médico que me trouxeram, resolvi liquidar o assunto de qualquer maneira. Era uma noite propícia. Estava escuro o céu, mas ventava, e as nuvens corriam, deixando entreluzir de momento a momento uma estrêla solitária. Gosto das noites assim para escrever. Tranquei-me no escritório, cheio de decisão. Durante horas a fio, horas terríveis, cheias de café e de cigarros, torturei o cérebro com tanta intensidade que, em dado momento, a testa inundada de suor, o coração batendo com violência, perdi a noção de tudo e entrei a injuriar Dona Leonor, Laurinha, até mesmo o meu querido Boaventura, a quem cheguei a dedicar alguns palavrões murmurados com rancor, como se fôsse êle o responsável pelo meu fracasso.

Depois levantei-me, abri a janela para trás, deixei que o vento da noite me refrescasse a cabeça em fogo. Mas as chamas pareceram aumentar ao invés de diminuir, como se o vento as alvoroçasse e propagasse. Voltei então à mesa com furor redobrado, tomei da pena para desfechar a investida final, pois parecera-me sentir nas profundezas de mim mesmo os primeiros movimentos de uma idéia salvadora. E foi então que ouvi, com espanto, uma voz abafada que clamava lamentosamente:

— Pelo amor de Deus...! Basta! Pelo amor de Deus, cavalheiro! Deixe-me em paz... Deixe-me viver... Deixe-me viver... Deixe-me ser infeliz... que diabo! Basta, basta!

— Ah, imbecil! — bradei, desesperado. — Não queres então ser feliz? E que dirá a crítica, miserável? Queres desmoralizar teu criador, destruir também tu a felicidade que procuro dar-te? Pois bem! Cai no mundo, palerma! Já não te protejo mais! Volta, volta ao nada de onde te tirei! Fora!

Louco de furor, rasguei em mil pedaços as fôlhas já escritas, cheguei-me à janela para lançá-las na noite. E ouvi Boaventura falar pela última vez:

— Ah... Como sou feliz!... — suspirou, extasiado.

E aniquilou-se no espaço.

COMO SE BATE UMA CARTEIRA

(Conclusão)

N. da R.: — Por lamentavel equívoco de paginação deixou de sair em nosso nº 12, de 24 de março p.p., o final da reportagem de Abdias Rodrigues, sob o título supra. E' o seguinte:

A pessoa, naturalmente, vira-se logo para êsse lado. O *gajo* ganha tempo, desfazendo-se em desculpas, enquanto o outro, pela esquerda, com rapidez extraordinária, saca o que tem de levar.

OS ESTELIONATARIOS

— Os estelionatários são chamados ladrões grã-finos. São vigaristas, isto é, todos aquêles que usam de estratagemas para surpreender a boa-fé alheia e iludir a vigilância, tirando disso proveitos.

O CONTO DO VIGARIO

— O conto do vigário é um laço armado com habilidade à boa-fé do próximo. E' o caso em que *os espertos se fazem tolos e o tolo quer ser esperto*, dominado sempre pelo espírito de ganância, do interêsse e da astúcia.

Raro é o dia em que não cai no laço algum papalvo. Os pregadores do *conto* são, em geral, indivíduos muito espertos, mitrados na arte criminosa, senhores de um dom especial que lhes facilita a empreitada a que metem ombros, sempre com êxito. Há várias espécies do conto de vigário. A sua história, no entanto, é a seguinte:

"Indivíduos espanhóis, por exemplo, formam uma quadrilha e dessa *tropa*, uns ficam no país, outros, porém, são escolhidos para operar em lugares combinados, como seja o Brasil.

Aqui aportam, como imigrantes. Perante o público e a polícia não se deixam trair. Chegam e tomam o destino conveniente. Dirigem-se, por exemplo, a Campinas. Aí estudam os homens. Observam quem tem fortuna e com facilidade pode cair na esparrela. Escrevem então para a Espanha, ministrando minuciosas informações sôbre o tal indivíduo que um dia recebe carta escrita em espanhol, com direção exata à sua pessoa, nome por inteiro, lugar de habitação, tudo minuciosamente feito.

Nessa carta, um padre, o suposto vigário da localidade, anuncia que um sr. A., tendo tido residência no Brasil onde fôra muito feliz, permanecera algum tempo em Campinas e aí tivera ocasião de travar relações com a pessoa a quem a carta é dirigida; que lhe ficara devendo favores, sendo, porém, natural que já ninguém se lembre de sua individualidade por haver no Brasil adotado nome de guerra, isso por ser um proscrito. Êsse A., acrescenta o vigário, falecera, mas antes de entregar a alma a Deus com êle se confessara, alegando ter uma filha a quem deixava uma fortuna fabulosa, tôda ela, porém, enterrada em sítio que só poderia ser conhecido, encontrando-se um papel oculto em dado lugar.

O fundo falso de uma maleta, apreendida quando se tornara prisioneiro durante a guerra que o falso vigário determina, contém o papel. A maleta não poderia ser retirada sem que primeiramente se pagassem as custas do processo a que respondera o falecido.

O vigário acaba a carta pedindo a ida do incauto ou então certa quantia, pois não dispõe de dinheiro para resgatar a aludida mala. E assim teve origem o chamado conto do vigário, hoje tão empregado pelos meliantes.

Semelhante ao do vigário há *o conto da barra de ouro; o do bilhete; do suador; da cascata;* e muitos outros.

A GÍRIA

— Como se sabe os meliantes possuem um vocabulário todo especial, que só êles entendem. Contudo, muitas palavras conseguem tornar-se populares:

Achacar — Atacar o próximo.
Acampanar — Seguir alguém de perto.
Afanar — Furtar.
Bicuda — Faca.
Curioso — Juiz.
Cardeal Rasteiro — Guarda.
Cardeal De Quatro — Soldado de cavalaria.
Cana — Prisão.
Estrilo — Desespêro.
Escracho — Retrato tirado na polícia.
Intrujão — Comprador de roubo.
Justa — Polícia Central.
Luca — Mil cruzeiros.
Micho — Sem dinheiro.
Gamba — Cem cruzeiros.
Grilo — Um cruzeiro.
Majorengo-Mor — Chefe de Polícia.
Majorengo — Delegado.
Majorengo-Micho — Comissário.
Música — Carteira.
Nobre — Ladrão que não fere.
Otário — Tolo que cai no conto.
Paco — Pacote de jornais.
Tira — Investigador.
Vento — Dinheiro.
Xadras — Xadrez.

★

— Os batedores de carteira têm um nome para cada bôlso.

Chulca — Bôlso de fora do palitó.
Janela — Bôlso de cima.
Grilo — Bolsinho da calça.
Porão — Bôlso da calça.
Sotala — Bôlso de dentro do palitó.

Quando o indivíduo tem muito dinheiro o malandro diz: "O Curinga está cheio de vento. *Curinga* (carteira), *vento* (dinheiro). Bôlso abotoado: "*o curinga está engomado*". E quando o trabalho é bem feito o meliante depois diz aos seus parceiros:

"Com *lança* na *sotala afanei* um *estácio* em dois *lucas*. Era *paquito micho*. Três *copas*, dois de dois *gambas* e um de uma *gamba*. O *otário* não *estrilou* na *justa* e não fui *encanado* pelo *tira* a *majorengo*".

A tradução disso em linguagem corrente é a seguinte:

"Com dois dedos furtei do bôlso de dentro do palitó de um indivíduo um pequeno volume contendo dois mil cruzeiros, sendo três notas de 500 cruzeiros, duas de 200 e uma de 100. O tolo não se queixou à polícia, de modo que não fui prêso pelo investigador à ordem do delegado."

★

Há ladrões incorrigíveis e de uma esperteza extraordinária — disse finalizando o detective Rocha Passos. — Temos aqui uma galeria com mais de 800 *profissionais* que agem aqui no Distrito Federal. Entre êles, estão o Moleque Félix e seu filho; o Moleque Colibri; Pintado, Chiquinho e Pente Fino. E' dêsse último uma façanha interessante ocorrida há tempos com conhecido médico carioca, residente no bairro da Tijuca. Refiro-me ao que se chamou depois...

"CONTO DO PERU"

— Pente Fino conhecia os hábitos do referido médico. Certo dia mandou, por determinado companheiro, furtar um peru e, carregando-o, dirigiu-se à casa do clínico. Bateu à porta. Apareceu-lhe a espôsa do médico, com a qual, cinicamente, depois dos cumprimentos de praxe, travou o seguinte diálogo:

— Seu marido remeteu-lhe êste peru. Ao mesmo tempo manda dizer que não o espere para jantar e envie por mim o terno novo, escuro, pois tem de ir a um entêrro.

A senhora, tôda boa-fé, recebeu a ave, embrulhou a roupa e entregou-a ao portador. À tardinha, chegando o marido, ela ao avistá-lo, recebeu-o com estas palavras:

— Você não foi ao entêrro?

— Que entêrro?

— Não me enviaste um peru, pedindo que pelo portador te mandasse o terno escuro para acompanhar um entêrro?

O doutor ficou fulo, atinando logo que a espôsa havia sido vítima de um gatuno.

Passaram-se dias, até que uma tarde, por volta das 3 horas, bateram-lhe à porta. Era de novo o meliante, mas com a figura mudada. Dessa vez vinha de óculos escuros, barba crescida, outro vestuário.

— Excelentíssima, — disse o larápio — seu ilustre espôso manda avisar que se acha na delegacia com o gatuno do outro dia, que hoje conseguiu prender, por sinal vestido com a roupa que, abusando da boa-fé de V. Excia. obteve de suas preciosas mãos. O delegado também lá está e exige que se lhe mostre o peru para constar no auto de flagrante ou ser avaliado. Por isso manda pedir a V. Excia. que, com urgência, envie por mim, agente de confiança da repartição, o dito peru.

À vista da lábia do portador e de parecer real o recado, a senhora mandou pegar o bicho e o entregou ao gatuno.

Imagine-se a decepção dêsse médico caipora, ao ter, em chegando a casa, mais essa surprêsa pela qual, certamente, não esperava...

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com Óleo de Peroba.

AS IRMÃS ATRAPALHAVAM

Eu continuava a temer pela apresentação de Perry às minhas irmãs. Apesar de minha mãe ser bastante sagaz e uma grande artista, muito procurando ajudar-me, eu estava temerosa. E naquela noite levei Perry indo Brett conosco.

Minha pequena, Brett, não quis dizer-me que ela pertencia à famosa família Harpers; talvez julgasse não ser eu digno dela...

Mas... sim, Perry.

Não pensè assim...

Quando chegamos a casa...

Meu noivo, Perry Rand!

E' êste o mais feliz momento de minha vida!

Persuadiram-me de ficar em casa aquela noite. Eu precisava falar com mamãe, acêrca de Perry. O que ela dissesse eu acataria...

Que acha dêle mamãe?

E' o homem para você. O único que a compreende, e vão dar-se bem. Êle sabe o que faz!

Gostei muito da opinião de mamãe. Mas estava confusa...

Por que veio parar aqui êste retrato de Brett? Eu quero falar de Perry, meu noivo! Que acha dêle, mamãe?

No momento em que Claire abraçava Brett...

Brett! Meu querido! Onde tem estado você?

Alô, perturbador de corações!

Não sei por que fiquei satisfeita de ver que Claire não beijou Brett; mas sucedeu coisa pior: ela atraiu Perry...

Claro... mas... você é encantador! Acho que os sèus beijos são de matar!

Sou noivo de sua irmã. Ou a senhorita não está ouvindo bem?

Perry? Oh! um homem comum. Depois que conversei com êle acho-o mais interessado em negócios do que em assuntos de ordem sentimental!

Mamãe! como pode dizer isso? Êle não olhou para Claire, senão para mim!

Você está muito enganada, meu bem! Êle está sèriamente caido pela Claire, achando-a um encanto e fascinante. Só ela o atrai. Você não está vendo as coisas com clareza!

Isto é absurdo!

No dia seguinte o cozinheiro se despediu e minha família pediu que eu ajudasse por uma semana. Comuniquei ao escritório que ia faltar por alguns dias e fiquei em casa. Na noite seguinte Brett e Perry vieram jantar a meu convite.

Eu estava de orelha em pé. E Claire a tentá-lo! Ela estava furiosa. Finalmente chegou a hora do jantar...

Apesar de ninguém haver-me apresentado, sou eu a dona da casa. Ocupo-me em arranjos musicais.

Deve ser trabalho interessante!

Depois do jantar Claire cantou para nós...

Cante aquela canção que você cantou quando eu vim aqui pela primeira vez, trazido por sua irmã...

Pois não, querido!

5

Desta vez, também Fran estava em casa...

Minha irmã é tão caseira! Não tendo talento artístico, só deu mesmo para as coisas domésticas, não é Brett?

Como você é amável, Fran!

Depois do jantar eu e Perry saímos a passeio...

Brett me deu ótimos contratos! Vamos casar na próxima semana, querida. Nada de espera!

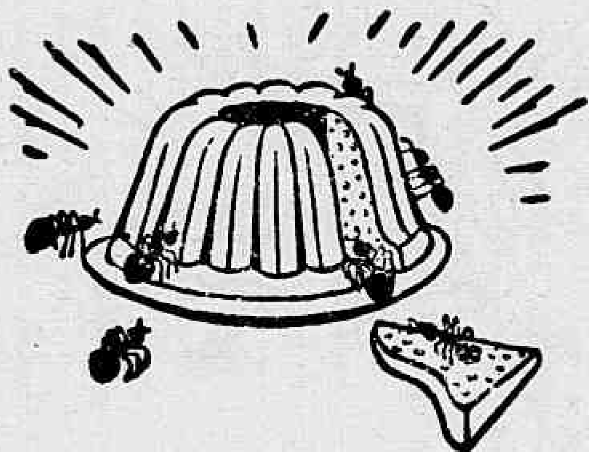
Oh! querido! Sim!

6

CONSEGUIRA' CLAIRE, AFASTAR BRETT DE ANN?

"Hóspedes indesejáveis"

...são baratas e formigas que invadem a cozinha para estragar e contaminar os alimentos.



Proteja armários e prateleiras com NEOCID em pó, que não transmite cheiro à comida e é inofensivo.

Prefira a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do Óleo de Peroba.

NUM CONVENTO DE. . .

(Cont. da pág. 15)

nar. As lâmpadas são minúsculas, do tamanho dessas que se usam nos oratórios ou nos santos, lâmpadas votivas, de poucas velas, como se todos ali já estivessem, verdadeiramente, num grande sepúlcro, enterradas vivas. Quando têm necessidade de falar, não transmitem suas vontades por meio de palavra falada. Servem-se de um caderninho e nele escrevem o que desejam enviando o pedido à Madre Priora. Para obter-se esta reportagem relâmpago foi preciso muito esfôrço. Uma das irmãs declarou que sua entrada para a ordem foi devida à leitura da «História de uma alma» de Santa Teresa do Menino Jesus. Uma outra foi parar ali, por fôrça de uma promessa: salvar um irmão das garras dos alemães em 1944. Deus a ouviu e o rapaz foi salvo. Ela corajosamente, cumpriu a promessa renunciando a tudo neste mundo, mas está satisfeita e rende graças à Virgem do Carmelo.

NOS REDUTOS TIJUCANOS

(Cont. da pág. 21)

nais, com capacidade para milhares de pessoas, restaurante, grill-room, teatro com capacidade para 900 pessoas, o que virá por certo encher uma das maiores lacunas da zona norte, bibliotecas, salas de aula esportiva e demais dependências coligadas, tudo num conjunto harmonioso, agradável. E' por êsse plano que o Tijuca luta atualmente e a cidade inteira deveria auxiliar, pois em seu quadro social não apenas os tijucanos encontram lugar, mas também os moradores dos mais longinquos bairros até o Leblon. O sentimento que move os atuais dirigentes do clube não é o bairrismo, êles querem dotar a cidade, a capital do país, de uma sede de clube que por certo será conhecida no mundo inteiro como um verdadeiro oásis no centro de uma das mais belas metrópoles. Compreendendo as finalidades de uma agremiação na vida da sociedade de hoje em dia, com tôdas as dificuldades oriundas do desentendimento geral, essa obra será por certo beneficiadora, inclusive no campo das relações humanas, igualando os deveres e os direitos de uma grande massa, o que por certo servirá de exemplo a todos os outros clubes da cidade, espicaçando as boas iniciativas de outros grupos em prol do melhoramento urbanístico do Rio de Janeiro.

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela Óleo de Peroba.

O COLAR DE PÉROLAS

(Cont. da pág. 36)

nedito, filho do Promotor de Curral da Mata, ia casar-se no mês que entrava, e ambas queriam brilhar ostentando a jóia.

Só havia uma solução: era vender a peça e dividir a quantia apurada.

Sim, não havia outro jeito.

Dirigiram-se a um joalheiro, em companhia do advogado. Mostraram a jóia. O homem, calvo, com grande brilhante na gravata, apenas olhou o colar, disse, com um sorriso amável:

— Desculpem, mas só negociamos com jóias verdadeiras.

— Como? — perguntou o advogado. — Então esta não é...?

— E' uma boa imitação — disse o joalheiro.

Não puderam crer, os três. Tinha de ser verdadeira aquela jóia, tinha de ter valor, o tal colar. Por causa da herança as irmãs, que se estimavam tanto, que viviam juntas desde que se casaram, que nunca discordaram em nada — haviam rompido definitivamente. Por certo o joalheiro se enganara. Êle não calculava o alto valor daquele colar. Um colar herdado da multimilionária Dona Olivia! Apreensivos, foram a outro joalheiro. Repetiu-se a cena. Foram a muitos outros.

Então era verdade!

Bem que Dona Olivia prevenia! Que os sobrinhos deixassem que ela lhes ia ensinar.

— Mas os bens, doutor, para quem ficaram? Onde está a fortuna dela?

— Nos Orfanatos, nos Asilos, etc.

Voltaram no noturno. O colar, deram ao advogado — rapaz ainda solteiro, que disse logo que ia presentear a noiva, com êle.

Mal o trem partiu, as duas irmãs olharam-se — e puseram-se a chorar. Choraram a valer, abraçadas, apertadas uma à outra.

— Pureza!

— Angelina!

O trem apitava. E as fagulhas da lenha cortavam o espaço negro como coriscos incandescentes.

Os móveis representam a vida do seu lar, e o Óleo de Peroba a vida de seus móveis.

Os seus móveis velhos poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza Óleo de Peroba.

QUEM NINA O...

(Cont. da pág. 17)

O senhor é homem, poderá ir para qualquer lugar... Mas nós... só as duas... Por fim, aguentamos firmes, e, aqui estamos! Graças a Deus! Somos tão felizes!...

— D. Miloca, pode crer, mamãe se orgulhava tanto das meninas! Tinha-as em muito melhor conta do que a mim. E com razão. As senhoras se equilibraram logo, são resolutas! Eu...

— Já sei sr. Juca — interveio Margarida cumprimentando —, o senhor foi criado só, é mais dificil mesmo... Mas, pode contar com o nosso auxílio. Verá que vai dar certo tudo, tudo!

— E é justamente o que vim fazer: — Acertar as contas deixadas por mamãe, e pedir que continuem lavando minhas roupas. Não é preciso ir lá em casa; não ficaria bem. Eu mesmo posso trazê-las aqui. Mas, o que mais me embaraça é a questão da comida: tenho feito as refeições, ora aqui, ora ali... Se achasse alguém... por exemplo... se... se as senhoras me dessem pensão... Viria buscar a comida todos os dias. A minha situação de homem solteiro e só, afuguenta qualquer cozinheira que se preze...

— Olha: o senhor vem comer aqui em casa; lá, seria uma balbúrdia; como se arranjaria para servir a mesa e lavar pratos? — observou Margarida.

— Mas, não ficaria bem: são sòzinhas... e...

— E que tem isso? — Continuou a moça — Vão falar? Que falem! Podem até rachar pelas costas, de tanto gritar. «Seu» Juquinha, o senhor não conhece aquela fábula de um menino, um velho e um burro? Pois falam com, ou sem razão. Portanto...

O Juquinha não era o mesmo. Deixou todo aquêle jeitinho de «menina moça». Com a perda que tivera, do único bem, sua bondosa mãe, a mudança repentina operada em seu modo de vida, mais exterior fora daquêle casarão triste, fizera o milagre. Muito contribuiu em tudo, a cooperação das irmãs, Margarida e Miloca. Mas, entre êle e Margarida, as cousas iam melhorando demais, indo para rumo diferente. Devagar, muito de mansinho, a camaradagem comum de simples amigos, escorregára para a melosidade dos amores platônicos. Juquinha, uivando... isto é, suspirando ao sair da lua, melancólico... Sempre inspirado para escrever versinhos... e muito parecidos uns aos autros. Pois, invariàvelmente, apareciam as palavras: amada, rimando com idolatrada; querida, e internecida; amor, com... não me lembro mais... Do lado de Margarida, mesmo sendo a primeira paixão em sua existência feliz, havia mais comedimento, menos transtornos. Ficou mais alegre, viva, — uma verdadeira cigarra em mês de outubro. Cantava o dia todo! Era feliz!... Amava e adivinhava ser correspondida. E êsse chove não chove continuaria eternamente, se a Miloca, no dia do aniversário do Juquinha, não tivesse armado uma cilada.

— Enquanto eu vou para a cozinha, dar uma espiadela no bolo e aprontar o chá, Margarida ficará, aqui, ao seu lado, fazendo sala ao nosso querido aniversariante. Mais uma cousa: vou buscar o tabuleiro de ludo. Desta vez não haverá tentos de feijão. Sou eu quem vai decidir o prêmio ao vencedor. Feito?

A armadilha estava pronta. Miloca foi para o interior dacasa, deixando ambos entretidos com o jôgo. Ludo ou jôgo de São Francisco, é o mesmo. E, lá dos fundos, Miloquinha ouvia o rumor da canequinha com o dado. Também sabia perfei-

"Êle depende da Sra..."



e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de Peroba.

tamente que estava com a jogada. Juquinha emborcava a caneca de encontro à mesa, fazendo um ruído ôco. A pequena, mais delicada, soltava o dado a rolar pela tábua lisa. E a partida estava animada, a julgar pela alegria e entusiasmo reinantes. Miloca, atarefada, enchia o bolo de velinhas. Que gênio bom e gaiato, o dessa criatura. Nem Margarida sabia das 26 velas espetadas sôbre o manjar apetitoso. Era tudo segrêdo. E o fim tão almejado para aquela noite, não poderia falhar! Quando a algazarra assinalou o fim da partida, Miloca apareceu:

— Quem ganhou?

— Eu, naturalmente. — respondeu Margarida.

— Então vamos decidir isso depressa. Venha cá, Margarida. Aqui. Feche os olhos e nada de espiar! E' surprêsa. Agora, vou pôr as mãos nos seus ombros. Mas, em vez das suas, eram as de Juquinha que ela colocou sôbre os ombros da irmã. Aí, com gesto rápido, forçando as duas cabeças, fez que Juquinha beijasse a testa de Margarida.

— Que é isso, Miloca?!

— E' isso mesmo. Já estou cansada de ouvir suspiros, resmungos e cantarolas. E tratem de acertar tudo agora. — Encaminhando-se para a cozinha: — Dêem um jeito de também aprontar a mesa: vou buscar o que comer e beber.

Margarida e Juquinha eram dois pimentes maduros, bem vermelhinhos!... Mas, quando a irmã apareceu, equilibrando em uma das mãos o enorme bolo, e, na outra, o bule de chá, foi logo advertindo:

— Epa! O prêmio era um só. E vocês já estão abusando. Podem ir tratando de se comportar.

Nunca houve tanta alegria e felicidade sob aquêle teto como nesse dia!

. . . .

Um ano se passára... Na casinha, bastante melhorada, viviam, agora, quatro: Miloca, Margarida, o marido e um lindo e gorducho bebê. Juquinha, despreocupado, cisma, a se balançar em uma cadeira. Enquanto a mamãezinha apronta a mamadeira, o pequeno «dá o estrilo», nos braços da titia. Nisto, o papai desata em estrondosa gargalhada.

— Você está ficando maluco?!

— Não, minha querida cunhada: Veio-me à mente certo fato... E, você não se lembra de ter dito, há algum tempo, essa mesma pergunta que acabou de fazer?

— Eu?... não... não me lembro, não...

— E nem daquele dia em que pela primeira vez cheguei a pedir o auxílio de vocês? Alguém disse nesse dia: Só quero ver quem vai ninar o nenê.

— Que bonitão, hein?! Bradou Margarida, que se lembrára de tudo. — O «senhor» a nos espiar!... Que gracinha! «Seu» malandrão!...

— Ouçam, pois: — atalhou Miloca — Estou muito contente, muito! Não é, meu amorzinho? — Perguntou ao bebezinho, que principiava a dormitar. E, embalando, amorosa, o sobrinho: Sou eu quem nina o nenê... sou eu... sou eu... Nan-na...nanna...nan-na...

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com Óleo de Peroba.

COPACABANA

(Cont. da pág. 35)

Trata-se de uma rapaziada que ainda não trabalha, vive às custas do pai, mas se acostuma a ir tôdas as noites lá. As mulheres que geralmente freqüentam uma *boite* dessas que aceitam o freguês em manga de camisa são românticas. Elas querem viver uma personagem imaginária, não desejam ser confundidas com as prostitutas, mas no caso de engano não se magoam muito. Quase sempre são desquitadas, separadas do marido, ou donas que nunca se casaram e não têm mais esperanças de conseguí-lo, nem querem. Dizem que do mundo nada se leva, que pouco se incomodam com o que pensam delas, e que desejam apenas se distrair. São interessantes, afinal de contas.

Mas, uma *boite* dêsse gênero atrai ainda outra espécie de freqüentadores. As moças que se punham antigamente a namorar, umas com mais liberdade, outras com menos, mas de qualquer maneira dentro de certos limites, passavam as horas de encontro ordinàriamente nos cinemas. Sempre a questão do lugar escuro, onde não se é visto, porque o grande golpe é não ser visto. Descobriram agora que nada é mais interessante que estar ali na *boite*, tomando um Martini, cômodamente num canto, para onde ninguém olha, podendo beijar à vontade, na frente de todo o mundo, porque ninguém repara e, ainda por cima, dançando, mas dançando colocado, como se estivessem num quarto a sós, pois tudo naquele recinto é muito natural. As mocinhas que costumam obter em casa a confiança dos pais, que podem chegar às 11 ou meia-noite, inventando que a condução estava difícil, se moram no Andaraí ou na Tijuca, não devem esperar encontro com vizinhos em Copacabana. Ficam então como querem.

Assim, parece, é o aspecto à noite de Copacabana, o bairro que de repente se pôs a crescer num ritmo vertiginoso e agora mantém aberto até pela madrugada êsses lugares onde um homem e uma mulher pode esquecer seus aborrecimentos ou acender seus instintos mais grosseiros. Começou com a guerra, quando os bares ao longo da praia era lugares de encontro entre os americanos e as senhoras amáveis daqui. A guerra já se foi há muito. Todos os bares da praia voltaram a ser lugares recomendáveis às famílias: todos, menos um. Êsse um ajeitou uma pista de dança, pôs a cerveja a preço de *cabaret*, e as pequenas que ficam *trabalhando* na calçada da praia, quando se cansam, vão para aquêle recinto em busca de melhor sorte. O local é freqüentado por estrangeiros, rapazes suburbanos — trabalhadores que vêm para conhecer o ponto, em meio de algum acanhamento e um desembaraço acapadoçado — sem falar na malandragem do lugar, que aumenta dia a dia. Há menos de um ano abriu-se outro estabelecimento nos moldes do que estava sòzinho desde a guerra. O negócio dá, mas o local apropriado a êle é a Lapa; continua em Copacabana sem que o bairro tenha nada a ver com isso. Se para êle se transferem os habitantes dêsse mundo baixo e de má fama, daqui a pouco vai ser difícil garantir o seguinte: Copacabana não é um bairro de maus costumes.

HÁBITOS DE FORA

Está visto que não lhe faz nenhum mal ter pontos para seus moradores se divertirem. Êles, na verdade, como em todo o Rio, só têm os cinemas. Os teatrinhos com que vêm contando de uns dois anos para cá melhoraram um pouco as noites. Acontece que, depois das 10 horas, quando as últimas sessões começam, não há mais nada. Se não há, é porque não haveria freqüência suficiente para manter o estabelecimento aberto, é claro, o que leva o raciocínio a uma conclusão: sua gente, à noite, quer é dormir. Só dorme de noite quem trabalha de dia. Trabalhar de dia e dormir de noite é o que faz qualquer lavrador, na mais pequena fazenda paulista, na sua vida serena e normal.

Vamos, portanto, acabar com essa história de falar em mistérios de Copacabana, e dizer que lá não parece Brasil. Êsses boatos nasceram porque algumas estrangeiras passaram a sair de calças, há tempos, sem ligar os cochichos que a respeito delas alguma cabocla se dispôs a fazer. A cabocla, a custa de tanto ver, um dia resolveu pôr umas calças também e acabou concluindo que elas não caíam. Quando uma senhora foi vista, pela primeira vez, na fila do ônibus fumando um cigarro, houve quem dissesse: "Que uma mulher fume em casa, vá, mas na rua!..." Agora, tôdas elas fumam no bonde, nos ônibus, paradas na esquina, andando, e não é por isso, acabaram concluindo, que ficam piores. O bairro está à beira da praia, e o calor é, como se sabe, insuportável em certos meses. Veio a idéia do *short*, para ir ao banho, mas para andar com êle a qualquer hora foi um pulo. E depois veio a boa idéia dêsses vestidos que deixam o busto nu, o que leva tôdas as mulheres a tomar pelo menos duas medidas simpáticas: elas tomam banho e raspam os pêlos debaixo do braço.

Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão, conservando-os com Óleo de Peroba.

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com Óleo de Peroba.

A SAÚDE DO BEBÊ

VERDADEIRAS E FALSAS LESÕES SIFILÍTICAS

DR. SABOIA [illegible]

COM o nome ou a suspeita de sífiles correm muitas moléstias de pele da criança, que, entretanto, nada têm que ver com essa infecção O fato é explicável porque é comum o êrro de supor-se a sífiles infantil como consistindo em manifestações de tipo exulcerativo e ainda incluindo todos os tipos de doença da pele menos conhecidas.

E' um êrro muito generalizado, êsse, quando a verdade é que a sífiles na criança assume diversas localizações e formas, e sobretudo no menino de peito, é uma sífiles, muitas e muitas vêzes visceral, isto é, desenvolvendo-se tão sòmente na profundeza dos orgãos; nessas condições, pode até a criança nascer com a pele rósea e fresca, gorda e aparentemente sadia. As manifestações da pele costumam vir mais tarde. Muda aparência, torna-se despolida, a côr rósea desaparece, e é substituida por uma coloração assafroada, como dos asiáticos. E' usual compará-la ao amarelo de café com leite, ou àquela coloração característica dos dedos dos fumantes inveterados.

O pediatra formula seu diagnóstico de sífiles congênita levada por um conjunto de sinais — funcionais uns, somáticos ou físicos outros — e não sòmente através das lesões tegumentárias. Muitas vêzes, terá de recorrer ao exame do sangue materno para apurar a da criança, pois «sifilítica a mãe, sifilítico o filho». Entre as lesões externas, dos tegumentos, de natureza sifilítica, destacam-se três permitindo o rótulo de sifilíticas:

1 — O **penfigo palmar e plantar** — onde vesículos contendo um liquido seroso se abrem, nas palmas das mãos e plantas dos pés, deixando à mostra o corpo papilar, vermelho e húmido. Essa localização é muito importante para diferençar de chamado «penfigo neonatorum», como o primeiro ocorrendo nos primeiros dias ou semanas, mas se localizando, principalmente, nas regiões onde exerce uma compressão ou irritação (dorso e nádegas, coxas e regiões inguinais, etc.).

2 — O **penfigo bulhoso** que se distingue essencialmente do primeiro por sua dispersão por todo o corpo (e não sòmente pés e mãos como aquêle) e também porque menores.

Na separação entre as duas formas se levará em conta o seguinte:

No **penfigo palmar e plantar** (que aliás, na sua evolução, muitas vêzes não fica sòmente nas mãos e pés, mas se propaga aos braços e pernas) as visículas contém um liquido seroso que mais tarde se turva; no **penfigo bulhoso**, o liquido é seroso e purulento.

O tamanho também serve de critério diferencial:

As do **penfigo palmar e plantar**, são do tamanho de uma lentilha ao de uma pequena moeda: as do **penfigo bulhoso, geralmente menores**.

3 — as **sífiles maculo-papulosas** — onde se vêem eflorescências esparsas pelo corpo, sobretudo rosto, pernas e braços, de forma redonda.

4 — as **fissuras cutânea-mucosa**, devidas às infiltrações do treponema (germe da sífiles) junto aos orifícios da bôca e do nariz, com mortificação e efrações da mucosa.

Fora dessas espécies tegumentárias e diagnóstico de sífiles é menos justificavel, como **lesões** da pele..

Como dissemos, na criança, nem sempre ela se acompanha de semelhantes lesões, e muitas vêzes o quadro nada tem de moléstia da pele

Dentre as moléstias da pele que nada têm que ver com a sífiles cumpre estar prevenido com as seguintes:

a) — A dermatite esfoliativa — que se exibe como uma extensa queimadura que Inicia-se na maioria das vêzes, primeiros dias ou semanas de vida, junto à bôca se alastra em 2 a 3 dias por todo o corpo.

cuja epiderme vai-se desprendendo em grandes laminulas deixando uma carne viva. Vai depressa ao resto do corpo, como um incêndio.

Sôbre a carne viva se formam verdadeiras crostas, e como reação, ragadias e fissuras.

E' moléstia seríssima, acompanhando-se de febre e grande repercussão sôbre o estado geral.

b) — A **eritrodermia descamativa** — que ataca o couro cabeludo, como uma seborréia sêca recobrindo uma superfície enrubecida, extendendo-se também à fronte. Com pouco tempo são atingidos igualmente o tronco e as espáduas por uma descamação foliácea, deixando uma pele avermelhada, ao desprender-se, ou mesmo sangrenta.

Como a dermatite exfoliativa, a eritrodermia é moléstia grave.

Muitos opinam que se trata de uma e mesma molestia, pois já se tem visto uma transformar-se em outra.

CORRESPONDÊNCIA DAS MAES

F.R. — Nesta — Na idade de seu filhinho o ovo já pode ser usado, porém observe bem duas coisas: que seja cosido e bem fresco. Por outro lado, não abusar. No máximo 1 por dia, duas vêzes na semana.

GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos".

Acaba de sair a 11.ª edição — Preço: Cr$ 60,00.

Pedidos para o interior à LIVRARIA FRANCISCO ALVES.

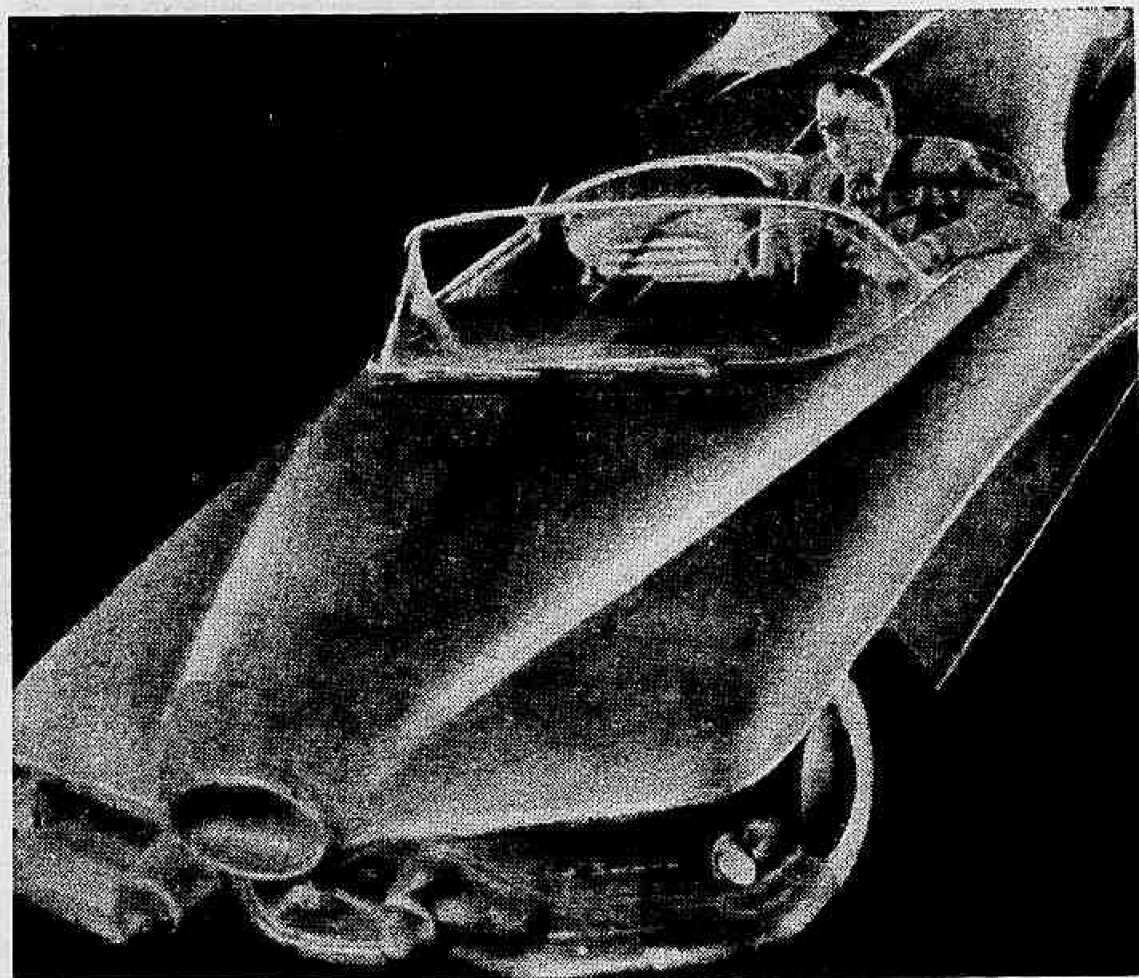
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

FERRO ARSYLOSE

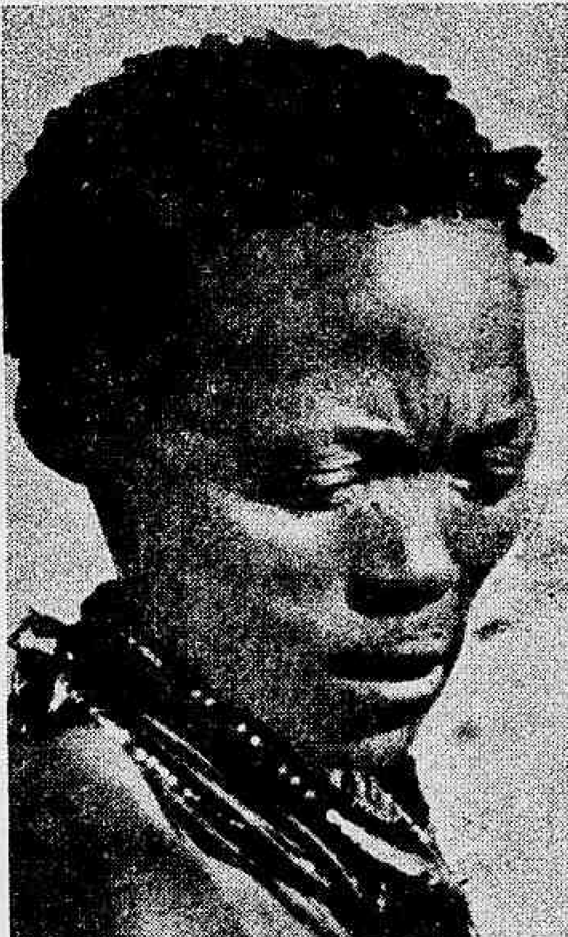
Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só FERRO ARSYLOSE

Pedidos do interior a **ARAÚJO FREITAS & CIA.** — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — RIO DE JANEIRO

TUDO ISTO



SERÁ ÊSTE O CARRO DO FUTURO? E' fabricado pela «General Motors» e representa a mais moderna perfeição em matéria de automóvel de passeio para duas pessoas. À frente um só farol de grande potência iluminativa além dos faroletes laterais. Deram-lhe o nome de «Sabre». Sua capota é erguida automàticamente e tudo o mais é feito elètricamente, até a mudança de pneus sem se sair do volante...





OS ÚLTIMOS TIPOS DE UMA RAÇA quase extinta estão aqui presentes neste casal de negros africanos dos desertos de Kalahari, Africa sul-ocidental. São de pequena estatura e dotados de extraordinário senso artístico. Sua língua é um dialeto similar ao antigo egípcio, o que constitui para os amantes da glotologia curiosa fonte de pesquisas. As autoridades da Africa procuram proteger êstes habitantes

QUE ESCÂNDALO!



A arte de apresentar vitrinas é um dos maiores cuidados de todos os comerciantes do mundo. Uma vitrina bem apresentada atrai curiosos, forma opinião, produz novos clientes, e, conseqüentemente, maiores lucros para o vendedor. As casas de modas, especialmente as de artigos para o mundo feminino têm verdadeiro espírito "religioso" no arranjo de suas montras. Quanto mais chiques e bem arrumadinhas, mais afluem às mesmas o mundo feminino o mais sofrem as bôlsas de pais, maridos e irmãos bem instalados na vida. Mas é preciso que não haja distrações comprometedoras, já não dizemos quanto aos preços expostos, mas no que diz respeito às figuras e manequins à vista do público. Veja o leitor o que acaba de acontecer na cidade de Dublin: um decorador de vitrinas, que sofre freqüentemente de lamentáveis distrações, causou um escândalo que deu o que falar a tôda a cidade e obrigou a intervenção do "Comité de Vigilância", composto de cidadãos zelosos e impecáveis em seus hábitos. O decorador de vitrinas de grande e conceituada casa de modas, aproveitando a entrada da primavera de 1951, quis provocar boas vendas entre os noivos da terra e expôs um manequim com êstes dizeres: Noiva da Primavera de 1951. O caso provocou murmúrios e protestos gerais. Mas, por que? Pelo fato inédito ali e aqui, de que o "modêlo" da noiva constava apenas destas peças: luvas, sapatos e o véu! Diz a notícia que, as famílias austeras de Dublin, que passavam, pela manhã do último domingo, para a igreja, vendo o "modêlo" para as noivas naquela primavera, eram prêsas de forte comoção. Não era possível que essa afronta aos bons costumes e tradições das jovens de Dublin ficasse impune. Uma noiva apenas com luvas, sapatos e véu! Nem Eva, casara assim com pai Adão...

O SENADO SEM CHÁ



UMA notícia calamitosa, leitor: o primeiro secretário de nossa Câmara Alta, a fim de iniciar sérias medidas de economia no Legislativo federal, ordenou a suspensão do serviço de chá aos senhores pais da pátria. Vamos ter chôro em série. Muitos senadores e freqüentadores das rodinhas dos que têm a felicidade de ir para o palácio Monroe, já se lamentam em lágrimas alegando que o chá do Senado é uma tradição que não pode ser abolida assim sem mais nem menos. E contam nos dedos: Rui Barbosa tomava o seu chá no Senado; Góis Monteiro, idem; Irineu Machado era grande bebedor da infusão asiática que já foi produzida no alto da Boa Vista, ao tempo de Taunay. E então? Se o chá é bebida de gente civilizada e dá um certo ar de distinção a quem o toma com torradas e manteiga da boa, como admitir-se que seja o mesmo expulso do Senado, numa hora em que é o novo govêrno o primeiro a dar estímulos para que se conserte êste país? A retirada das bandejas de chá da primeira casa do Legislativo Federal é uma afronta a quantos se interessam pela evolução e cultura dêste país. O café, o mate, são coisas de aspecto plebeu, sem as tradições de aristocracia e finura de espírito com que vive o chá. Mesmo sem vir da Índia, as folhinhas negras colhidas em São Paulo ou em Ouro Prêto dão grande prazer ao serem fervidas, resultando a infusão saborosa e estimulante. O chá nos deu a hora magnífica do "Five o'clock tea", quando jovens e homens maduros iam tagarelar e mexericar aí pelas portas das "Casas de Chá" que o vento já levou impiedosamente. Mas ficou o chá do Senado resistindo heròicamente como um Xá da Pérsia diante da ofensiva dos iconoclastas. Se retiram o chá do Senado, como querem que haja estímulos na ação dos nossos legisladores? Uma calamidade, leitor!

TRÊS CURIOSOS ACONTECIMENTOS



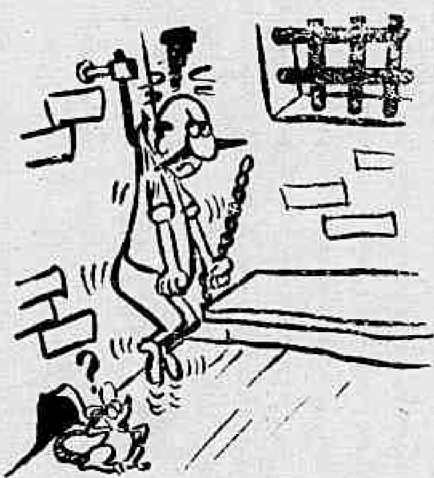
QUANDO o embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra, Mr. Sherman Douglas voltou para sua terra, definitivamente, foi-lhe oferecida festa de despedidas em Londres, pelo mundo oficial. À mesma compareceu a simpática princesa Elizabeth, herdeira do trono. Até aí nada mais natural. Entretanto, quando começaram as danças, viram todos, admirados, que Sua Alteza caíra no "charleston" e o dançara com grande vivacidade e perícia! Até às duas da madrugada a princesa se esbaldou nos movimentos da conhecida dança popular que é uma espécie de "frêvo" pernambucano menos rico de passos. ★ 2.° acontecimento — Quando se revelou angustiosa a crise de habitação de casas populares na Inglaterra, o govêrno Atllee providenciou para que fôssem, imediatamente construídas casas do tipo pré-fabricadas" num mínimo de 5 mil por ano. Com êsse ritmo de casas o povo da Inglaterra estaria acomodado dentro de poucos anos. Mas sucedeu o imprevisto: milhares de empregados que estavam trabalhando em tais casas, foram mobilizados para trabalhar em fábricas de aviões a jato a fim de atender-se à produção do Programa de Defesa do país. As fábricas de casas passaram a funcionar para produzir armas de guerra e, daquele mínimo de 5 mil casas para o povo inglês ainda sofrendo os efeitos da última guerra, apenas serão construídas por ano,. umas quinhentas... ★ 3.° acontecimento — Milhares de ferroviários do meio-oeste norte-americano vinham reclamando aumento de salário, ou a semana de 40 horas com os vencimentos de 48. Isso vem durante há mais de dois anos. Diante das resistências dos empregadores, êles entraram numa das greves mais estranhas dentre as muitas que conhecemos: adoeceram de "flu"... Que diabo é "flu"? Nada mais, nada menos do que "influenza". Mas em verdade, o "flu" entra aí como Pilatos no credo.



ÊSTES ESTAVAM EM LUA DE MEL. Êle é o escritor John Steinbeck, que se casou com a escritora Elaine Anderson, ex-espôsa do artista cinematográfico Zachary Scott. Esta fotografia foi obtida quando o casal gozava a lua de mel e estava a divertir-se num local noturno de Manhattan. Steinbeck nasceu em Salinas, pequena cidade da California, em 1902. Quanto a ela... manda a discrição que nada se adiante...

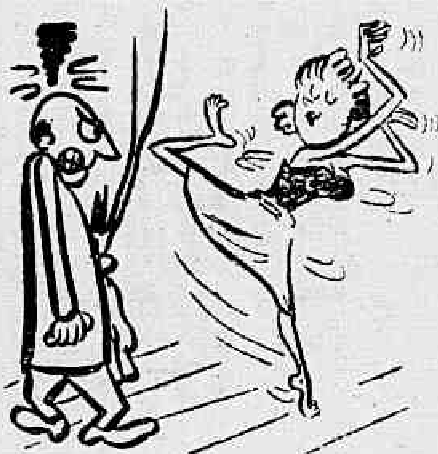
ACONTECEU

O GOLPE DO ACÚRCIO



O Acúrcio de que vamos tratar não é o conhecido político fluminense. Trata-se de outro que não tem Tôrres e sim Pereira da Silva. Mas, diga-se desde logo, nada tem a ver êste sobrenome com o psicanalista patrício. O Acúrcio Pereira da Silva é português e está muito bem de vida, graças ao comércio de carnes a retalho em seu estabelecimento na rua Barão de Mesquita. O Acúrcio açougueiro sempre teve intenções de enriquecer o mais ràpidamente possível. Se os machados e os trinchantes do seu açougue cortavam como navalha e desfaziam quartos de bois em minutos, por que não esperar de sua estrêla de carniceiro consumado uma ascensão vertiginosa no mundo das finanças? E foi pensando assim que o Acúrcio concebeu um plano. Tôda a carne seria vendida fora da tabela e a carne passaria por um decreto de sua providência pouco divina e muito desumana, a ser de primeiríssima qualidade. Mesmo carne do pescoço estaria elevada à categoria de "O" de penacho. Mas Acúrcio já estava bem informado sôbre estas coisas de leis coercitivas e sabia, por intermédio de um advogado "por fora da Ordem", que o crime seria inafiançável e êle estaria ainda sujeito a expulsão do país, por ser estrangeiro. Então o sabidão lançou mão dêste estratagema: não seria o dono do açougue, e sim "empregado". Graças aos recursos de que poderia dispor, conseguia farta e convincente documentação falsa "provando" que era empregado. Para impressionar, bem a Justiça, deu ao açougue o nome de "Verdum", fortaleza invencível ao tempo da primeira grande guerra. Mas tudo se descobriu e o Promotor Sá Peixoto desfez a sabedoria do Acúrcio e expediu mandado de prisão contra o açougueiro. Ah! as misérias da carne, "seu" Acúrcio!

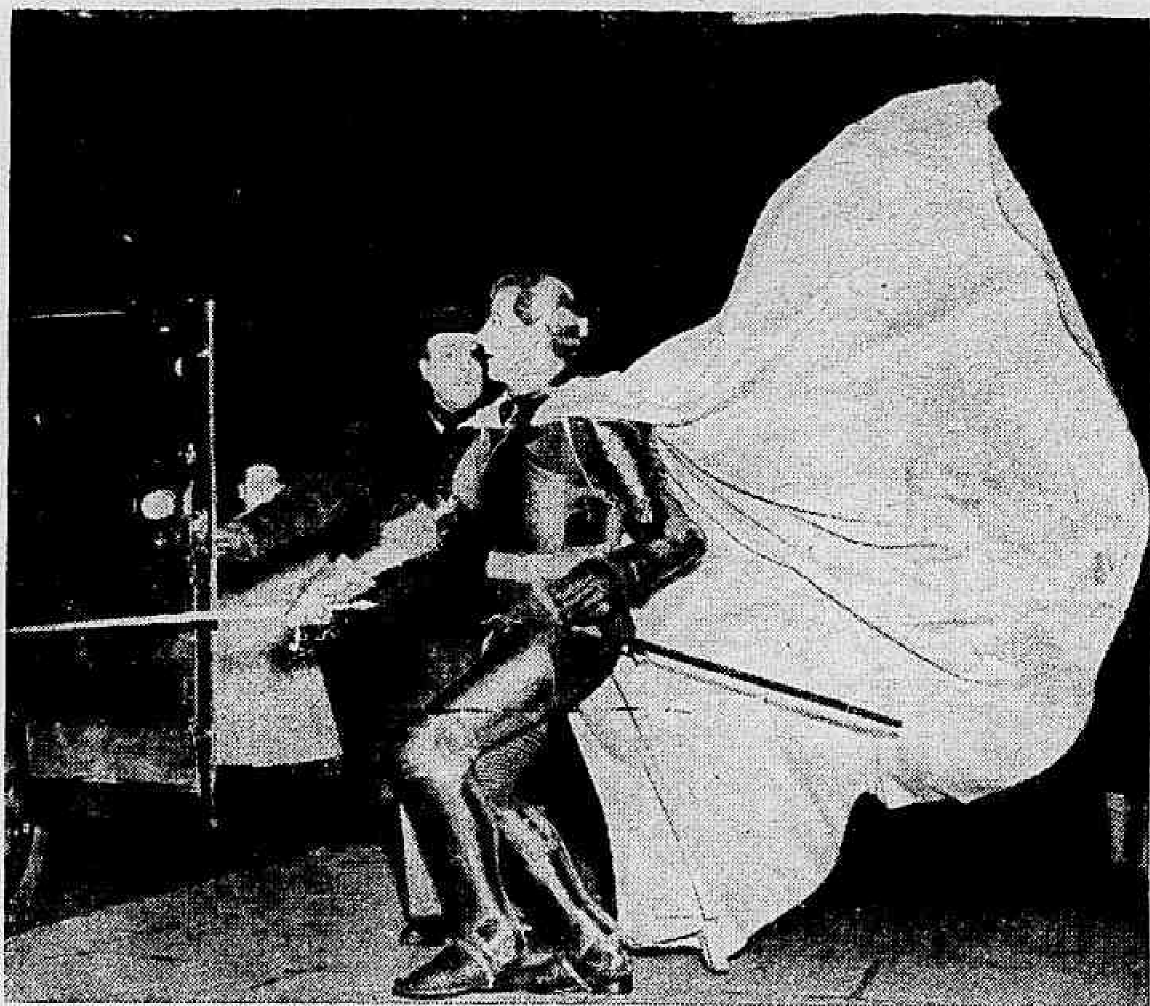
POR CAUSA DAS BAILARINAS



UMA firma comercial do ramo de calçados, funcionando nesta capital, desejando que os inquilinos de um de seus prédios dessem o fora o mais breve possível, teve esta idéia que pareceu definitiva: pedir o edifício a fim de no mesmo ser instalada uma fábrica de calçados. Sucede, porém, que era preciso encontrar uma espécie de calçados que não oferecesse dúvidas, sem o que, talvez, a justiça não concordasse com o motivo para o fatal despejo. Então, reunidos os chefes da firma autôra, escolheram um dos mais curiosos ramos de calçados para fabricar no prédio a ser desocupado: o sapatinho de bailarinas. Entregue o caso aos advogados, êstes dirigiram o "ultimatum" aos inquilinos. Mas, como não está fácil encontrar outro pouso onde dormir, os ameaçados contestaram os motivos da solicitação da firma e entraram com suas razões em juízo. Decidindo a ação o juiz Augusto de Moura deu ganho de causa aos inquilinos, tachando de insincera a argumentação dos proprietários do imóvel. E' interessante registrar aqui as palavras do juiz: "Êste juízo está convencido de que a finalidade da autôra é tão sòmente desalojar o réu e não a de fabricar 30 pares diários de sapatos para bailarinas. Em 250 dias de trabalho anual a produção seria de 7.500, no mínimo. Até parece que o Rio de Janeiro é a cidade das bailarinas". O senhorio apelou para o Tribunal de Justiça, o qual, por sua Sétima Câmara Cível apreciou, definitivamente a questão. E foi confirmada a sentença da primeira instância. O dr. Ari Franco, tomando parte na votação declarou que não havia no Brasil bailarinas para tanto sapato. E acrescentou: "Quem conhece bailados sabe que as melhores bailarinas dançam descalças". E a proprietária do imóvel perdeu a questão por causa das bailarinas. Por que não escolheu uma fábrica de tamancos?



DUAS VÊZES VIÚVA de guerra, Mrs. Snodgrass, residente em Pitman, Estado de Nova Jersey, é fotografada em meio de suas quatro filhas do segundo matrimônio. A senhora Jean Snodgrass casou a primeira vez com um piloto militar que morreu em 1945, em serviço na segunda grande guerra; casou novamente com um marujo da esquadra de Tio Sam, o qual encontro a morte em ação agora na Coréia. Embora sofrendo moralmente, é uma estoica



QUE SERÁ ISSO? Nada mais, nada menos do que o ocupadíssimo Anton Dolin, o mais popular bailarino e ator, empresário e televisionista de Londres! Dolin toma êste taxi vestido a S. Jorge numa pressa louca a fim de não perder o programa de sua responsabilidade no teatro Stoll, de onde «voará» no «Alexandra Palace», centro da televisão inglêsa. Logo que termina uma representação, já está sendo esperado noutro local de espetáculos de Londres...





AFINAL, QUEM COPIOU O MODÊLO? Este acontecimento é de interesse das senhoras. Reparem na absoluta igualdade: à direita, Soraya Isfandiari então noiva do Xá da Pérsia, usa o modêlo de Dior, de veludo negro bordado a ouro; à esquerda, a duquesa de Windsor, num baile do Hotel Plaza de Nova York, ao lado do espôso, traja vestido absolutamente igual, tanto na fazenda e adorno, como no modêlo! E agora?

CURIOSIDADES BUROCRÁTICAS



DE quando em quando publicam os jornais os mais pitorescos episódios de natureza fiscal, entre devedores contribuintes do erário e as autoridades coletoras. Há casos que inspirariam qualquer cultivador de comédias, com temas que matariam de rir o público. Ainda não faz muito, um cidadão estêve condenado durante anos e anos, para pagar Cr$ 1,20 (um cruzeiro e vinte centavos) de multa por ter deixado de cumprir determinadas exigências do fisco. Agora, vem a público um outro caso muito interessante e que muito bem nos mostra até que ponto gostamos dos processos demorados e quase chicanistas. Um agrônomo era funcionário de determinado Departamento do Ministério da Agricultura. Tendo que entrar para os cofres públicos com certa quantia em dinheiro, resultado de encontro de contas entre êle e o seu Ministério, fêz um requerimento sabendo qual era o seu saldo devedor, a fim de resgatá-lo imediatamente. Depois de grande demora, recebeu a resposta. Mas, homem probo, correto, descobriu que o funcionário que lhe mandara a conta havia errado contra a Fazenda Nacional em mais de quatro mil cruzeiros e, novamente oficiou advertindo sôbre o engano. Para não demorar mais o pagamento, mandou comunicar o saldo exato, solicitando providências para pagar imediatamente. Recebido o processo, o chefe respectivo despachou mandando a papelada para o funcionário que errara nas contas. Ao invés de agradecer o aviso do devedor e dar jeito na imediata cobrança, o servidor do Ministério achou uma saída para demorar ainda mais o assunto, alegando que deixava de providenciar porque os papéis estavam selados irregularmente, faltando Cr$ 6,00 em estampilhas de educação. E tudo parou, nesse pé. O agrônomo não pode pagar ao Ministério, porque a "selagem educacional" está insuficiente. E por êsses seis cruzeiros, o Ministério deixa de receber mais de quatro mil cruzeiros!



MARIO (Cantinflas) MORENO TEM A PALAVRA...

— Esta não é a minha primeira visita ao Rio, porque aqui já estive faz oito anos. Então, ainda meus filmes não tinham a divulgação que hoje encontrei e que muito me agradou, mas penso que "ainda não está como eu quero". Faço a minha viagem sem nenhum propósito comercial, para sentir de perto as platéias em cujos cinemas são exibidos os meus trabalhos. E' uma excursão ao mesmo tempo recreativa e de observações pessoais. Estas não podem ser melhores. Já em Pôrto Alegre e São Paulo vi-me rodeado de carinhosas recepções, mas aqui no Rio as coisas assumiram proporções que jamais poderia prever. Recebi convite para filmar em São Paulo; nada posso dizer por enquanto, mas acredito que tudo será encaminhado favoràvelmente — e tal solução vai ser para mim muito satisfatória. Conheci Oscarito, um cômico de grande valor em qualquer parte do mundo. Quero ver o maior número possível de filmes brasileiros para levar uma noção exata do que já se faz neste grande país. E no México, os senhores terão um criado às ordens. Cantinflas, seu humilde servo...

Assim falou Mario (Cantinflas) Moreno aos rapazes de jornal. Pessoalmente é um homem de aparência tímida, discreto, bem vestido (as roupas típicas ficaram no fundo da mala) e suportando com resignação a investida dos fãs. Não é, apenas, um cômico cinematográfico, mas um perfeito "gentleman". Viaja no seu avião particular mas tem a seu serviço um experimentado pilôto. No México, é pessoa de alto prestígio social e de grande influência e conceito nos grêmios cinematográficos.

Nota curiosa: provou a verdadeira "pinga" em São Paulo (parati com limão) e gostou.

CORREIO DA REVISTA

NYTHAMAR H. FERNANDES DE OLIVEIRA — Recife — Aprovado o seu conto «Uma história de amor». Continue.

DÉLCIO MUNIZ — Rio — Não podemos informar o nome do autor porque já decorreu muito tempo e o trabalho não foi assinado.

C. EUSTACHIO — S. Paulo — Recebemos. Logo que for julgado daremos notícias.

JOSÉ TORRES FURTADO — Angustura — Minas — Seu «Domingo em Casa» ainda não passou pelo exame da Comissão Julgadora. Espere mais um pouquinho. Seu dia chegará.

D.B. — S. Paulo — Pode mandar seu conto. Se for aprovado sairá a notícia com o seu nome total; se não, apenas as iniciais.

MARIA D'ALVA — Pôrto Alegre — Os contos devem ser inéditos para os principiantes. Nosso desejo é apenas o de proporcionar aos que se iniciam nas letras uma oportunidade para aperfeiçoar a vocação para as letras.

S.G. de S. — Rio — Não pôde sair o seu conto. Literàriamente está muito ruinzinho. Além do mais, o amigo não cuida muito de seu português. Como deve saber, nossa língua tem que apresentar-se bem vestidinha, elegante, com termos decentes e forma gramatical escorreita. Isso ajuda um bocado!

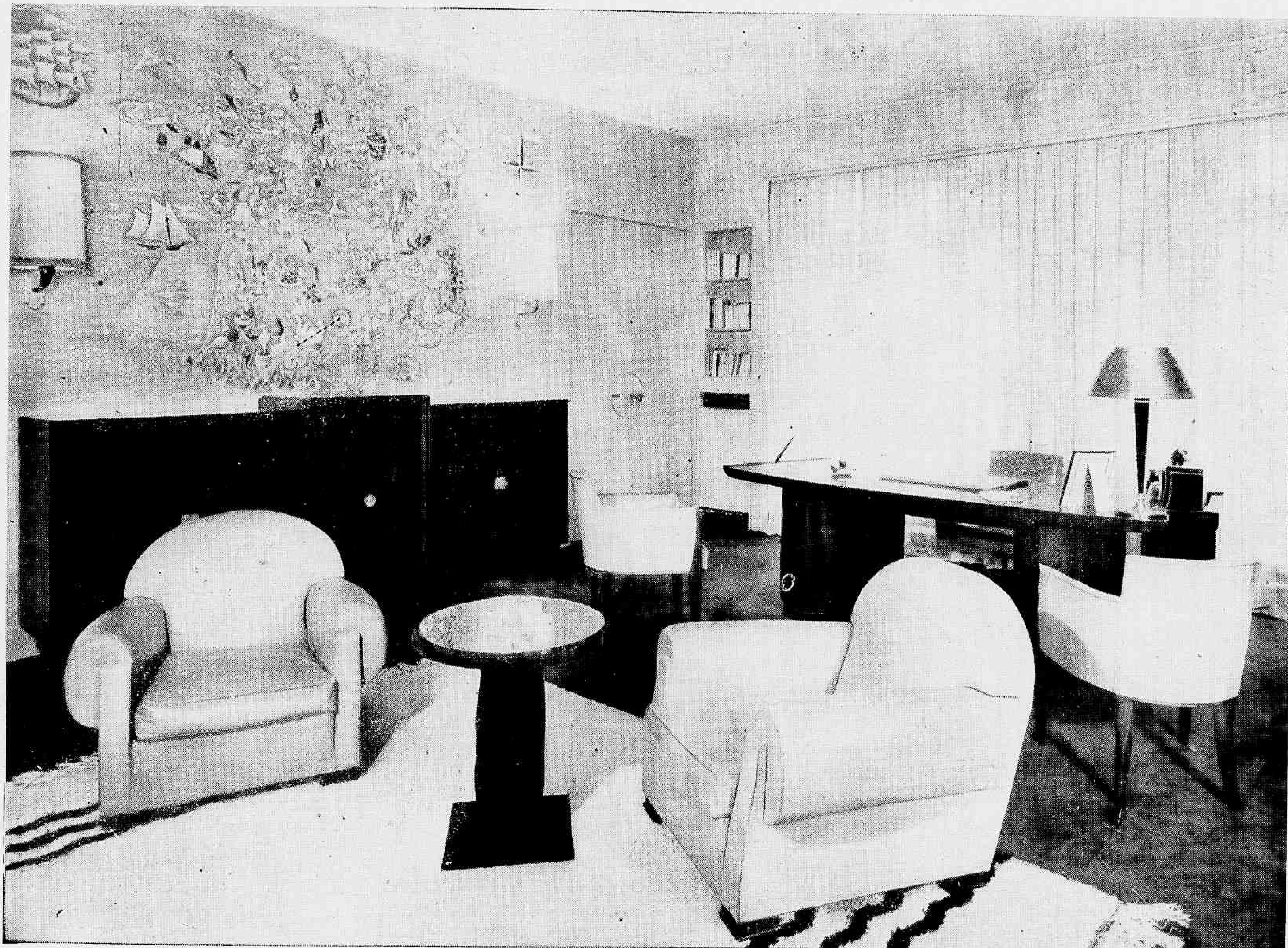
R.L. — Rio — A senhorita tem razão. Mas os examinadores dos contos também estão com ela, isto é, com a razão. Selecionam os trabalhos de nossos leitores e amigos com muito boa vontade e chegam, às vêzes, a consertar alguma cousa para que o conto fique O.K. E' uma ajuda lógica e humana. Mas isso, quando o todo combina. Mande outro, menina e tenha fé.

CLARINDA (?) — Não sabemos de onde nos veio sua carta, Clarinda, pois, não sòmente nada continha no contexto, como não pudemos descobrir a procedência pelo carimbo do correio, muito apagado. Seu conto não foi aprovado porque o tema escapa ao nosso programa. Não escreva tanta tragédia junta. Basta a rudeza de nossa vida cheia de tantos problemas. Escreva sôbre o amor, uma história suave, com algum humorismo pelo meio a fim de agradar o leitor. Precisamos de leitura alegre, não acha? E a senhora (ou senhorita) tem jeito e talento. Prossiga.

Respostas ao teste

1—Ouro Prêto
2—Castro Alves
3—Victor Meireles
4—1867
5—Santos
6—José da Silva Lisboa
7—1809
8—Bíblia
9—Ilha de Tenerife
10—Frade
11—Regret
12—Vergílio
13—Pierre de Ronsard
14—Graal
15—Santa Eulália
16—Uma mulher casada (Laura de Noves)
17—Século XVI
18—Galileu
19—Poeta italiano
20—Pero de Magalhães Gandavo (1576)

MÓVEIS E DECORAÇÕES



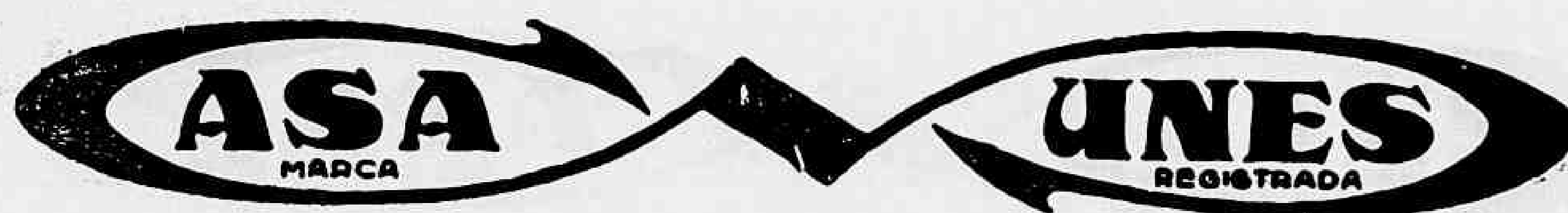
ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

Grupos estofados

— ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTRÊGA IMEDIATA

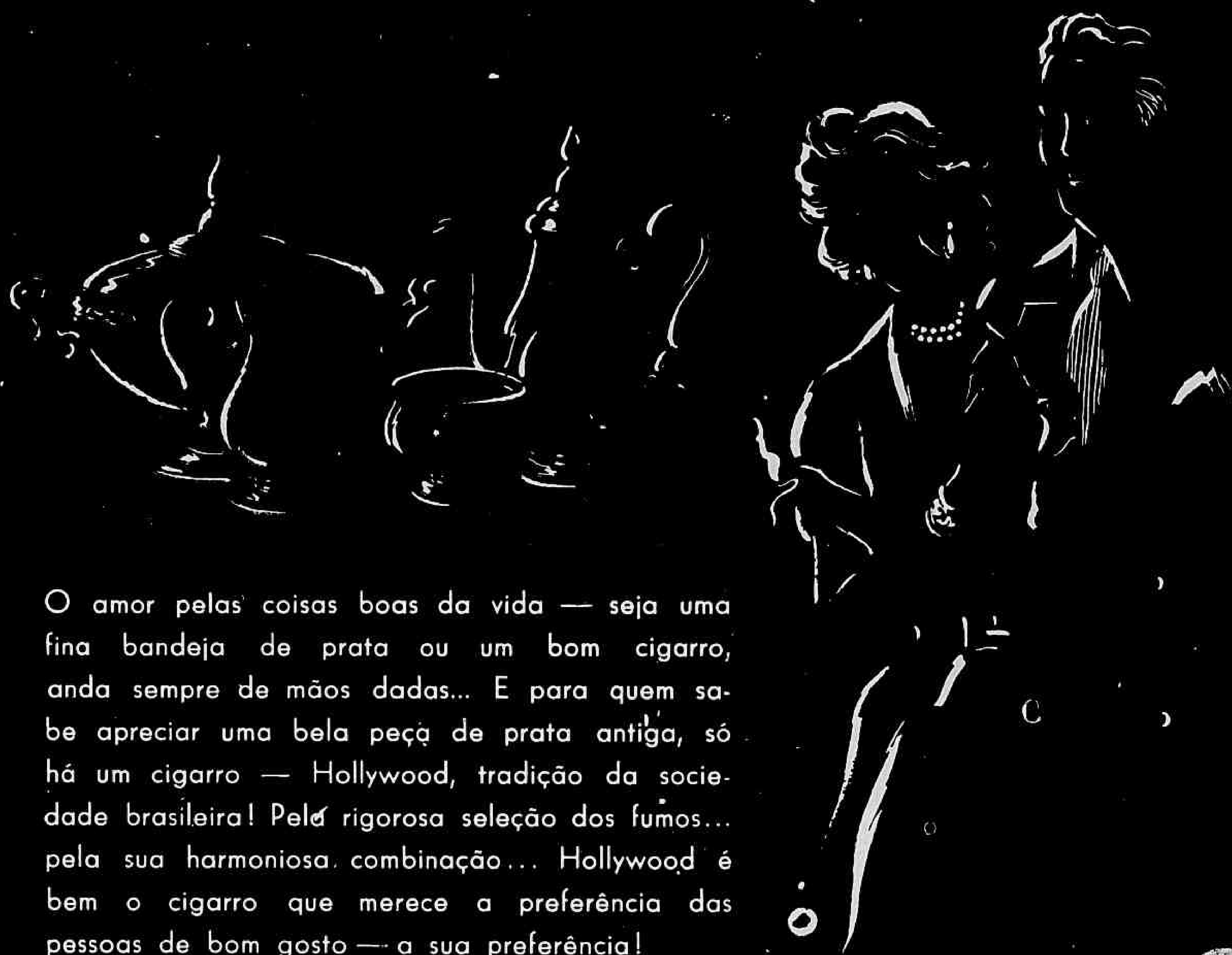
Tapêtes e Passadeiras

PARA FORRAÇÃO
DE TÔDAS AS QUALIDADES E TAMANHOS



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

Quem admira a prata antiga aprecia Hollywood



O amor pelas coisas boas da vida — seja uma fina bandeja de prata ou um bom cigarro, anda sempre de mãos dadas... E para quem sabe apreciar uma bela peça de prata antiga, só há um cigarro — Hollywood, tradição da sociedade brasileira! Pela rigorosa seleção dos fumos... pela sua harmoniosa combinação... Hollywood é bem o cigarro que merece a preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência!

cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto



um produto SOUZA CRUZ

H-88.065